



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

JOSEVALDO ALVES FERREIRA

**JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS: um estudo geossociolinguístico na  
região norte do Brasil**

BELÉM – PA  
2015

JOSEVALDO ALVES FERREIRA

**JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS: um estudo geossociolinguístico na  
região norte do Brasil**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da  
Universidade Federal do Pará como requisito parcial para a obtenção  
do grau de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Abdelhak Razky

BELÉM - PA  
2015

JOSEVALDO ALVES FERREIRA

**JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS: um estudo geossociolinguístico na  
região norte do Brasil**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da  
Universidade Federal do Pará como requisito parcial para a obtenção  
do grau de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Abdelhak Razky

**Banca examinadora**

---

Prof. Dr. Abdelhak Razky (Orientador)  
Universidade Federal do Pará - UFPA

---

Profª Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra (Examinador)  
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

---

Profª. Drª. Eliete de Jesus Bararuá Solano (Examinadora)  
Universidade Estadual do Pará - UEPA

---

Profª. Drª Maria Risôleta Silva Julião (Suplente)  
Universidade Federal do Pará – UFPA

*Aos meus filhos Maria Isabela, Maria Clara e Matheus que, há vários anos, compartilham comigo os altos e baixos da vida.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus que tem sido a minha força para continuar este projeto e em Quem refrigero minha alma nos momentos difíceis.

A minha mãe, Maria Eugênia, a quem tenho dívidas impagáveis.

Aos meus familiares, irmãos, irmãs, sobrinhos que acompanham cada passo que dou nesta jornada.

Aos meus colegas de mestrado Fernanda, Josué e, em especial, Brayna, a quem, passe o tempo que passar, não esquecerei o que fez por mim.

A todos os colegas do projeto Geossociolinguística e Socioterminologia (Geolinterm) pelo aprendizado que tenho tido com vocês em todos estes anos.

A Anderson Maia pelo incentivo que sempre me deu para continuar investindo em minha carreira docente.

A todos os colegas de trabalho que sempre me apoiaram e motivaram a ir em frente nesta labuta.

Ao meu orientador Abelhaky Razky que nos momentos mais difíceis se mostrou mais que um orientador.

Ao projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), na pessoa do professor Abelhak Razky, por disponibilizar os dados linguísticos necessários para a execução deste trabalho.

A Universidade Federal do Pará pela oportunidade oferecida, investindo em minha carreira docente.

*Para dizerem milho dizem mio*

*Para melhor mió*

*Para pior pió*

*Para telha dizem teia*

*Para telhado teiado*

*E vão fazendo telhados*

*(Oswald de Andrade)*

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo mapear e discutir a variação semântico lexical em seis estados da região norte do Brasil nas localidades pesquisadas pelo projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), para apontar áreas onde ocorrem itens lexicais comuns, comparar os resultados das cidades do interior dos estados pesquisados com as suas respectivas capitais, assim como o falar da região norte com a *área do falar baiano* resultado da tese de doutorado de Ribeiro (2012). Como aporte teórico e metodológico para a execução deste trabalho considerou-se a dialetologia pluridimensional, Thun (1998), além das contribuições feitas por pesquisadores da área da dialetologia como Cardoso (2010) e Razky (2013). A abordagem metodológica seguida foi a da geolinguística que permitiu que os resultados fossem apresentados por meio de cartas lexicais que mostram a variação geográfica dos itens pesquisados. Por se tratar de um trabalho pluridimensional, será observada, por meio de gráficos, além da variação diatópica, a variação no nível diastrático (faixa etária e sexo). Para a execução do trabalho foram utilizados os dados do projeto ALiB, coletados em vinte e três localidades distribuídas pelos estados do Pará, Amapá, Amazonas, Acre, Rondônia e Tocantins, entrevistando-se sujeitos de ambos os sexos, divididos em duas faixas etárias, dezoito a trinta anos, (primeira faixa etária) e cinquenta a sessenta e cinco anos de idade (segunda faixa etária). Para a obtenção dos dados foi aplicado o questionário semântico lexical do projeto ALiB, composto de 202 questões em 14 campos semânticos, dos quais se delimitou para esta pesquisa a área semântica *Jogos e Diversões Infantis*. Os resultados deste estudo demonstraram a ocorrência de pelo menos duas áreas geográficas que apresentam características lexicais comuns a cada uma em si, o nordeste e o sudeste da região norte. As capitais e as cidades interioranas apresentaram pouca diferença no campo lexical estudado. Como itens lexicais comuns à região norte que a diferenciam da *área do falar baiano* documentaram-se *peteca*, para designar *bolinha de gude*, *baladeira*, para *estilingue*, *curica*, para *pipa sem vareta*, só para citar alguns.

**Palavras-chave:** Dialetologia. Geografia Linguística. Variação Lexical.

## ABSTRACT

This project aims to map and discuss the lexical semantic variation in six states in the north region of Brazil in the cities that have been researched by the Linguistic Atlas of Brazil (ALiB), in order to demonstrate areas where common lexical items may occur, compare the data from the small towns to the ones from the capital cities, in addition to making a comparison between the results from the north region to the ones from the *baiano speaking area* which has been researched by Ribeiro (2012). As theoretical support to the development of this Project we have considered the Pluridimensional Dialectology by Thun (1998), as well as the contributions made by professors like Cardoso (2010), Razky (2013). The Geolinguistic method has been followed in this Project, which presents the achieved results through the use of maps that show the geographical variation of the language. As this is a pluridimensional Project it will portray, through graphics, the diatopic and the diastratic variation like age and sex. In order to carry on with this study, it has been used ALiB Project data which have been collected in twenty three locations in the north region of Brazil in six different states. Subjects of both sex and two different age levels (18 to 35 years old and 50 to 65 years old) have been interviewed. To collect the data researchers have applied a lexical-semantic questionnaire made up of 202 questions which covers 14 semantic fields. However, this Project has limited itself to study the semantic field “childhood games and plays”. The results achieved show the occurrence of at least two different geographical areas where proper lexical items may be found, that is, the northeast and the southeast of the north region of Brazil. The capital cities and the small towns demonstrated a few lexical differences in the studied semantic field. Some lexical items which characterize the north region thus differing it from *the baiano speaking area* are *peteca*, to name *bolinha de gude*, *baladeira* to *estilingue* and *curica* to *pipa sem vareta* just to name but a few.

**Keywords:** Dialectology, Linguistic Geography, Lexical Variation.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Localização das cidades pesquisadas não capitais .....	44
Figura 02	Localização das cidades pesquisadas - capitais .....	45
Figura 03	Mapa explicativo.....	49
Figura 04	Carta lexical do item cambalhota .....	52
Figura 05	Carta lexical do item bolinha de gude .....	58
Figura 06	Carta lexical dos itens estilingue/setra/bodoque .....	63
Figura 07	Carta lexical dos itens papagaio de papel/pipa .....	68
Figura 08	Carta lexical dos itens pipa/arraia .....	74
Figura 09	Carta lexical do item esconde-esconde .....	80
Figura 10	Carta lexical do item cabra cega .....	87
Figura 11	Carta lexical do item pega-pega .....	93
Figura 12	Carta lexical dos itens ferrolho/salva/picula/pique .....	100
Figura 13	Carta lexical dos itens chicote queimado/lenço atrás .....	107
Figura 14	Carta lexical do item gangorra .....	111
Figura 15	Carta lexical do item balanço .....	117
Figura 16	Carta lexical do item amarelinha .....	122

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Atlas regionais brasileiros segundo sua dimensionalidade .....	33
Quadro 02	Pontos de inquérito da pesquisa .....	35
Quadro 03	Dimensões consideradas na pesquisa .....	47
Quadro 04	Cores usadas nos mapas diatópicos .....	50
Quadro 05	Itens lexicais sob o rótulos <i>outras</i> (QSL- 155) .....	53
Quadro 06	Resultado da consulta em dicionários do item lexical cambalhota.....	55
Quadro 07	Resultado da consulta em dicionários do item lexical bolinha de gude ....	60
Quadro 08	Resultado da consulta em dicionários dos itens lexicais estilingue/setra/bodoque .....	65
Quadro 09	Itens lexicais sob o rótulo <i>outras</i> (QSL 158) .....	69
Quadro 10	Resultado da consulta em dicionários dos itens lexicais papagaio de pape/pipa .....	71
Quadro 11	Itens lexicais sob o rótulo <i>outras</i> (QSL 159).....	75
Quadro 12	Resultado da consulta em dicionários dos itens lexicais pipa/arraia .....	77
Quadro 13	Itens lexicais sob o rótulo <i>outras</i> (QSL 160) .....	81
Quadro 14	Resultado da consulta em dicionários para o termo esconde-esconde .....	83
Quadro 15	Itens lexicais sob o rótulo <i>outras</i> (QSL 161) .....	88
Quadro 16	Resultado da consulta em dicionários para o termo cabra cega .....	90
Quadro 17	Itens lexicais sob o rótulo <i>outras</i> (QSL162) .....	94
Quadro 18	Resultados da pesquisa em dicionários do item lexical pega-pega .....	96
Quadro 19	Itens lexicais sob o rótulo <i>outras</i> (QSL 163) .....	101
Quadro 20	Resultado da consulta em dicionários dos itens lexicais ferrolho/salva/picula/pique .....	104
Quadro 21	Resultado da consulta em dicionários dos itens lexicais chicote queimado/lenço atrás .....	108
Quadro 22	Itens lexicais sob o rótulo <i>outras</i> (QSL165) .....	112
Quadro 23	Resultado da pesquisa em dicionários do item lexical gangorra .....	114
Quadro 24	Resultado da pesquisa em dicionários do item lexical balanço .....	119
Quadro 25	Resultado da pesquisa em dicionários do item lexical amarelinha .....	124
Quadro 26	Os dois itens lexicais da Região Norte e Área do Falar baiano considerados na comparação das duas regiões .....	126

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01	Frequência dos itens carambola e cambalhota – dimensão diagenérica .....	54
Gráfico 02	Frequência dos itens carambola e cambalhota – dimensão diageracional ..	54
Gráfico 03	Percentual das formas lexicais de cambalhota- área do falar baiano .....	56
Gráfico 04	Percentual das formas lexicais de cambalhota- região norte .....	56
Gráfico 05	Frequência dos itens peteca e bola de gude – dimensão diagenérica .....	59
Gráfico 06	Frequência dos itens peteca e bola de gude – dimensão diageracional ....	60
Gráfico 07	Percentual das formas lexicais de gude – área do falar baiano .....	61
Gráfico 08	Percentual das formas lexicais de gude – região norte .....	61
Gráfico 09	Frequência dos itens baladeira/estilingue – dimensão diagenérica .....	64
Gráfico 10	Frequência dos itens baladeira/estilingue – dimensão diageracional .....	65
Gráfico 11	Percentuais das formas lexicais de estilingue – área do falar baiano .....	66
Gráfico 12	Percentuais das formas lexicais de estilingue – região norte .....	67
Gráfico 13	Frequência dos itens papagaio de papel/pipa - dimensão diagenérica .....	70
Gráfico 14	Frequência dos itens papagaio de papel/pipa – dimensão diageracional ...	70
Gráfico 15	Percentuais das formas lexicais de papagaio de papel/pipa – área do falar baiano .....	72
Gráfico 16	Percentuais das formas lexicais de papagaio de papel/pipa – região norte	72
Gráfico 17	Frequência dos itens curica/pipa – dimensão diagenérica .....	76
Gráfico 18	Frequência dos itens curica/pipa – dimensão diageracional .....	76
Gráfico 19	Percentuais das formas lexicais de pipa (sem varetas) – área do falar baiano .....	78
Gráfico 20	Percentuais das formas lexicais de pipa (sem varetas)- região norte .....	78
Gráfico 21	Frequência do item esconde-esconde – dimensão diagenérica .....	82
Gráfico 22	Frequência do item esconde-esconde dimensão diageracional .....	83
Gráfico 23	Percentuais das formas lexicais de esconde-esconde – área do falar baiano .....	84
Gráfico 24	Percentuais das formas lexicais de esconde-esconde – área do falar baiano .....	85
Gráfico 25	Percentuais das formas lexicais de esconde-esconde – região norte .....	85
Gráfico 26	Frequência dos itens lexicais pata cega e cobra cega – dimensão diagenérica .....	89
Gráfico 27	Frequência dos itens lexicais pata cega e cobra cega – dimensão diageracional .....	89
Gráfico 28	Percentuais das formas lexicais de cobra cega – área do falar baiano .....	91
Gráfico 29	Percentuais das formas lexicais de cobra cega – região norte .....	91
Gráfico 30	Frequência dos itens lexicais pira/pega pega – dimensão diagenérica .....	95

Gráfico 31	Frequência dos itens lexicais pira/pega pega – dimensão diageracional ...	96
Gráfico 32	Percentuais das formas lexicais de pega pega – área do falar baiano .....	97
Gráfico 33	Percentuais das formas lexicais de pega pega – área do falar baiano .....	98
Gráfico 34	Percentuais das formas lexicais de pega pega – região norte .....	98
Gráfico 35	Frequência dos itens lexicais mãe/manja - dimensão diagenérica .....	102
Gráfico 36	Frequência dos itens lexicais mãe/manja - dimensão diageracional .....	103
Gráfico 37	Percentuais das formas lexicais de ferrolho/salva/picula/pique – área do falar baiano .....	105
Gráfico 38	Percentuais das formas lexicais de ferrolho/salva/picula/pique – região norte .....	105
Gráfico 39	Percentuais das formas lexicais de chicotinho queimado/lenço atrás – área do falar baiano .....	109
Gráfico 40	Percentuais das formas lexicais de chicotinho queimado/lenço atrás – região norte .....	109
Gráfico 41	Frequência dos itens lexicais balanço/gangorra – dimensão diagenérica ..	113
Gráfico 42	Frequência dos itens lexicais balanço/gangorra – dimensão diageracional	113
Gráfico 43	Percentuais das formas lexicais de gangorra – área do falar baiano .....	115
Gráfico 44	Percentuais das formas lexicais de gangorra – região norte .....	115
Gráfico 45	Frequência do item lexical balanço – dimensão diagenérica .....	118
Gráfico 46	Frequência do item lexical balanço – dimensão diageracional .....	119
Gráfico 47	Percentuais das formas lexicais de balanço – área do falar baiano .....	120
Gráfico 48	Percentuais das formas lexicais de balanço – região norte .....	120
Gráfico 49	Frequência do item lexical amarelinha – dimensão diagenérica .....	123
Gráfico 50	Frequência do item lexical amarelinha – dimensão diageracional .....	124
Gráfico 51	Percentual das formas lexicais de amarelinha – área do falar baiano .....	125
Gráfico 52	Percentual das formas lexicais de amarelinha – região norte .....	125

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>1. REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	17
1.1 OS PRIMEIROS ESTUDOS DIALETAIS .....	17
1.2 FASES DOS ESTUDOS DIALETAIS NO BRASIL.....	19
1.3 ATLAS REGIONAIS PRODUZIDOS NO BRASIL.....	22
1.3.1 Atlas regionais publicados.....	22
1.3.2 Atlas regionais não publicados.....	26
1.3.3 Atlas em andamento.....	27
1.4 O ATLAS NACIONAL .....	29
1.5 A DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL.....	30
<b>2. METODOLOGIA</b> .....	35
2.1 A REDE DE PONTOS .....	35
2.1.1 Perfil socioeconômico das localidades pesquisadas.....	36
2.1.1.1 Estado do Amapá .....	36
2.1.1.2 Estado do Acre.....	36
2.1.1.3 Estado de Rondônia.....	37
2.1.1.4 Estado do Tocantins .....	38
2.1.1.5 Estado do Amazonas .....	38
2.1.1.6 Estado do Pará .....	40
2.2 OS INFORMANTES .....	45
2.3 O QUESTIONÁRIO .....	46
2.4 ORGANIZAÇÃO DAS CARTA LINGUÍSTICAS.....	48
<b>3 ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	51
3.1 CARTA LEXICAL 01: CAMBALHOTA.....	51
3.2 CARTA LEXICAL 02: BOLINHA DE GUDE.....	57
3.3 CARTA LEXICAL 03: ESTILINGUE/SETRA/BODOGUE .....	62
3.4 CARTA LEXICAL 04: PAPAGAIO DE PAPEL/PIPA.....	67
3.5 CARTA LEXICAL 05: PIPA/ARRAIA.....	73
3.6 CARTA LEXICAL 06: ESCONDE – ESCONDE.....	79
3.7 CARTA LEXICAL 07: CABRA CEGA.....	86
3.8 CARTA LEXICAL 08: PEGA PEGA.....	92

3.9 CARTA LEXICAL 09: FERROLHO/SALVA/PICULA/PIQUE .....	99
3.10 CARTA LEXICAL 10: CHICOTE QUEIMADO/LENÇO ATRÁS .....	106
3.11 CARTA LEXICAL 11: GANGORRA.....	110
3.12 CARTA LEXICAL 12: BALANÇO.....	116
3.13 CARTA LEXICAL 13: AMARELINHA.....	121
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>127</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>129</b>

## INTRODUÇÃO

Traçar os caminhos percorridos e os que despontam no horizonte do português brasileiro é tarefa que tem sido posta em prática por muitos estudiosos de nosso vernáculo. O projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) é um exemplo do esforço coletivo que dialetólogos de todo o país têm feito para registrar os falares brasileiros. Dados já foram recolhidos em todas as regiões do país para se ter um retrato desses falares. Paralelamente a esse trabalho nacional, vários outros estudos já foram produzidos em nível regional com o intuito de documentar com mais detalhes as variedades linguísticas das diversas regiões brasileiras. Na região norte, alguns estados têm realizado pesquisas para produzir os seus respectivos atlas como Pará, Amazonas e Amapá, só para citar alguns. As informações coletadas por esses projetos da região, assim como as do projeto ALiB, têm servido como fonte de consulta para professores, pesquisadores e estudantes que se interessam em conhecer as peculiaridades linguísticas regionais.

Nesta perspectiva, este trabalho utilizará os dados recolhidos pelo projeto ALiB a respeito do campo semântico *Jogos e Diversões Infantis* em cidades da região norte do Brasil, nos estados do Pará, Amazonas, Amapá, Acre, Rondônia e Tocantins. Como justificativa desta pesquisa, propõe-se verificar a produção linguística da região norte a respeito do léxico da área semântica proposta notando em que medida tal conjunto lexical ainda permanece ativo na memória coletiva dos falantes da região em um momento em que os jogos e brincadeiras tradicionais parecem não fazer parte das atividades de uma geração voltada cada vez mais para os jogos eletrônicos. Justifica-se ainda como possibilidade de fonte de consulta para estudantes e/ou pesquisadores interessados na variação lexical. Tomando-se por base os aspectos teóricos da Dialetologia pluridimensional, pretende-se observar os resultados obtidos levando em conta aspectos geográficos e sociais como o sexo e idade dos falantes para analisar e mapear a variação lexical dos estados acima mencionados.

Conhecer a realidade linguística do Brasil, no que tange a língua portuguesa tem sido alvo de pesquisa em todo o território nacional. Esses estudos têm mostrado a variedade cultural do país, visto que a língua também reflete o modo como os povos veem o mundo que os cerca. Este trabalho afigura-se como uma contribuição para os registros dos falares brasileiro, especificamente os da região norte, servindo como fonte de pesquisa para os que se ocupam dos estudos linguísticos.

Como objetivo geral busca-se:

- Analisar e mapear a variação lexical em seis Estados da região norte do Brasil quais sejam, Pará, Amazonas, Amapá, Rondônia, Acre e Tocantins, no que concerne ao campo semântico *Jogos e Diversões Infantis* a partir dos dados do projeto ALiB.

Como objetivos específicos têm-se:

- Identificar a variação espacial (diatópica) e social (diastrática);
- Mapear a variação lexical que ocorre na fala dos informantes de cada uma das localidades pesquisadas;
- Elaborar as cartas lexicais correspondentes aos dados coletados nas referidas localidades;
- Comparar os resultados das cidades do interior entre si e aos resultados de suas respectivas capitais, assim como os resultados da região norte aos da área do falar baiano, na região nordeste do Brasil.
- Verificar a dicionarização dos itens lexicais registrados na região norte para nomear as brincadeiras infantis.
- Observar a ocorrência de subáreas na região norte onde ocorram itens lexicais em comum.

Espera-se que ao final dessa dissertação se possa ter um panorama dos falares das cidades pesquisadas no norte do Brasil verificando a criatividade e os resquícios de outras épocas ainda presentes no campo semântico proposto.

O trabalho está organizado da seguinte maneira: o primeiro capítulo apresenta a revisão da literatura e o percurso dos estudos dialetológicos na Europa e no Brasil. O segundo capítulo apresenta a metodologia empregada para o desenvolvimento da dissertação mostrando um perfil sócio-histórico das localidades pesquisadas, assim como os parâmetros considerados a respeito dos informantes. Trata, também, dos procedimentos utilizados na análise dos dados e elaboração das cartas linguísticas. O terceiro capítulo mostra os resultados alcançados por meio de cartas lexicais (análise diatópica) e gráficos (análise diastrática), compara os dados da região norte aos da área do falar baiano, na região nordeste do Brasil e, ainda, apresenta os resultados da pesquisa em dicionários dos itens documentados na região norte do país. O quarto capítulo traz as considerações finais.

## 1. REVISÃO DA LITERATURA

Este capítulo traz uma breve retrospectiva do percurso dos estudos dialetológicos na Europa e no Brasil. Faz um balanço acerca dos Atlas regionais que já foram publicados, que ainda não foram publicados, assim como os que estão em fase de produção. Apresenta, em linhas gerais, algumas informações a respeito do Atlas Linguístico do Brasil e, finalmente, trata do aspecto teórico da dialetologia pluridimensional.

### 1.1 OS PRIMEIROS ESTUDOS DIALETAIS

Os estudos dialetológicos das línguas têm suas raízes na Europa. Segundo Cardoso (2010):

Trabalhos, pessoas e fatos tiveram grande significação na construção dos caminhos da dialetologia, como se ilustra com: a criação da Academie Celtique, em 1804, [...] (ii) a posição de J. Grimm, fundador da filologia germânica em defesa dos patois [...] (iii) a recolha de materiais por meio de inquéritos sistemáticos na Baviera [...] (v) a publicação do primeiro fascículo da gramática comparada das línguas indo-europeias de Franz Bopp[...] (vi) a publicação, em 1841, por Bernardino Biondelli, do *Atlas Linguistique de l'Europe*, concebido sob a influência do *Atlas Ethnographique du Globe* de Aldrien Balbi (1826). (CARDOSO, 2010, p.35)

Para a autora, ainda, outros nomes importantes deram sua contribuição para o desenvolvimento da dialetologia. Pode-se citar figuras como o Barão Charles-Etienne Coquebert de Montbret, ministro do interior da França, que fez uma pesquisa por correspondência em 1807 para fazer o levantamento dos patois falados em determinadas áreas geográficas francesas. Esse trabalho é considerado o primeiro grande inquérito utilizado em uma pesquisa de cunho dialetológico. Os dados foram obtidos a partir do envio da parábola do filho pródigo para os prefeitos das localidades pesquisadas. As autoridades se encarregavam de pedir às pessoas que conhecessem os patois locais para traduzir a parábola. O resultado desse trabalho, foi a tradução da parábola para 86 variedades do francês e do provençal. Pop (1950, p.23 *apud* Cardoso, 2010, p. 36) afirma que devemos considerar esta coleção como o “primeiro inquérito linguístico que teve uma enorme repercussão em muitos países românicos (e não românicos). Esses materiais deram até por volta do século XIX, uma orientação sobre os patois da língua francesa e do provençal”.

Aldrien Balbi foi outro estudioso que se interessou em registrar as peculiaridades das línguas do mundo e ficou marcado na trajetória dos estudos dialetológicos por sua obra “Atlas Etnográfico do Globo” publicado em 1826. Este trabalho apresenta também as informações enviadas pelo Visconde de Pedra Branca sobre a língua portuguesa falada no Brasil considerada por Balbi como “rica e concisa como todas as suas irmãs [...] sonora, doce e desprovida de aspirações e de sons guturais do espanhol [...]”. (Balbi, item 166 *apud* Cardoso, p. 37)

Destacam-se também os trabalhos realizados por Georg Wenker e de Jules Gilliéron e seu colaborador Edmont Edmont. O primeiro realizou pesquisas sobre a realidade linguística alemã no final do século XIX e seu trabalho consistia em enviar quarenta frases para professores alemães requerendo que os mesmos as transcrevessem para o dialeto local. Em 1887, já havia conseguido a resposta de vários professores. Como todo trabalho que está dando os seus primeiros passos, não deixou de apresentar algumas falhas. Conforme Cardoso (2010, p.41)

[...] Essa primeira investida ressentia-se de ausência de controle de variáveis socioculturais dos informantes e reflete as dificuldades advindas de uma coleta de dados feita por correspondência, o que significa não observado *in loco*, com profundas implicações para o tratamento de informações de natureza fonética.

Acrescidas às dificuldades metodológicas, seu trabalho foi criticado ainda pelo longo período que levou para a publicação dos resultados, cerca de vinte anos para publicar seis cartas. Além do mais, diziam os críticos, o uso de quarenta frases para retratar a realidade linguística de todo o país, não parecia razoável como instrumento válido para dar um perfil da língua alemã à época. Contudo, suas pesquisas deixaram os caminhos abertos para os que se dispuseram a seguir os estudos dialetais na Alemanha, como seu discípulo Ferdinand Wrede.

Jules Gillieron e seu auxiliar Edmont Edmont realizaram trabalhos sobre a situação da língua francesa. Em 1887, começa a coleta de dados para a confecção do Atlas Linguístico da França e assim como seu colega alemão, Georg Wenker, também foi alvo de críticas quanto à maneira como conduziu a pesquisa, principalmente por deixar de fora de suas preocupações aspectos relativos às informações sociais dos informantes, como o nível educacional, que apenas poderia ser inferido por um eventual leitor das cartas, visto que a presença nas mesmas da ocupação dos informantes dava pistas se eles eram instruídos ou não, dependendo do cargo ou profissão que tinham. Foram apontados também falhas em sua pesquisa no que diz respeito

ao número de informantes entrevistados em cada localidade pois na maioria delas apenas um sujeito participou como fonte de informações. O número reduzido de mulheres foi outro fator negativo apontado em sua obra. Jules Gilliéron pesquisou 639 localidades utilizando um questionário com cerca de 1.400 perguntas que totalizaram 1.900 ao final do trabalho o qual foi publicado entre os anos de 1902 e 1910 apresentando 1.920 cartas.

Não obstante, muito se deve a esses pioneiros dos estudos dialetais. Dadas as dificuldades materiais encontradas por eles no desenvolvimento de seus trabalhos, como estradas em péssimas condições e dificuldades de locomoção, por exemplo, os mesmos não pouparam esforços para documentar suas respectivas línguas. Conforme Rossi (*apud* CARDOSO, 2010, p.43) Jules Gilliéron tem o mérito de “inscrever-se entre os responsáveis por uma das mais importantes tendências da passagem do século XIX para o século XX: o deslocamento do centro de interesse do som fônico à palavra”.

## 1.2 FASES DOS ESTUDOS DIALETAIS NO BRASIL

No Brasil, as primeiras informações que se têm sobre estudos voltados para os dialetos brasileiros provém da contribuição de Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, para as pesquisas de Adrien Balbi, publicadas em 1826. Por solicitação deste, Domingos Borges de Barros envia para a França exemplos da língua portuguesa falada no Brasil em seu aspecto lexical, a partir do qual Adrien Balbi faz um trabalho comparativo entre itens existentes somente nesse país, mas não em Portugal, itens existentes em Portugal, mas não em terras brasileiras, assim como itens correntes nos dois países. Esse momento tem sido referido por Aragão (2008) como período pré-geolinguístico.

O registro de itens lexicais foi uma constante nesse instante dos estudos dialetais no Brasil. Fatos relacionados à fonética, à prosódia, à sintaxe, passavam ao largo dos pesquisadores da época. A preocupação maior estava em registrar o léxico para se notar a sua variedade em determinado espaço geográfico. O trabalho de Domingos Borges de Barros, conforme já dito, é considerado o marco inicial dos estudos dialetológicos no Brasil e a partir de então propostas de periodização desses estudos têm sido formuladas por pesquisadores da área. Antenor Nascentes (1952; 1953 *apud* Cardoso, 2010) sugeriu a divisão dos estudos dialetais brasileiro em duas fases: a primeira inicia em 1826 com os trabalhos de Domingos

Borges de Barros e se estende até 1920. Segundo Cardoso (2010), os trabalhos realizados nesse período caracterizavam-se pela produção de:

[...] dicionários, vocabulários e léxicos regionais, dentre os quais, e a título de ilustração, citam-se: *Glossários de vocábulos brasileiros, tantos dos derivados como daqueles cuja origem é ignorada* [...] *O tupi na geografia nacional*; *Glossário paraense*, publicado em 1905, com o subtítulo *Coleção de vocabulários à Amazônia e especialmente à Ilha de Marajó* de Vicente Chermont de Miranda [...] *A criação de gado no Marajó*; *Apostilas ao dicionário de vocábulos brasileiros*, 1912, de P. Carlos Teschauer; *Dicionário de brasileirismos*, 1912, de Rodolfo Garcia. (CARDOSO, 2010, p.132)

Nota-se que havia um considerável número de trabalhos sendo realizados no Brasil e, particularmente na Amazônia, já se dava o registro do léxico da região.

O segunda fase se inicia em 1920, ano em que Amadeu Amaral lança a obra *O Dialeto Caipira* e vai até 1952. Em seu trabalho, Amaral já chamava a atenção para que o avanço dos estudos dialetológicos se desse de forma séria e pautada em fundamentos teóricos sólidos. Era necessário que as investigações se dessem por “observadores imparciais, pacientes e metódicos” e que “se dedicassem a recolher elementos [...] limitando-se estritamente ao terreno conhecido e banindo por completo tudo quanto fosse hipotético, incerto, não verificado pessoalmente” (AMARAL, 1976, p.02).

Chama atenção na leitura de Amadeu Amaral, o direcionamento que ele procura dar aos que se propusessem fazer estudos sobre o português falado no Brasil seguindo as premissas da dialetologia. Ao refutar tudo que fosse baseado em hipóteses, em incertezas, aponta para as pesquisas *in loco*, coletando dados onde a língua está em uso de fato, no contato com os falantes, percebendo suas nuances, suas particularidades mais sutis e recomenda “não recolher termos e locuções apenas referidos por outrem, mas só os que forem pessoalmente apanhados em uso, na boca de indivíduos desprevenidos” (AMARAL, 1976, p.03).

Ainda nesta fase, Antenor Nascentes e Mário Marroquim prestam grandes serviços à dialetologia brasileira. Quanto ao primeiro, um de seus trabalhos que tem relevância na história dos estudos dialetais no Brasil chama-se *O Linguajar Carioca em 1922*, que mais tarde passou a ser nomeado apenas de *O Linguajar Carioca* no qual propõe a divisão dialetal do Brasil. Aragão (2008) a esse respeito afirma que:

O autor propôs, pela primeira vez, com bases linguísticas, a divisão dos falares brasileiros, fato que até hoje nenhum outro autor conseguiu fazer de modo coerente e aceitável. Pesquisas realizadas em atlas linguísticos atuais, da região nordeste, confirmam, de certa forma, o acerto do autor em sua divisão dialetal do português do Brasil. (ARAGÃO, 2008, p. 127)

A divisão proposta por Nascentes tem servido de base para outros trabalhos na linha dialetológica, pois vários autores têm buscado usufruir das suas informações tanto para corroborar sua divisão dialetal, quanto para aplicar em pesquisas os pontos de coleta de dados estipulados por Nascentes. Mota (2005, p. 22), afirma sobre a produção do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* que “entre as localidades há trinta sedes de município – treze das quais coincidentes com as propostas por Nascentes -, quinze vilas e cinco povoados. Oito vilas e dois povoados pertencem a municípios também indicados por Nascentes”.

Mário Marroquim, por sua vez, contribuiu para a “criação de uma mentalidade dialetológica”. Foi responsável pela obra *A Língua do Nordeste*, lançada em 1934. A segunda edição lançada em 1945, aponta para o labor e rigor com que Mário Marroquim conduziu suas pesquisas. Cardoso (2010) destaca o prefácio desta edição, feita por Gilberto Freire, em que ele afirma:

Aqui está um livro que, sendo de filólogo, não se perde em bizantinismo de gramatiquice, esquecendo o sentimento humano, a significação psicológica, o interesse histórico dos problemas oferecidos ou sugeridos pelas particularidades regionais de um idioma (FREIRE *apud* CARDOSO, 2010, p. 137).

Ferreira e Cardoso (1994) reformulam a divisão dos estudos dialetais brasileiros proposta por Antenor Nascentes e acrescentam a ela mais um período que tem sua gênese a partir de 1952 com o publicação do decreto n.º 30. 643, que tinha como finalidade primeira a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, e se estende até o ano de 1996, momento em que se reiniciam os trabalhos para a produção do referido Atlas. Nessa terceira fase, destacam-se os trabalhos de autores considerados grandes incentivadores das pesquisas dialetais no Brasil.

Antenor Nascentes tem papel importante ao publicar as *Bases para a Elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*, em 1958 e 1961. Destaca-se também o livro de Serafim da Silva Neto denominado *Guia para Estudos Dialectológicos*, publicado em 1957. Celso Cunha também publica em 1958 *Língua Portuguesa e Realidade Brasileira*. Nelson Rossi desenvolve trabalho pioneiro no estado da Bahia e publica em 1963 o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* iniciando a fase da geografia linguística no Brasil. Ribeiro (2012, p.60)

afirma que “a importância da 3ª fase é marcada, justamente, pela consolidação da pesquisa dialetal e pela publicação de atlas linguísticos estaduais e regionais, confirmando o desenvolvimento satisfatório da Geolinguística brasileira que se iniciou nessa fase”.

Uma quarta fase foi proposta por Cardoso e Mota (2006) por ocasião do IV Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística em 2005. Essa fase, segundo as autoras supracitadas, inicia em 1996 com a implementação do Atlas Linguístico do Brasil que tem como característica a inclusão em suas pesquisas das orientações advindas da sociolinguística:

[...]essa nova fase coincide com a incorporação dos princípios implementados pela sociolinguística a partir da década de 60, abandonando-se a visão monodimensional – monoestrática, monogeracional, monogenérica, monofásica, etc. – que predominou na geolinguística hoje rotulada de “tradicional”. (CARDOSO e MOTA, 2006, p. 21)

Neste momento criam-se as bases para a produção do Atlas Nacional Brasileiro das variedades linguísticas, pautadas em uma teoria que leve em conta não só o aspecto areal mas também as características sociais dos falantes. Apesar das muitas dificuldades, principalmente financeiras, o ímpeto de dialetólogos brasileiros tem tornado o trabalho uma realidade colocando em prática o que se tinha decretado pela portaria 536 de 26 de março de 1952.

### 1.3 ATLAS REGIONAIS PRODUZIDOS NO BRASIL

Apresenta-se nesta parte do trabalho um panorama dos atlas regionais elaborados no Brasil. Não nos aprofundaremos na apuração de seus aspectos metodológicos ou na análise de seus dados, visto que nosso objetivo é mais de caráter informativo sobre a cronologia de produção dos mesmos.

#### 1.3.1 Atlas regionais publicados

##### a. Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)

Produzido pelo grupo de pesquisa da Universidade Federal da Bahia sob a coordenação do professor Nelson Rossi, o APFB foi publicado em 1963. Foram selecionadas 50 localidades baianas, entrevistando-se 99 informantes com idade entre 25 e 84 anos, com nível educacional variando entre analfabetos e semi-alfabetos, compreendendo falantes dos

dois gêneros que responderam a um questionário com 164 questões relativas aos campos semânticos agricultura, pecuária, anatomia e fisiologia humana, culinária e alimentação, geografia e astronomia. Um total de 209 cartas foram confeccionadas sendo 11 de identificação, 154 fonéticas e léxicas e 44 cartas resumos.

b. Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG)

O EALMG foi idealizado pelo grupo de pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, formado por Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Ribeiro, José Passini e Antônio Pereira Gaio. Esse trabalho contou com a pesquisa em 116 localidades de Minas Gerais, questionando um total de 83 informantes com idade entre 30 e 50 anos, de ambos os sexos, com nível escolar variando entre analfabeto e primário completo. O trabalho resultou em 78 cartas linguísticas, a saber, 05 de identificação, 21 léxicas, 24 fonéticas, 03 isófonas, além de 25 isoléxicas. Dos quatro volumes que compõem a pesquisa foi publicado apenas o primeiro em 1977.

c. Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB)

Sob a coordenação de Maria do Socorro Silva de Aragão e Cleusa Palmeira Bezerra de Menezes, o Atlas Linguístico da Paraíba, publicado em 1984, faz parte de um projeto mais amplo denominado *Levantamento Paradigma-Sintagmático do Léxico Paraibano* (ARAGÃO, 2005, p.75). Diz, ainda, a autora citada, que para o desenvolvimento do Atlas Paraibano, foram consultados uma média de 24 Atlas Linguísticos de diversos países. Os dados foram coletados em 25 cidades além de mais 03 consideradas satélites. Nesse estudo os informantes deveriam ter idade entre 30 e 75 anos, com nível educacional variando entre analfabeto e primário completo, pertencentes aos dois gêneros. Os mesmos responderam a um questionário dividido em duas partes: uma com 289 questões gerais e outra com 588 questões específicas. A primeira parte cobria os campos semânticos terra, homem, família, habitação e utensílios domésticos, aves e animais, plantação, atividades sociais. A segunda parte indagava sobre produtos agrícolas produzidos na Paraíba: mandioca, cana-de-açúcar, agave, algodão e abacaxi. A pesquisa resultou num conjunto de 149 cartas linguísticas.

d. Atlas Linguístico de Sergipe (ALS I)

O Estado de Sergipe é o primeiro do Brasil a contar com dois atlas linguísticos produzidos. O primeiro veio a lume em 1987 e o segundo em 2002. Com a participação de uma vasta equipe de trabalho, contou com nomes como Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Nelson Rossi, Suzana Cardoso e Vera Rollemberg. O Atlas sergipano obteve um número tão considerável de informações que a maioria ficou um longo período arquivada, sendo usada em trabalhos outros (dissertações, comunicações em eventos científicos e artigos) e finalmente como fonte de dados para a publicação do segundo Atlas estadual. Quinze localidades foram pesquisadas, observando o seguinte perfil para os informantes: idade variando em três faixas etárias (30 e 39 anos- 11 informantes, 40 e 48 anos - 13 informantes, a partir dos 50 anos- 06 informantes), com nível educacional entre analfabetos e semianalfabetos, pertencentes aos dois sexos. Para a coleta de dados foi usado um questionário com um total de 700 questões cobrindo os campos semânticos terra, homem, animais e vegetais. Um total de 180 cartas foram elaboradas, com informações fonético-fonológicas e semântica-lexicais dos falares de Sergipe.

#### e. Atlas Linguístico do Paraná (ALPR)

Produzido por Vanderci de Andrade Aguilera, a pesquisa para a produção do ALPR buscou dados em 65 localidades do Paraná, dentre as quais, 24 sugeridas por Nascentes (1958) em sua célebre divisão dialetal do Brasil. 130 informantes, dos dois sexos, com nível educacional variando entre analfabetos e semianalfabeto, com faixa etária entre 25 e 65 anos, participaram do fornecimento de informações para o desenvolvimento da pesquisa a qual foi publicada em 1994. O questionário, com 325 questões, abrangendo os campos semânticos Terra e Homem, foi baseado no questionário usado no Atlas Linguístico do Estado de São Paulo (ALESP). Como resultado, foram elaboradas 191 cartas com amostras da realidade linguística paranaense.

#### f. O Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)

Publicado em 2002, o ALERS é o único no país que trata da especificidade linguística de toda uma região. Idealizado pelos professores Walter Koch, Mário Silfredo Klassman e Cléo Vilson Altenhofen, contém informações do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. Constituído de dois volumes, o primeiro apresenta a introdução e o segundo as cartas

fonéticas e morfossintáticas. Foram pesquisadas localidades na zona rural (100 no Paraná, 80 em Santa Catarina e 95 no Rio Grande do Sul) e urbana (06 no Paraná, 06 em Santa Catarina, e 07 no Rio Grande do Sul). Os informantes caracterizaram-se por serem analfabetos ou com até a quarta série do ensino fundamental, terem idade entre 28 e 58 anos, pertencentes a ambos os sexos. O questionário é constituído de 735 questões de caráter geral, 800 de caráter semântico lexical, de outro morfossintático com 75 questões, além de um fonético fonológico com 50 perguntas.

g. O Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALISPA)

Sob a coordenação do professor Abdelhak Razky da Universidade Federal do Pará, o Atlas Linguístico Sonoro do Pará foi publicado em 2004 e caracteriza-se por ser o único Atlas “falante” até aqui lançado no Brasil, ou seja, permite ao usuário a audição do item lexical consultado. Recolheram-se dados em 10 localidades nas seis mesorregiões do Estado do Pará, entrevistando-se 04 informantes (dois de cada sexo) em cada município. Os mesmos deveriam ter nível educacional até a quarta série do ensino fundamental e faixa etária de 18 a 30 anos (primeira faixa etária) e 40 a 70 anos (segunda faixa etária). Foi utilizado o questionário fonético fonológico do projeto ALiB com as devidas adaptações para a realidade local. O resultado da pesquisa gerou uma fonoteca com 420 arquivos sonoros dos falares do Pará dos quais se utilizou uma amostra de 40 informantes para a produção do ALISPA.

h. O Atlas Linguístico do Sergipe II (ALS II)

De autoria de Suzana Alice Marcelino Cardoso, o ALS II foi publicado em 2005 após ter sido apresentado como tese de doutorado no ano de 2002 na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foram investigadas 15 localidades no Estado de Sergipe (as mesmas do ALS I) onde foram consultados 30 informantes na faixa etária de 25 a 65 anos de idade, dos dois sexos, com nível educacional variando entre analfabetos e semianalfabetos. Foi utilizado um questionário semântico lexical com 700 questões abrangendo os campos semânticos terra, homem, animais e vegetais.

i. Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (ALMS)

Organizado por Derci Pedro de Oliveira, com a colaboração de Albana Xavier Nogueira, Aparecida Negri Isquierdo e Maria José Gomes, o Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul foi publicado em 2007. Recobre uma área com 32 localidades onde 128 informantes de ambos os sexos, com escolaridade variando entre analfabeto até o quinto ano do ensino fundamental foram inquiridos. Obteve-se como resultado um total de 207 cartas linguísticas das quais 47 são fonéticas, 153 semântico-lexicais e 07 morfossintáticas.

j. Atlas Linguístico do Ceará (ALCE)

Coordenado por José Rogério Fontenele Bessa, o Atlas Linguístico do Ceará foi publicado no ano de 2010. Apresenta um total de 256 cartas lexicais e fonéticas resultantes dos estudos feitos com dados de 70 pontos de inquéritos no estado. Em cada ponto foram entrevistados 04 informantes com faixa etária entre 30 e 60 anos, de ambos os sexos, com nível educacional variando entre analfabetos e ensino fundamental completo. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário constituído de 306 questões.

Acrescenta-se à lista dos atlas regionais, um de caráter nacional, o Atlas Linguístico do Brasil, publicado em outubro de 2014 por ocasião do III Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística, realizado na cidade de Londrina, no Paraná. Constituído de dois volumes, o primeiro apresenta a introdução da obra e o segundo 159 cartas linguísticas com dados das vinte e cinco capitais brasileiras.

### **1.3.2 Atlas regionais não publicados**

Além dos trabalhos acima, citam-se dois que se encontram concluídos, mas não publicados:

a. Atla Linguístico do Paraná (ALPR II)

O Atlas Linguístico do Paraná foi o resultado da tese de doutoramento de Fabiane Cristina Altino em 2007 na qual ela cartografou os dados ainda inéditos do ALPR. O Atlas possui 125 cartas lexicais, 50 cartas fonéticas e 02 dialectométricas. A numeração das cartas segue a do ALPR e continua da carta 192 até a 368.

b. Atlas linguístico do Amazonas (ALAM)

Apresentado por Maria Luiza de Carvalho Cruz como tese de doutorado na Universidade do Rio de Janeiro em 2004, o ALAM constitui-se de dois volumes. A autora pesquisou nove municípios do Amazonas entrevistando seis informantes em cada município, de ambos os sexos com idade entre 18 a 35, 36 a 55 e 56 a 75 anos e com escolaridade até o quinto ano do ensino fundamental. A pesquisa resultou em 257 cartas linguísticas das quais 107 são fonéticas e 150 semântico lexicais.

### 1.3.3 Atlas em andamento

Apresentamos algumas informações dos atlas que estão em fase de produção no Brasil.

a. Atlas Linguístico do Pará (ALIPA)

Coordenado pelo professor Abdelhak Razky, o projeto ALIPA possui pontos de inquéritos nas seis mesorregiões do estado do Pará com um total de 57 localidades pesquisadas. Na zona urbana coleta dados de informantes com idade entre 15-25, 16-49 e 40-70 anos, com escolaridade nula, ensino fundamental e ensino médio. Na zona rural a idade varia entre 18-30 e 40-70 anos e a escolaridade máxima vai até o quinto ano do ensino fundamental. São inquiridos falantes de ambos os sexos tanto na zona urbana quanto na rural.

b. Atlas Linguístico de Rondônia (ALiRO)

O projeto ALiRO abrange 15 localidades em 03 regiões do estado de Rondônia. A coleta de dados estava praticamente concluída em 2009 e estão recebendo tratamento, sendo transcritos e revisados. Coodernado pela professora Ieda Maria Teles, o projeto tem a supervisão dos professores Vanderci de Andrade Aguilera da Universidade Federal de Londrina e Abelhak Razky da Universidade Federal do Pará.

c. Atlas Linguístico do Maranhão (ALIMA)

O projeto ALIMA utiliza uma rede de pontos constituída de 18 localidades no estado do Maranhão. São entrevistados informantes de ambos os sexos com escolaridade variando entre

a primeira e sexta série do ensino fundamental e nível superior para alguns participantes da capital. A faixa etária varia entre 18-30 e 50-65 anos de idade. O grupo de pesquisa é coordenado pela professora Conceição de Maria de Araújo Ramos.

d. Atlas Linguístico do Mato Grosso

Coordenado pelo professor José Leonildo Lima, o projeto do Atlas linguístico do Mato Grosso segue a metodologia do projeto ALiB quanto ao perfil dos informantes e instrumentos de coleta de dados com as devidas adaptações para a realidade local. Inicialmente contava com 22 localidades em sua rede de pontos, porém, teve esse número reduzido para 16 por questões metodológicas.

e. Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte (ALIRN)

Coordenado pela professora Maria das Neves Pereira da Universidade de Potiguar (UnP), o projeto recolhe informações em 16 localidades do estado do Rio Grande do Norte. Parte de seus dados já foram utilizados na tese de doutorado da professora Maria das Neves Pereira o que resultou no trabalho denominado Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar.

f. Atlas Linguístico do Espírito Santo ( ALES)

Para a execução deste projeto foram inquiridos 30 indivíduos de ambos os sexos com idade entre 30 a 55 anos e com escolaridade máxima até o quinto ano do nível fundamental. O projeto é coordenado pela professora Catarina Vaz Rodrigues e conta com o apoio da professora Vanderci Aguilera.

g. Atlas Linguístico do Amapá (ALAP)

Coordenado pela professora Celeste Ribeiro da Universidade Federal do Amapá, o projeto ALAP recobre 10 localidades do estado do Amapá, onde se entrevistaram informantes de ambos os sexos, com escolaridade até a 8ª série do ensino fundamental, acrescidos de 04 com nível superior na capital, Macapá. A faixa etária varia entre 18 e 30 anos e 50 a 75 anos.

h. Atlas Etnolinguístico do Acre (ALAC)

O Projeto ALAC está inserido em um projeto maior denominado Centro de Estudos Dialetológicos do Acre (CEDAC). Coordenado pela professora Luiza Galvão Lessa, o ALAC

investiga dados a respeito da vida e costumes dos seringueiros acreanos em 03 áreas: Vale do Acre, Vale do Juruá e Vale Purus. Documenta dados de informantes de ambos os sexos divididos em três faixas etárias, 18 a 25 anos, 26 a 35 anos e 36 a 80 anos.

#### 1.4 O ATLAS NACIONAL

O anseio de se elaborar um atlas linguístico com vistas a retratar o panorama das variedades linguísticas do Brasil, no que tange a língua portuguesa, tem sua gênese a partir do decreto 30.643 de 20 de março de 1952. No entanto, somente 44 anos depois os trabalhos eventualmente se iniciam. Durante o Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil, realizado em Salvador, em 1996, tem-se a formação de um comitê nacional, para coordenar as pesquisas, constituído por autores de atlas linguísticos regionais já publicados ou que estivessem em andamento. Pesquisadores que inicialmente formaram o comitê foram Suzana Alice Marcelino Cardoso (UFBA), Jacira Andrade Mota (UFBA), Maria do Socorro Silva Aragão (UFPB), Mário Roberto Lobuglio Zágari (UFJF), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL) e Walter Koch (UFRS). Posteriormente, outros pesquisadores se integraram ao comitê como Aparecida Negri Isquardo (UFMS), Abdelhak Razky (UFPA) e Ana Paula Antunes Rocha (UFOP).

O projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) conta hoje com a participação de outras universidades brasileiras. Podem-se citar a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e, ainda, outras instituições de ensino superior conveniadas com o intuito de apoiar e cooperar com o projeto como a União Metropolitana de Educação (UNIME), a Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), a Universidade Federal do Piauí (UFPI), a Universidade Estadual do Ceará (UECE), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba (CEFETPb), a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e a Universidade Potiguar (UNP).

O ALiB busca documentar e mapear os falares do português brasileiro em diferentes níveis linguísticos como o fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintático, entre outros. Trata-se de um trabalho de perspectiva pluridimensional, o qual, além da dimensão geográfica, observa fatos relacionados à dimensão social, como sexo, idade e nível educacional dos falantes em busca de identificar as possíveis influências dessas variáveis nos falares do Brasil.

Para a elaboração dos mapas linguísticos coletaram-se dados *in loco* em 250 localidades distribuídas por todo o território nacional. Sujeitos de ambos os sexos participaram das entrevistas, oito nas capitais e quatro nas cidades do interior, totalizando 1.100 informantes divididos em duas faixas etárias, 18 a 35 e 50 a 65 anos de idade, com escolaridade até a quarta série do ensino fundamental e, nas capitais, além desse nível de educacional, entrevistaram-se informantes com nível superior. Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado o questionário elaborado pelos membros do comitê nacional<sup>1</sup>.

Em outubro de 2014, por ocasião do III Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística (CIDS), ocorrido em Londrina, dois volumes do Atlas Linguístico do Brasil vieram a público. O primeiro, de cunho introdutório, aborda o uso e estrutura do Atlas. O segundo apresenta 159 cartas linguísticas com dados das capitais dos estados pesquisados, exceto o Distrito Federal e Palmas, que não fizeram parte de rede de pontos por questões metodológicas. As cartas contemplam os níveis fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático.

## 1.5 A DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL

Durante um período de sua trajetória, a Dialectologia foi considerada uma mera coletora de dados sobre as variedades do vernáculo de determinada língua sem oferecer contribuição relevante para os estudos linguísticos, pois, segundo os seus críticos, ela não fazia uma análise linguística interna desses mesmos dados, mas os apresentava como um reflexo do espaço e do tempo. A esse respeito Trudgill (1999) tece algumas considerações dizendo:

However it has to be said that more recently there has been a suspicion on the part of non-dialectologists that dialectologists – or some of them- have forgotten about objectives altogether. The accusation has been one of “butterfly collecting” – that the dialectologists are engaged in collecting data for the sake of collecting data. And of course, this accusation, whether fair or not, has been one often heard from the lips of sociolinguists. The problem is what is dialectology for?<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Como já afirmado, esta dissertação utiliza dados do projeto ALiB, dessa maneira, mais detalhes sobre o questionário serão demonstrados na seção sobre a metodologia deste trabalho.

<sup>2</sup> Contudo, dever ser dito que recentemente tem havido uma suspeita por parte dos não-dialetólogos que os dialetólogos – ou alguns deles- esqueceram totalmente seus objetivos. Eles tem sido acusados de “coleccionadores de borboleta” – que os dialetólogos estão empenhados em coletar dados apenas por coletar. E claro, esta acusação, se é justa ou não, tem sido frequentemente ouvida dos lábios dos sociolinguistas. O problema é, para que serve a dialectologia? (trad. nossa)

Trudgill (1999) reconhece a importância dos trabalhos realizados pela Dialetologia ao afirmar que ele mesmo já teria feito uso das informações provindas dos estudos dialetais feitos por na Inglaterra. Outro teórico que teria se beneficiado dos resultados dialetológicos teria sido William Labov ao utilizar as pesquisas advindas do Atlas Linguístico dos Estados Unidos e Canadá.

Preocupada essencialmente com a delimitação de isoglossas, a dialetologia não atentava para dimensões outras que não a geográfica, produzindo trabalhos denominados monodimensionais. A partir da década de 60 do século XX, a abordagem dialetológica amplia seu escopo de análise e agrega aos seus pressupostos teóricos as teorias advindas da sociolinguística variacionista, disciplina que teve, entre outros, William Labov, como um de seus principais representantes. Para esta vertente dos estudos linguísticos, as variações existentes nas línguas tinham relação com aspectos sociais dos falantes. Em um de seus trabalhos, por exemplo, William Labov analisa a variação do fonema /r/ em posição pós-vocálica medial ou final de palavras, relacionando as variações existentes à posição social do falante, como o mostra o seguinte trecho: “the following independent variables were included [...] sex, age (stimated in units of five years), occupation (floorwalker, sales, cashier, stockboy), race, foreign or regional accents, if any.”<sup>3</sup>

Mollica (2008, p. 09) define sociolinguística como “uma das subáreas da linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais”. Assim, fenômenos estruturais das línguas passam a se apoiar também em fenômenos sociais para explicar e entender a heterogeneidade dos falares.

Quanto à Dialetologia, o binômio espaço geográfico e espaço social passa a ser a tônica dos trabalhos produzidos a partir da incorporação dos conhecimentos da sociolinguística à sua teoria. Callou (2010, p. 35) afirma que:

[...] os atlas linguísticos modernos acrescentaram uma dimensão vertical – social – à geográfica – horizontal – e as pesquisas dialetológicas passaram a observar todas e qualquer variação de natureza sócio-cultural, ciente de que mesmo no dialeto rural mais isolado há elementos de diferenciação.

---

<sup>3</sup> As seguintes variáveis independentes foram incluídas: [...] sexo, idade (estimadas em unidades de cinco anos), ocupação (fiscais, vendedor, caixa, estoquista), raça, sotaque regional ou estrangeiro, se houvesse algum. (LABOV, 1972, p. 173) (tradução nossa)

No caso brasileiro, ainda segundo a autora citada, a troca de conhecimento entre Sociolinguística e Dialetoлогия poderia confirmar ou não a tese de Teyssier (1982) de que as variações linguísticas no Brasil são mais verticais que horizontais, ou seja, são devidas ao grande fosso que separa as classes sociais muito mais que às diferenças areais.

A união teórica entre Dialetoлогия e Sociolinguística resultou numa perspectiva de trabalho que se convencionou chamar de Dialetoлогия Pluridimensional. Thun (1998, p. 704) afirma que:

La dialectología areal y la sociolingüística disciplinas históricamente separadas, confluyen en una geolingüística ampliada que puede llamar-se oportunamente “Dialectología Pluridimensional” y que se entiende como parte de la ciencia general de la variación lingüística y de las relaciones entre variantes y variedades por un lado y ablanges por el otro

A dialetoлогия pluridimensional, como já dito, retrata os falares considerando as perspectivas geográfica e social com o objetivo de analisar os fatos linguísticos de determinada área com precisão mais próxima possível da realidade linguística analisada. Razky (2013, p. 253) declara que:

os atlas linguístico multidimensionais, inspirados, portanto, nos avançados estudos sociolingüísticos, mapeiam outras variantes além da diatópica (geográfica), como: diagenérica ou diassexual, diageracional, diastrática e diafásica, somente para citar as mais comuns.

Thun (2005, p. 64-66 *apud* ISQUERDO, ROMANO, 2012; ROMANO, 2013, p. 895) após verificar as dimensões que influenciaram as pesquisas dialetológicas reconhece três momentos: 1. os trabalhos monodimensionais; 2. os trabalhos com “apelo a pluridimensionalidade”; 3. os trabalhos pluridimensionais.

Os trabalhos monodimensionais consideram apenas a dimensão diatópica na apresentação de seus resultados. Os com “apelo à pluridimensionalidade” já delineiam a tendência de levarem em conta, além do aspecto geográfico, uma outra dimensão da língua. No Brasil, esse viés de pesquisa pode ser exemplificado com o Atlas Linguístico de Sergipe. Segundo Cardoso (2005):

O ALS introduz na geolingüística brasileira o controle sistemático de gênero e transforma-o em informação cartográfica, exibida em todas as cartas. O tratamento dessa variável vem ao encontro de uma questão – a consideração de variáveis outras que não a diatópica – que, presente em toda a história da Dialetoлогия, não aparece, sempre, de forma explícita na apresentação dos resultados. A Geolingüística brasileira não contém esse tipo de controle nos atlas, até aquele então [1998], publicados – Bahia, Minas Gerais, Paraíba – nada obstante o APFB oferecer, mediante a consulta à “Introdução” a possibilidade de identificarem-se os

informantes de cada localidade e, assim, tê-los enquadrados nas variáveis – gênero, faixa etária, profissão, etc. – que se queira considerar. (CARDOSO, 2005, p. 115)

Quanto aos pluridimensionais nota-se a relevância dos aspectos sociais que, aliados à dimensão geográfica, podem expor com mais acuidade os resultados obtidos. Dessa maneira, muitos outros atlas regionais brasileiros seguiram os rumos apontados pela Dialectologia Pluridimensional no sentido de trazer em suas análises fatores sociais. Guedes (2012), baseando-se em Altino (2007), propõe a classificação de 22 atlas linguísticos do português brasileiro de acordo com a dimensão, produzidos até o ano de 2010, aos quais se adicionaram outros elaborados posteriormente:

Quadro 01: Atlas regionais brasileiros segundo sua dimensionalidade

DIMENSÃO	ATLAS
MONODIMENSIONAL	Atlas Prévio dos Falares Baianos (1963) Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (1977) Atlas Linguístico da Paraíba (1984) Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul do Brasil (2002).
BIDIMENSIONAL	Atlas Linguístico do Sergipe I (1987) Atlas Linguístico do Paraná (1994) Atlas Linguístico do Sergipe II (2002) Atlas Linguístico do Paraná II (2007)
MULTIDIMENSIONAL	Atlas Linguístico Sonoro do Pará (2004) Atlas Linguístico do Amazonas (2004) Atlas Fonético do Entorno da Baía da Guanabara (2006) Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã (2006) Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (2007) Atlas Semântico Lexical da Região do Grande ABC (2007) Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar (2007) Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro (2008) Atlas Linguístico de São Francisco do Sul – SC (2008) Esboço de um Atlas Linguístico de Mato Grosso: a língua falada na mesorregião sudeste – 2008 Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco (2009) Atlas Linguístico de Iguatu – CE (2009) Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso (2009) Atlas Linguístico do Ceará (2010) Atlas Semântico Lexical de Caraguatatuba, Ilha Bela, São Sebastião e Ubatuba: Municípios do Litoral Norte de São Paulo (2010) Atlas dos Falares do Baixo Amazonas (2010) Atlas Linguístico de Buíque (2011) Atlas Linguístico de Capistrano (2011) Novo Atlas Linguístico de Londrina: um estudo Geossociolinguístico – 2011 Atlas Geossociolinguístico de Londrina: um estudo em tempo real e tempo aparente (2012) Atlas Linguístico da Fronteira Brasil/Paraguai (2012) Atlas Linguístico de Goiás (2012) Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar (2012) Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário (2013)

Atlas Linguístico de Pernambuco – AliPE (2013) Atlas Linguístico-contatual da Fronteira entre Brasil/Paraguai (2013) Atlas Linguístico-Etnográfico de Alagoas (2013) Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo – 2014 Atlas Linguístico do Território Incaracterístico (Nascentes 1953) – 2015 Atlas Linguístico de Curiúva – Paraná (ALiC) – 2015
--

Fonte: Guedes (2012)

Depreende-se do exposto até aqui que a ampliação do olhar sobre as línguas com uma perspectiva pluridimensional trouxe avanços consideráveis para os estudos dialetológicos, pois, com tal olhar, é possível estabelecer corredores léxicos (Trudgill 1999), fonético-fonológicos, semântico-lexicais, sintáticos, com precisão mais acurada, mais fiel, ao que acontece de fato com a língua viva, com a língua em seu *habitat*, qual seja, no uso em interações cotidianas entre os membros de comunidades as mais variadas pelo mundo a fora.

## 2. METODOLOGIA

Neste capítulo apresentamos a metodologia utilizada para a execução do trabalho. Em primeiro lugar expor-se-á informações a respeito das localidades que fizeram parte da rede de pontos de coleta de dados. Em segundo lugar tratar-se-á do perfil dos informantes que foram inquiridos durante a fase da recolha dos dados. Em seguida há algumas considerações acerca do questionário utilizado para se coletar os dados. Finalmente explana-se sobre o modo como as informações estão organizadas nas cartas linguísticas.

### 2.1 A REDE DE PONTOS

Seis estados tiveram municípios selecionados para fazer parte da rede de pontos do projeto da dissertação, a saber: Pará, Amazonas, Amapá, Acre, Rondônia e Tocantins. Roraima com apenas um ponto de inquérito no estado, a capital Boa Vista, não foi selecionado para a rede de pontos da pesquisa.

O Pará é o estado com o maior número de pontos de inquérito, dez no total: Belém, Soure, Bragança, Almeirim, Óbidos, Altamira, Itaituba, Marabá, Jacareacanga e Conceição do Araguaia. No Amazonas os dados foram coletados em cinco pontos: Manaus, Humaitá, Tefé, Benjamin Constant e São Gabriel da Cachoeira. No Amapá participaram da pesquisa as cidades de Macapá e Oiapoque. No estado do Acre recolheram-se informações em Rio Branco e Cruzeiro do Sul enquanto que Rondônia teve dados coletados em Porto Velho e Guajará Mirim. No estado do Tocantins, os dados foram obtidos em Natividade e Pedro Afonso. O quadro a seguir mostra as cidades que fazem parte da rede de pontos:

Quadro 2: Pontos de inquérito da pesquisa

<b>Estado</b>	<b>Número de localidades</b>	<b>Localidades</b>
Pará	10	Belém, Soure, Bragança, Almeirim, Óbidos, Altamira, Itaituba, Marabá, Jacareacanga, e Conceição do Araguaia.
Amazonas	05	Manaus, Humaitá, Tefé, Benjamim Constant e São Gabriel da Cachoeira.
Amapá	02	Macapá e Oiapoque
Acre	02	Rio Branco e Cruzeiro do Sul
Rondônia	02	Porto Velho e Guajará Mirim
Tocantins	02	Natividade e Pedro Afonso

### 2.1.1 Perfil socioeconômico das localidades pesquisadas

Conforme se tem defendido neste trabalho, a língua também é decorrente da influência de fatores sociais, culturais, geográficos e históricos por que passam os seus usuários. Com tal ideia em mente, traçar-se-á um pequeno perfil de cada uma das cidades pesquisadas:

#### 2.1.1.1 Estado do Amapá

- Macapá

Capital e maior cidade do estado do Amapá, seu nome deriva da língua Tupi sendo uma variação da palavra “macapaba” que significa “lugar de muitas bacabas” que é uma palmeira nativa da região. Sua economia gira em torno do comércio, agricultura e indústria. Destaca-se a Zona de Livre Comércio de Macapá regulamentada pela lei federal 8.357 de 30 de Dezembro de 1991 e pelo decreto 517 de 1992. Macapá tem população estimada em 446.757 hab. (IBGE) a qual está em uma área de 6.408.545 km<sup>2</sup>. A cidade possui um grande número de moradores que são oriundos de outros estados do Brasil como do Pará, Maranhão e Ceará, além de estados da região sul e sudeste.

- Oiapoque

Localizada no extremo norte do Brasil, a 432 km de Macapá, a cidade de Oiapoque tem população estimada em 22.896 habitantes, segundo dados do IBGE de 2013. Os primeiros habitantes da região foram os povos indígenas das tribos Waiãpi, Galibi e Palikur. Emili Martinic foi o primeiro habitante não indígena a residir na região e por algum tempo a localidade recebeu o nome de Martinica. O nome atual tem origem tupi-guarani sendo uma variação do termo oiap-oca que significa “casa dos Waiãpi”. Sua economia baseia-se na criação de gados bovino e suíno, na agricultura (mandioca, laranja, milho, cana de açúcar), na extração de ouro e no comércio, pequenos estabelecimentos que comercializam seus produtos com os cidadãos franceses, principalmente da cidade de Saint George, na Guiana Francesa.

#### 2.1.1.2 Estado do Acre

- Rio Branco

Capital do estado do Acre, Rio Branco está localizada às margens do rio Acre. Possui área de 8.835.541 km<sup>2</sup> e população de cerca de 363.928 habitantes. O povoamento da região de Rio Branco se deu no início do século XIX com a chegada de nordestinos. A cidade passou por um período de desenvolvimento durante o ciclo da borracha. Nesta época ocorreu a miscigenação da população que possui traços do branco nordestino com índios kulinaã. Sua população é composta também de sulistas e paulistas.

- Cruzeiro do Sul

O município de Cruzeiro do Sul foi fundado em 01 de janeiro de 1939. Segundo o censo de 2013 do IBGE, o município registrou um total de 80.377 habitantes que vivem numa área geográfica de 8.779 km<sup>2</sup> com densidade demográfica de 9,16 hab/km<sup>2</sup>. Localiza-se na mesorregião do Vale do Juruá, a 593 km de distância da capital Rio Branco. Anteriormente essa região era habitada por tribos indígenas, cerca de quarenta e nove tribos do tronco Arauwak ou aruak. Entre os anos de 1877 a 1879 uma grande leva de nordestinos chegou à região para trabalhar nos seringais, cujo principal denominava-se Seringal Centro Brasileiro.

#### 2.1.1.3 Estado de Rondônia

- Porto Velho

A cidade de Porto Velho está localizada na margem a leste do rio Madeira. Foi fundada pela empresa Americana Madeira Mamoré Railway Company em 04 de Julho de 1907. Possui população de 494.013 habitantes (IBGE - 2013) e uma área de 34.096.388 km<sup>2</sup>. A cidade cresceu a partir das instalações ferroviárias da estrada de ferro Madeira Mamoré a qual atraiu um grande número de imigrantes. A partir das décadas de 60 e 70 do século XX ocorreu outro fluxo populacional para a região devido aos incentivos do governo federal aos projetos de colonização dirigida (distribuição de terras). Sua população é formada por nordestinos, paranaenses, paulistas, mineiros, gaúchos, mato-grossenses, amazonenses.

- Guajará Mirim

O município de Guajará Mirim tem população estimada em 45.761 habitantes segundo o censo do IBGE em 2013. Possui área de 24.855 km<sup>2</sup> e densidade demográfica de 1,84 hab/km<sup>2</sup>. Sua história também está relacionada à construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré que se estende por 366 km ligando Porto Velho a Guajará-Mirim e serviria

para escoar a produção de látex boliviano e brasileiro. Obra de tal magnitude atraiu uma leva de pessoas de outras regiões do Brasil e até dos Estados Unidos da América que vieram para trabalhar na construção da ferrovia.

#### 2.1.1.4 Estado do Tocantins

- Natividade

A município de Natividade tem suas raízes históricas com a chegada dos portugueses à região tocantinense a procura de ouro. Denominada primeiramente Arraial de São Luiz, passou a chamar-se Natividade a partir de 1933. Atualmente possui população de 9.268 habitantes segundo último censo realizado em 2013. Localiza-se na mesorregião oriental do Tocantins a 183 km de distância da capital, Palmas, e ocupa uma área de 3.240 km<sup>2</sup>.

- Pedro Afonso

A cidade de Pedro Afonso tem sua história iniciada com a chegada do reverendo Frei Rafael Taggia à região em 1845. Em 1903 é emancipada à condição de município tendo suas terras desmembradas do território de Porto Nacional. Forma uma conurbação com os municípios de Bom Jesus do Tocantins e Tupirama. Possui cerca de 12.490 habitantes em uma área de 2.010 km<sup>2</sup>. Está localizada a 134 km da capital do estado do Tocantins, Palmas.

#### 2.1.1.5 Estado do Amazonas

- Manaus

Manaus foi fundada em 1669 pelos portugueses com o nome de São José do Rio Negro, tendo sido elevada à condição de vila em 1832 com o nome de Manaos, em homenagem a tribo indígena dos Manaos, sendo legalmente transformada em cidade em 24 de outubro de 1848. É um dos maiores centros industriais do Brasil possuindo uma área (Distrito Industrial) onde está a maior parte das fábricas e indústrias que contam com grandes incentivos fiscais da Zona Franca de Manaus. A cidade possui uma área de 11.401.092 km<sup>2</sup> e população estimada em 2.020.031 habitantes segundo o IBGE. Ainda de acordo com este instituto, em 2010, a cidade tinha 22% de sua população formada por imigrantes, principalmente paraenses, que vão em busca de emprego na capital amazonense.

- São Gabriel da Cachoeira

A cidade de São Gabriel da Cachoeira fica localizada às margens da bacia do rio negro a 852 km de Manaus, fazendo fronteira com a Venezuela e Colômbia. Por ter seu território semelhante a uma cabeça de cachorro, também é conhecida por esse nome. Sua área é de 109.843 km<sup>2</sup>, mas possui densidade demográfica de apenas 0.38 hab/km<sup>2</sup>. Tem sua origem a partir de um forte construído pelas forças militares em 1759-1760 o qual gerou um pequeno povoado ao seu redor e que veio a constituir mais tarde na cidade de São Gabriel da Cachoeira.

- Tefé

A cidade de Tefé tem suas origens a partir de conflitos entre portugueses e espanhóis pela dominação da região amazônica. Samuel Fritz, jesuíta espanhol, já havia fundado várias aldeias ao longo do rio Solimões, entre elas Tefé. Com área de 23.704 km<sup>2</sup> e uma população de aproximadamente 62.885 habitantes (IBGE 2013), a cidade de Tefé está a 520 km de Manaus. Possui baixa densidade demográfica com 2.65hab/km<sup>2</sup>. Sua economia gira em torno da agricultura (produtos de subsistência como hortaliças e frutos regionais), da pesca (tambaqui e pirarucu), cuja produção alimenta o mercado interno e externo (Colômbia, Peru e Ásia) e do comércio, sendo essas duas últimas atividades as que mais geram recursos para o município.

- Benjamin Constant

A origem de Benjamin Constant remonta ao ano de 1750 quando já se registra a existência da aldeia do Javari, localizada na foz do rio de mesmo nome, fundada pelos Jesuítas. Sua fundação, no entanto, foi instituída em 1898 quando seu território foi desmembrado da localidade de São Paulo de Olivença. Das cidades pesquisadas no Amazonas, Benjamin Constant é a que se encontra na parte mais extrema do Estado a 1.118 km da capital, Manaus. Segundo dados do IBGE (2013), o município conta com uma população de 37.564 habitantes. Ocupa uma área de 8.793 km<sup>2</sup> e densidade demográfica de 4,27 hab/km<sup>2</sup>. Sua economia se baseia na agricultura (abacaxi, arroz, cana-de-açúcar, feijão, milho, tomate, banana, cacau e coco), na pecuária e avicultura (ambas sem grande expressão econômica), além da pesca, sendo um dos principais entrepostos pesqueiros do estado do Amazonas.

- Humaitá

Como inúmeras outras cidades fundadas na região amazônica, Humaitá tem suas origens nas obras Jesuíticas com a fundação da Missão de São Francisco em 1693, às margens do rio Preto, afluente do rio Madeira. Contudo, o município foi criado por decreto em 04 de fevereiro de 1890 quando foi desmembrado do município de Manicoré. Sua população é estimada em 49.137 habitantes segundo dados do IBGE (2013). Ocupa uma área de 33.071km<sup>2</sup> e tem densidade demográfica de 1.49hab/km<sup>2</sup>. A economia de Humaitá tem como fonte de renda a pecuária, a piscicultura, a pesca artesanal, a agricultura (arroz, soja, milho, cupuaçu e hortaliças), extração de madeira e os garimpos.

#### 2.1.1.6 Estado do Pará

- Belém

Situada na foz do rio Amazonas, Belém foi fundada em 12 de Janeiro de 1616 por Francisco Caldeira Castelo Branco, tendo sido a primeira capital da Amazônia. Denominou-se Feliz Lusitânia, Santa Maria do Grão Pará, Santa Maria de Belém do Grão Pará e finalmente Belém. Possui população estimada em 1.432.844 habitantes segundo dados do IBGE. No século XIX viveu um período de grande prosperidade impulsionada pela produção de borracha, tornando-se uma das cidades brasileiras mais desenvolvidas da época. Sua população é formada por uma variedade de caboclos, negros e índios.

- Soure

Situada na mesorregião do Marajó a 82 km de Belém, Soure tem uma área de 3.517 km<sup>2</sup>. Os índios Muruanazes foram os seus primeiros habitantes. No século XVIII foi fundada a Freguesia do Menino Deus, vindo a tornar-se vila alguns anos mais tarde com o topônimo Soure em homenagem a uma vila do distrito de Coimbra em Portugal que no tempo dos romanos se chamou Saurium-Jacaré. Em seu último censo (2013) foi registrado um total de 23.861 habitantes de acordo com os dados do IBGE. A localidade é dividida em duas partes: Soure (centro) e Pesqueiro. Sua economia tem como fonte principal de recursos a pecuária com rebanhos bubalinos, bovinos, equinos e suínos. Merece destaque também a produção de queijo de leite de búfala. Na agricultura produz-se coco, bacuri, murici, abricó, sapotilha e cajarana. A pesca e a extração de caranguejo também geram renda para o município.

- Óbidos

A cidade de Óbidos localiza-se às margens do rio Amazonas em um perímetro que ficou conhecido como “garganta do rio Amazonas” dada a sua pequena largura e grande profundidade nesse ponto. Ali construiu-se um forte em 1697, que deu origem a cidade. Abriga uma população de 50.171 habitantes numa área de 28.021 km<sup>2</sup> e possui densidade demográfica de 1,79 hab/km<sup>2</sup>. Sua economia é baseada na comercialização de fibra de juta, de castanha do Pará e na pesca. A cidade está aparelhada com um porto que permite a atracação de navios de grande porte.

- Almeirim

Situada no baixo Amazonas, a cidade de Almeirim foi iniciada pelos frades capuchos de Santo Antônio que fundaram a aldeia do Paru depois de se unir aos índios do rio Uacapari. Para defender o território Manoel da Mota e Siqueira construiu à margem esquerda do rio Amazonas um forte denominado Forte do Paru. Essa construção levou o povoado do Paru a ter um certo desenvolvimento e em 1758 passou a denominar-se Almeirim. Em 1835, Almeirim foi palco de Cabanagem, que assolou o interior da Província. Em 1890 readquiriu a categoria de Vila e também de município. Porém, em 1930, o então município foi extinto, sendo seu território anexado ao de Prainha, onde se restabeleceu no mesmo ano. Atualmente o município conta com uma população de 33.563 habitantes (IBGE 2013). Ocupa uma área de 72.954 km<sup>2</sup> com densidade demográfica de 0,46 hab/km<sup>2</sup>. Sua economia se destaca pela produção de leite de búfala e queijo.

- Bragança

A cidade de Bragança localiza-se no nordeste do Estado do Pará a 197 km da capital, Belém. Possui área de 2.091km<sup>2</sup> e população de 118.678 habitantes, segundo dados do IBGE (2013). A área onde a cidade se localiza já foi o lar dos índios Tupinambás e em 1613 recebeu a visita dos primeiros estrangeiros com a passagem dos franceses pela região. Em 1634 foi fundado às margens do rio Caeté um povoado que deu origem à cidade de Bragança que fora criada por um decreto presidencial em 1854. Sua economia se destaca pela produção de pescados, sendo o maior produtor do estado do Pará, além da pecuária e extração de caranguejo. Pérola do Caeté, Terra da Marujada e Amazônia Atlântida são alguns dos pseudônimos usados carinhosamente pela população para se referir à cidade.

- Altamira

A cidade de Altamira situa-se na região sudoeste do Pará acerca de 454 km de Belém. Possui área de 159.533km<sup>2</sup> e até 2009 era o maior município do mundo em extensão territorial. Sua origem está ligada às missões Jesuíticas do século XVIII, à extração da borracha no século XX e ao processo de ocupação da região amazônica a partir da década de 1970, especialmente com a passagem da rodovia Transamazônica em sua área. A cidade tem sido bastante noticiada devido à construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, visto que esta obra tem sido objeto de discussões entre aqueles que são a favor e os que são contra a sua realização. Um grande número de trabalhadores tem rumado para a cidade à procura de trabalho formal. Sua economia, no entanto, baseia-se na agricultura (arroz, cacau, feijão, milho) e na extração de borracha e castanha do Pará.

- Marabá

Marabá situa-se no sudeste do Pará a 440 km de Belém. Ocupa uma área de 15.128 km<sup>2</sup> e tem população de 251.885 habitantes (IBGE 2013) distribuídos numa média de 16,65 hab/km<sup>2</sup>. Goianos e Maranhenses foram os primeiros a chegar à região. O goiano Carlos Leitão chegou em Dezembro de 1894 e, ao descobrir que o local era rico na árvore que produzia látex, atraiu várias pessoas para trabalhar na coleta do produto. No entanto, o maranhense Francisco Coelho, que se instalou na região para negociar mercadorias com os trabalhadores dos seringais, teria sido o responsável pela denominação da cidade, pois, inspirado num poema de Gonçalves Dias, teria dado ao seu armazém o nome de Casa Marabá, que, aos poucos, foi sendo estendido à localidade que ali se formava. A economia de Marabá tem sido caracterizada por vivenciar ciclos econômicos. O primeiro caracterizou-se pela coleta do caucho para a produção de borracha. O segundo pela produção de castanha do Pará e o terceiro pela produção de minérios, como os diamantes nas décadas de 1920 e 1940 e o ouro em Serra Pelada. Na década de 1970, Marabá vivenciou a instalação do Projeto Grande Carajás e de indústrias do setor sidero-metalúrgico.

- Jacareacanga

Surgida na década de 1960, como distrito de Itaituba, Jacareacanga obteve sua emancipação em 1991. Seu topônimo provém da língua tupi e significa cabeça de jacaré. O município tem uma população indígena considerável e é formada também por imigrantes

nordestinos e sulistas. Segundo o IBGE (2013), Jacareacanga possui 41.487 habitantes distribuídos numa área de 53.303km<sup>2</sup>.

- Conceição do Araguaia

O município de Conceição do Araguaia situa-se às margens do rio Araguaia na região sudeste do Pará. Tem sua gênese desde os tempos coloniais originando-se do território da cidade de Baião. Ocupa uma área de 5.829km<sup>2</sup>, com 46.206 habitantes (IBGE 2013). Nos anos de 1970 formou-se nas redondezas da cidade um movimento político conhecido como Guerrilha do Araguaia que foi duramente reprimido pelo governo militar da época.

- Itaituba

Cidade localizada na região sudoeste do Pará, a cidade de Itaituba se encontra a 887 km da capital do estado. Possui população de 98.363 habitantes de acordo com os dados do IBGE (2013) e uma área de 62.040km<sup>2</sup>. Sua fonte de renda advém principalmente do setor de serviços, seguido da indústria, principalmente os derivados do calcário, com destaque para a produção de cimento. O setor de mineração também contribui para a geração de riqueza para a cidade com a extração de ouro do Vale do Tapajós que teve seu auge na década de 1980 e começou a declinar no início da década de 1990.

As figuras 1 e 2 a seguir ilustram a localização dos pontos de inquérito da pesquisa. O primeiro apresenta as cidades do interior, o segundo, as capitais:

Figura 1: Localização das cidades pesquisadas – não capitais



Figura 2: Localização das cidades pesquisadas – capitais



## 2.2 OS INFORMANTES

A dimensão diastrática constitui-se em um dos pilares que sustentam as análises de trabalhos dialetológicos pluridimensionais. A observação das características sociais dos falantes tais como idade, sexo e nível educacional, aliados aos aspectos geográficos no qual eles estão inseridos, oferecem subsídios mais sólidos para sustentar os resultados alcançados. Este trabalho, conforme já afirmado, insere-se na perspectiva da dialetologia

pluridimensional, desse modo, levou em consideração aspectos relativos aos sujeitos da pesquisa.

a. O número de informantes

Em toda a região norte 120 informantes foram selecionados para participar das entrevistas para coleta de dados. Desse total serão analisados os dados de 92 sujeitos, ou seja, todos os participantes de escolaridade fundamental, visto que os de nível superior de educação, que foram pesquisados somente nas capitais, não serão levados em conta, pois optou-se por observar a variedade lexical de falantes com nível fundamental de educação, os quais têm pouca influência da escola em sua fala.

b. Perfil dos informantes

- Dimensão diageracional: Os informantes considerados nesta pesquisa foram estratificados em duas faixas etárias, 18 a 30 anos de idade, primeira faixa etária, e 50 a 65 anos de idade, segunda faixa etária. Foram analisados os dados de 23 homens e 23 mulheres do primeiro grupo de idade e 23 homens e 23 mulheres do segundo grupo etário, totalizando os 92 indivíduos estipulados.
- Dimensão diagenérica: considerou-se falantes dos dois sexos na recolha das informações, sendo dois homens e duas mulheres em cada localidade.
- Dimensão diastrática: Para esta pesquisa foram considerados apenas os informantes com nível fundamental de educação, conforme explicado acima.

Ademais, os informantes devem ser natural da localidade pesquisada e não terem residido em outra cidade por mais de um terço de sua vida e, caso tenham morado fora, que esse período não coincida com a fase de aquisição da língua, nem com os anos imediatamente anteriores à entrevista. Seus pais devem também ser natural da cidade pesquisada. As localidades que foram formadas por indivíduos de outras localidades não foram objeto desta última exigência, principalmente para os informantes da segunda faixa etária.

### 2.3 O QUESTIONÁRIO

Para a coleta de dados foi utilizado o questionário do projeto ALiB (COMITÊ, 2001). Tal questionário constitui-se de questões de caráter fonético fonológico (QFF), composto de 159 perguntas, de um questionário semântico lexical (QSL), com 202 questões envolvendo 14 áreas semânticas<sup>4</sup>, de um questionário morfossintático (QMS) composto de 49 questões, além de quatro questões de pragmática (QP), seis perguntas de natureza metalinguística (PM), quatro temas para discurso semidirigidos (TDS) e um texto para leitura. As perguntas já se apresentam formuladas para que todos os entrevistadores as façam de forma padronizada, evitando distorções nas mesmas e conseqüentemente nas respostas dadas. Como exemplo citam-se duas perguntas do Questionário Semântico-Lexical (QSL):

#### JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS

##### 155. CAMBALHOTA

*... a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? Mímica.*

##### 161. CABRA CEGA

*... a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar outras?*

O item lexical que se deseja que o falante forneça são as duas formas em caixa alta, *cambalhota* e *cabra cega*, respectivamente, mas, obviamente, espera-se o maior número possível de itens lexicais para cada pergunta. No entanto, mesmo havendo um modelo preestabelecido, o entrevistador pode usar de artifícios outros para obter uma quantidade considerável de respostas. Nesta pesquisa foram utilizados os dados do questionário semântico lexical (QSL) relativos à área semântica “Jogos e Diversões Infantis” a qual é composta de 13 questões sendo 04 delas relacionadas em seu conteúdo: perguntas 158 e 159 (pipa/papagaio de papel e sua variante sem varetas) e as perguntas 162 e 163 (brincadeira em que uma criança deve alcançar as outras, antes de um local combinado e o nome do local combinado).

O quadro a seguir resume as dimensões consideradas neste trabalho:

---

<sup>4</sup> As áreas semânticas constantes do questionário semântico lexical são como seguem: 1. Acidente geográfico 2. Fenômenos atmosféricos 3. Astros e tempo 4. Atividades agro-pastoris 5. Fauna 6. Corpo humano 7. Ciclos da vida 8. Convívio e comportamento social 9. Religiões e crenças 10. Jogos e diversões infantis 11. Habitação 12. Alimentação e cozinha 13. Vestuário e acessórios 14. Vida urbana.

Quadro 03: Dimensões consideradas na pesquisa

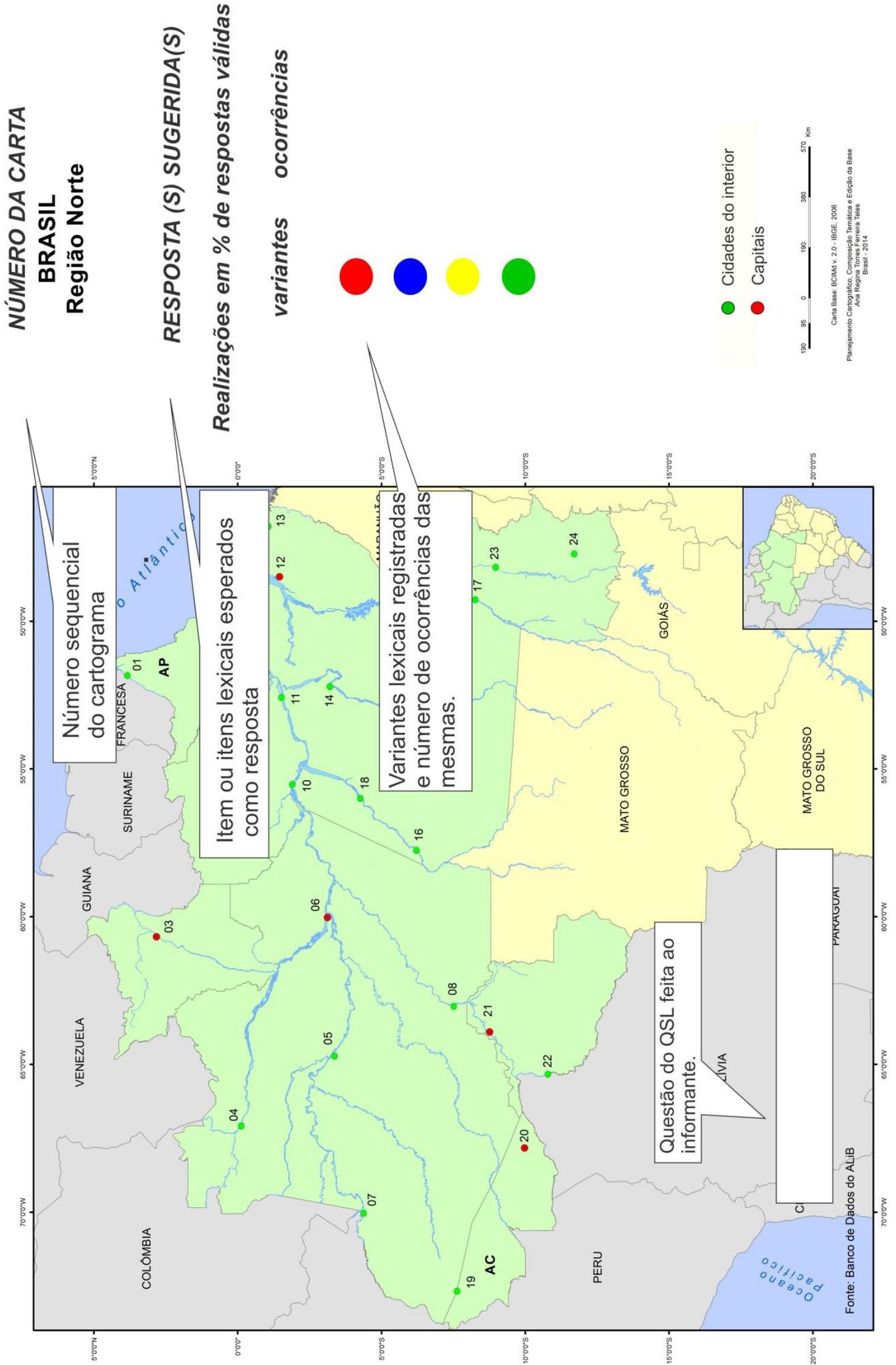
Dimensões	Parâmetros
Diatópica	Mapa topeostático que reúne uma rede de pontos em seis estados da região norte do Brasil (capitais e cidades do interior), exceto Palmas, capital do Tocantins em virtude de sua recente fundação.
Diageracional	Falantes de duas faixas etárias: Faixa 01: 18 a 30 anos Faixa 02: 50 a 65 anos
Diagenérica	Falantes do sexo masculino Falantes do sexo feminino
Diastrática	Ensino fundamental incompleto

Para esta pesquisa, conforme se tem enfatizado, foram utilizadas as informações do banco de dados do projeto ALiB. O campo semântico pesquisado (Jogos e Diversões Infantis) foi recortado do arquivo de áudio com o programa de computador *Cool Edit Pro 2.0*. Em seguida, foram produzidas tabelas que demonstrassem quantitativa e qualitativamente os dados de cada uma das cidades, por meio do programa *Excel 2010*, para a posterior exposição dessas informações nas cartas. O mapa base utilizado para a elaboração das cartas lexicais pertence ao projeto ALiB e para a inserção das informações nas mesmas os programas computacionais *Corel Draw* e *Photoshop* foram de grande valia.

## 2.4 ORGANIZAÇÃO DAS CARTAS LINGUÍSTICAS

Para a interpretação dos dados, apresentamos a figura a seguir a qual demonstra o modo como as informações estão dispostas nas cartas.

Figura 03: mapa explicativo



Na base esquerda da carta está a questão feita ao informante no mesmo modo em que ela se encontra no questionário semântico lexical do projeto ALiB. Acima e à direita da carta há o número sequencial da mesma. Abaixo dessa informação está o item ou itens lexicais sugeridos como resposta à pergunta feita. A seguir encontram-se as variantes lexicais fornecidas pelo pesquisado no momento do inquérito. Tais respostas são representadas por círculos coloridos que obedecem a uma sequência de cores de acordo com o número de ocorrências em que elas aparecem na região norte, assim, a cor vermelha representa o item lexical mais frequente, a cor azul o segundo item mais produtivo e assim sucessivamente. Tais cores seguem o modelo preconizado pelo projeto ALiB.

Quadro 4: Cores usadas nos mapas diatópicos

 Primeira ocorrência	 Sétima ocorrência
 Segunda ocorrência	 Oitava ocorrência
 Terceira ocorrência	 Nona ocorrência
 Quarta ocorrência	 Décima ocorrência
 Quinta ocorrência	 Outras ocorrências
 Sexta ocorrência	 Décima primeira ocorrência

Ao lado dos círculos estão as respostas fornecidas e o número de ocorrências das mesmas. As cidades da região estão representadas por pontos verdes (cidades do interior) e pontos vermelhos (capitais). Próximo a cada ponto estão os resultados obtidos, os quais são representados por gráficos em forma de *pizza*. As das capitais têm diâmetro maior que as das cidades interioranas, recurso usado para facilitar a visualização dos dados de uma e outra área.

Os resultados concernentes à dimensão social (sexo e idade) serão demonstrados por meio de gráficos. Do mesmo modo serão comparados os dados da região norte aos da área do falar baiano. Para os resultados da consulta aos dicionários adotou-se o sinal (+), o qual indica que o item lexical se encontra dicionarizado, o sinal (-) para indicar a não dicionarização do item lexical e a expressão “outra acepção” para demonstrar que o item está presente nos dicionários consultados porém, com sentido diverso do questionário semântico lexical.

### 3. ANÁLISE DOS DADOS

Apresentamos os resultados alcançados na análise dos dados da região norte. A exposição desses resultados está organizada do seguinte modo: primeiramente será observado a dimensão diatópica sob o ponto de vista local, comparando-se os resultados das cidades do interior com as suas respectivas capitais. A seguir será feita análise do ponto de vista regional

verificando-se o item ou itens lexicais que caracterizem o falar nortista, além de agrupamentos lexicais na região (Razky 2010, 2013). A dimensão social será apresentada restringindo-se aos aspectos relativos ao gênero e idade dos informantes abordando os dois primeiros itens lexicais mais produtivos. Em seguida tratar-se-á da verificação do grau de dicionarização dos itens documentados e, finalmente, estabelecer-se-á comparação entre os dados registrados na região norte aos da área do falar baiano, a qual está localizada na região nordeste do Brasil.

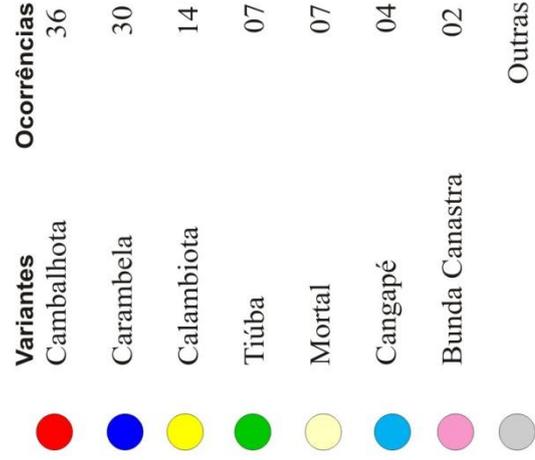
#### 3.1 CARTA LEXICAL 01: CAMBALHOTA

Apresentamos a seguir a carta relativa ao primeiro item lexical analisado: *cambalhota*.

# CARTA L 01

## BRASIL Região Norte CAMBALHOTA

Realizações em % de respostas válidas



 Cidades do interior  
 Capitais



Carta Base: IBICIM v. 2.0 - IBGE, 2006  
 Planejamento Cartográfico, Conceição Tomálica e Edilene da Base  
 Ana Regina Torres Ferreira Teles  
 Brasil - 2014

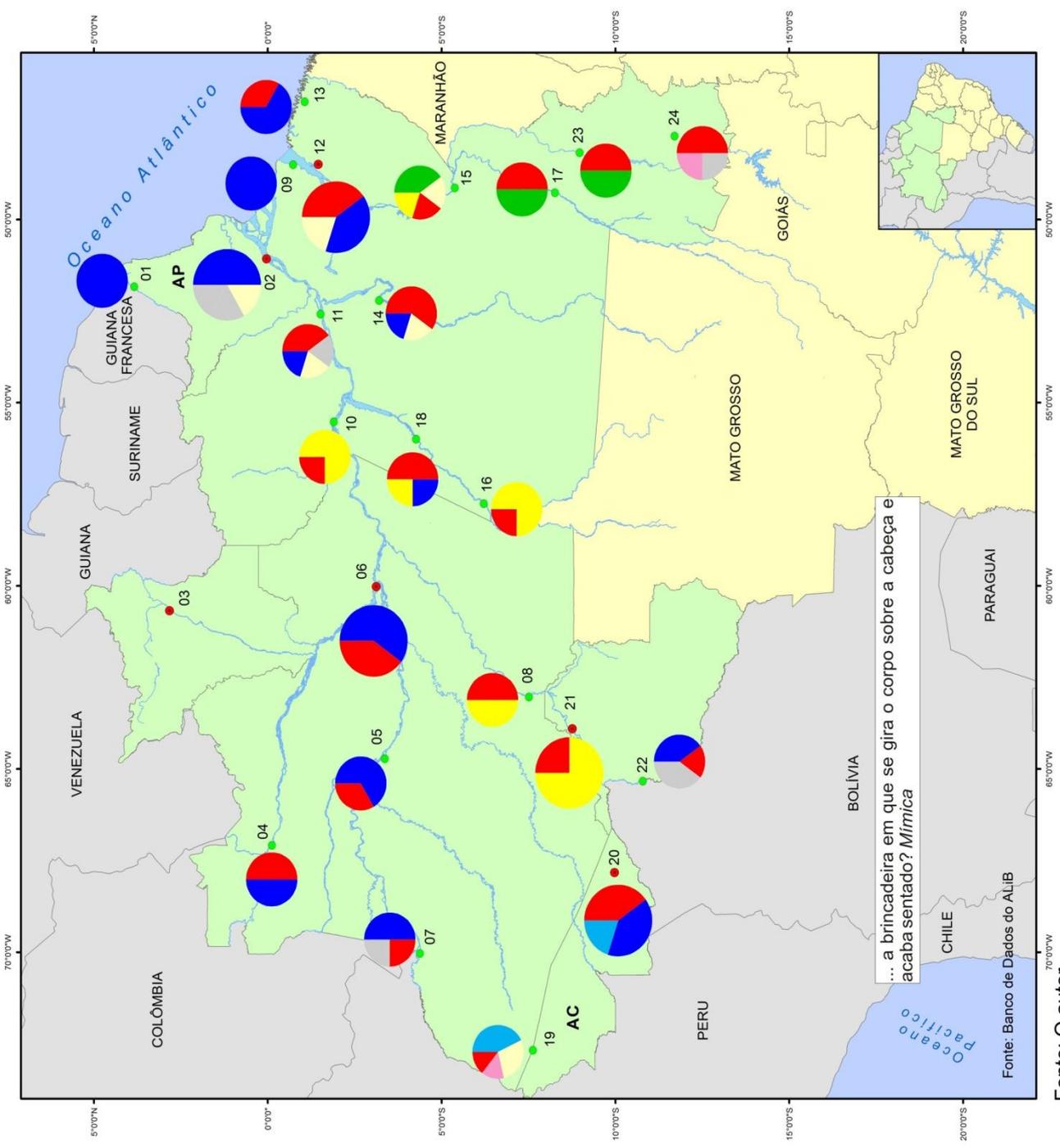


Figura 04: carta lexical do item cambalhota

Quadro 05 : Itens lexicais sob o rótulo *outras* (QSL – 155)

Item lexical	Núm. Ocorr.	Ponto de ocorrência
Bunda carnaço	01	24 (Natividade – TO)
Trampolim	01	22 (Guajará Mirim – RO)
Piruetas	01	11 (Almeirim – PA)
Estrelinha	01	07 (Benjamin Constant – AM)
Palhaço	01	02 (Macapá – AP)

Do ponto de vista local, Belém (12), capital do estado do Pará, não apresenta diferenças marcantes em relação às cidades do interior. Nesta cidade *cambalhota* e *carambela* foram os itens lexicais mais produtivos. No interior do estado também. No entanto, os municípios de Óbidos (10), Itaituba (18), Jacareacanga (16) e Marabá (15), apresentaram a variante *calambiota* a qual não foi registrada na capital paraense. No Amazonas, Manaus (06) registrou *carambela* e *cambalhota*, o mesmo ocorrendo nas cidades interioranas. No Acre, a capital Rio Branco (20) e a cidade de Cruzeiro do Sul (19) tiveram em comum os itens *cambalhota* e *cangapé*, porém, a variante *carambela* foi documentada somente na capital. *Bunda canastra* e *mortal* ocorreram apenas no interior do estado. Em Rondônia, *calambiota* e *cambalhota* foram comuns à capital e ao interior.

Do ponto de vista regional, o item lexical *cambalhota* foi registrado com maior frequência na região (33%), seguido de *carambela* (30%). Além desses itens documentou-se ainda *calambiota* (11%), *tiúba* (9%) e *mortal* (5%).

Observando as áreas com itens lexicais em comum, a carta demonstra que *carambela* ocorre com mais frequência no nordeste e noroeste da região norte brasileira. No nordeste o item foi documentado em municípios do estado do Pará, nas cidades de Bragança (13), Soure (09), Belém (12), Almeirim (11), Altamira (14) e Itaituba(18), além dos municípios de Macapá (02) e Oiapoque (01), no estado do Amapá. No noroeste, foi registrado em Manaus (06), Tefé (05), Benjamin Constant (07) e São Gabriel da Cachoeira (04), todos no estado do Amazonas. Percebe-se que *carambela* perde força em municípios que estão próximos da fronteira com as regiões nordeste e centro-oeste do Brasil.

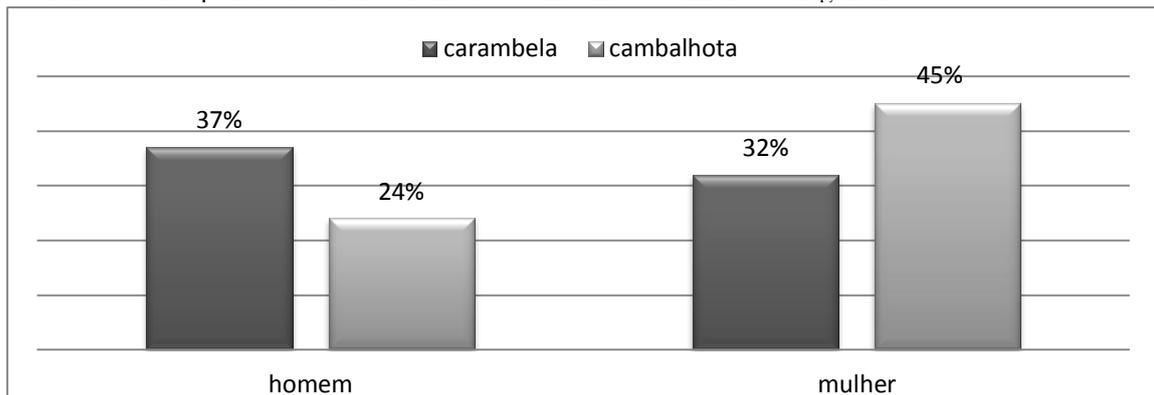
O item lexical *calambiota* está concentrado em uma área na faixa central da região que inclui as localidades de Óbidos (10), Itaituba (18) e Jacareacanga (16), no estado do Pará, Humaitá (08), no estado do Amazonas, e Porto Velho (21), em Rondônia. Outra área com item lexical comum diz respeito ao sudoeste da região norte, onde *tiúba* foi recorrente nas cidades

de Marabá (15) e Conceição do Araguaia (17), no estado do Pará, assim como em Pedro Afonso (23) no estado do Tocantins.

Outro item registrado na região diz respeito a *mortal* o qual foi documentado em uma área que abrange as cidades de Macapá (02), Belém (12), Almeirim (11) e Altamira (14).

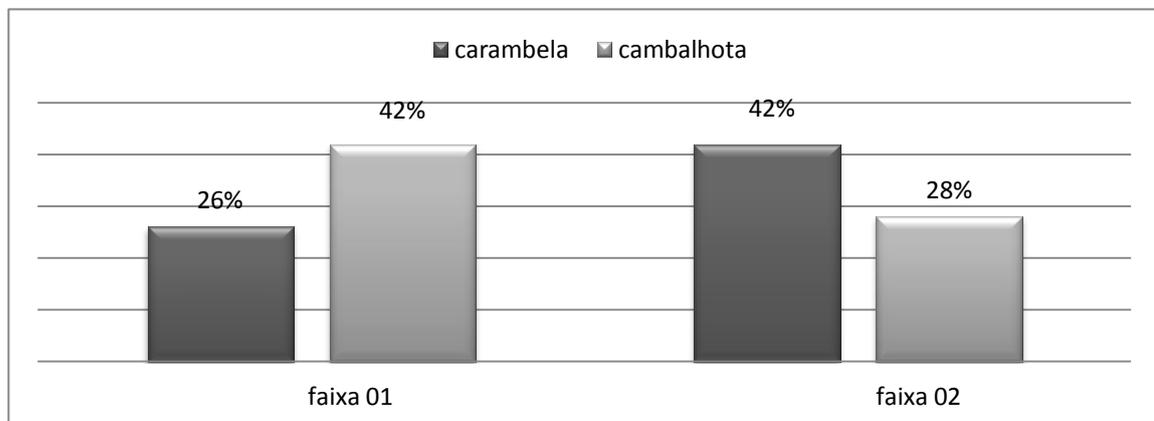
Com relação ao aspecto social, o gráfico a seguir demonstra o resultado da dimensão diagenérica para os dois itens lexicais mais recorrentes:

Gráfico 01: Frequência dos itens carambela e cambalhota – dimensão diagenérica.



Observando a frequência de *carambela* verifica-se que os dois gêneros mostraram equilíbrio quanto ao seu uso, com os homens mencionando o item em 37% das respostas e as mulheres em 32%. Quanto à *cambalhota*, o sexo feminino mostrou preferência por essa lexia, com 45% das respostas fornecidas, enquanto os homens o mencionaram em 24% das suas ocorrências. Desse modo, o resultado aponta para o uso um pouco mais frequente de *carambela* pelos homens e *cambalhota* pelas mulheres. O próximo gráfico dá conta do aspecto diageracional:

Gráfico 02: Frequência dos itens carambela e cambalhota – dimensão diageracional.



A dimensão diageracional demonstra preferências diferentes entre as duas faixas etárias analisadas. Os usuários mais jovens mencionaram *cambalhota* em 42% de suas respostas, enquanto que os falantes mais velhos preferiram *carambela*, com 42% do total das respostas fornecidas.

Com relação à dicionarização dos itens lexicais ocorrentes na região norte, apresenta-se o quadro a seguir:

Quadro 06: Resultado da consulta em dicionários do item lexical *cambalhota*.

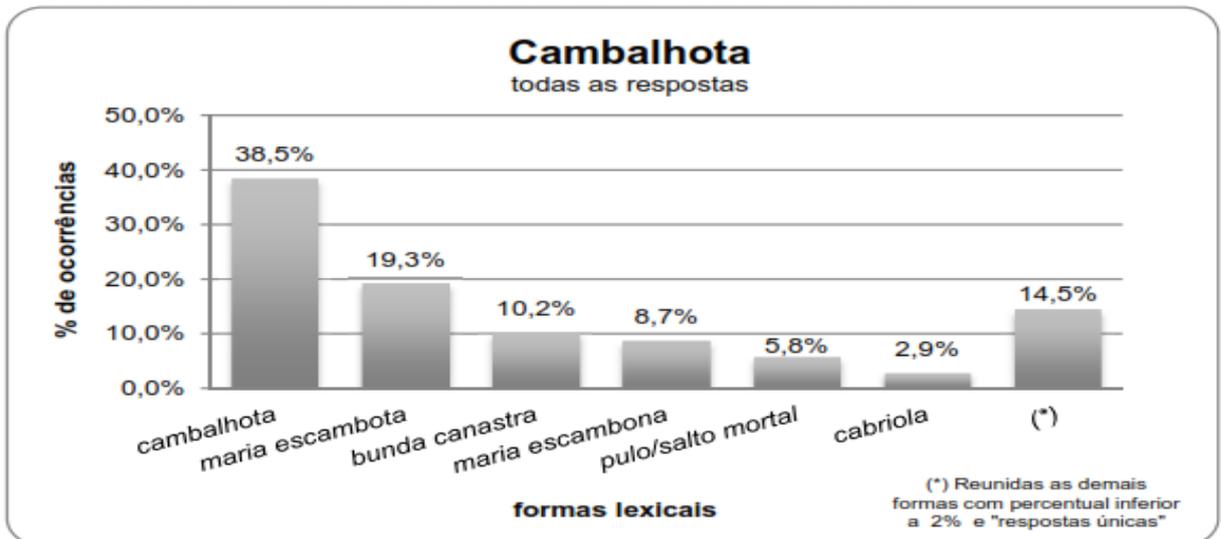
Item Lexical	Houaiss	Aurélio	Caldas Aulete
Cambalhota	+	+	+
Carambela	–	+	–
Calambiota	–	–	–
Tiúba	outra acepção	outra acepção	outra acepção
Mortal	outra acepção	outra acepção	outra acepção
Cangapé	–	outra acepção	outra acepção
Bunda canastra	–	outra acepção	–
Palhaço	outra acepção	outra acepção	outra acepção
Piruetta	+	outra acepção	outra acepção

O item *cambalhota* está presente em todos os três dicionários consultados com o mesmo sentido expresso no QSL. *Carambela*, por sua vez, está presente apenas no dicionário Aurélio. Chama à atenção o item *calambiota* que não consta em nenhuma das três obras. *Tiúba*, comum no Tocantins e parte do estado do Pará está registrado como um tipo de bebida alcoólica em todos os dicionários e como um tipo de abelha no Aurélio, mas não com o sentido de *cambalhota*. Para *mortal*, o dicionário Aurélio o apresenta com sentido próximo ao descrito na questão 155 do QSL, pois nesta, se “gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado” enquanto que no dicionário “você pula e vira uma cambalhota no ar”. O item *cangapé* apresenta definição (Aurélio e Aulete) relacionada ao ato de saltar, porém, não se aproxima do sentido descrito no QSL. *Bunda canastra* foi encontrado no dicionário Aurélio mas com definição vaga, não esclarecendo a brincadeira em si. A forma lexical *palhaço* não está registrado com o sentido de *cambalhota* em nenhum dos dicionários pesquisados enquanto que *pirueta* tem acepção de “salto”, “rodopio”, “giro completo no ar”.

Os itens lexicais observados demonstram que alguns itens comuns no norte ainda não estão registrados nos dicionários pesquisados com o sentido que os mesmos têm na região, como foi o caso de *tiúba*. Outros ainda não foram mesmo registrados como foi o caso de *calambiota*.

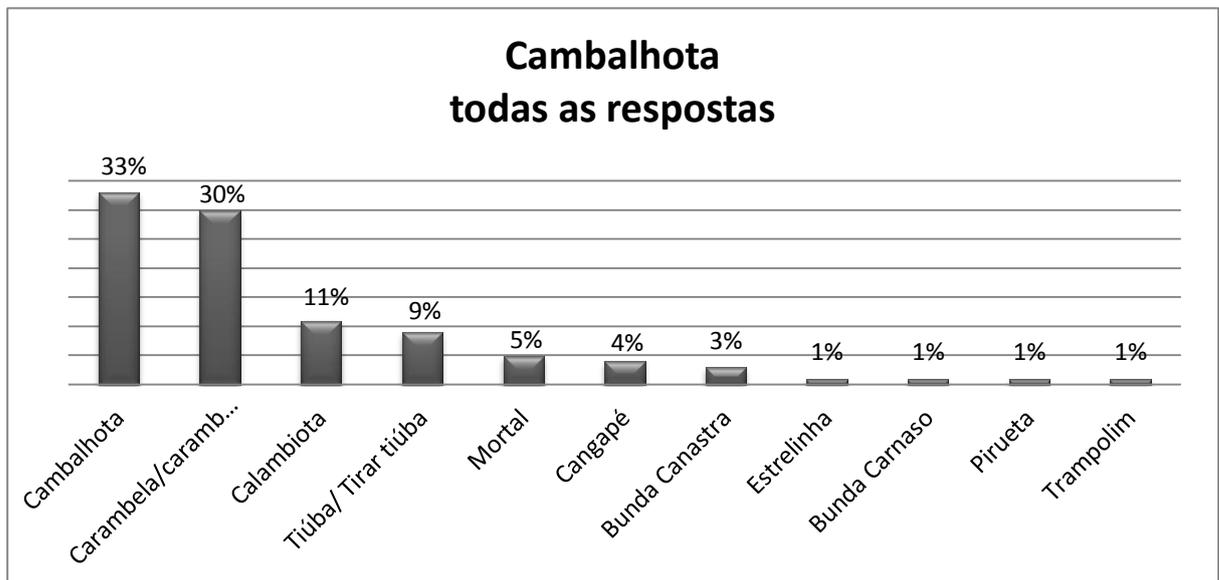
Observando os resultados oriundos da tese de doutorado de Ribeiro (2012) em que ela examina a área do falar baiano será feito nesse momento a comparação entre os dados obtidos nessa área e a região norte para se verificar as peculiaridades de cada um dos falares assim como possíveis convergências entre eles. Com relação a questão 155 (QSL) os gráficos a seguir mostram a frequência dos itens lexicais recolhidos para *cambalhota* na área do falar baiano e na região amazônica:

Gráfico 03: Percentual das formas lexicais de cambalhota – área do falar baiano.



Fonte: Ribeiro (2012).

Gráfico 04: Percentual das formas lexicais de cambalhota – região norte

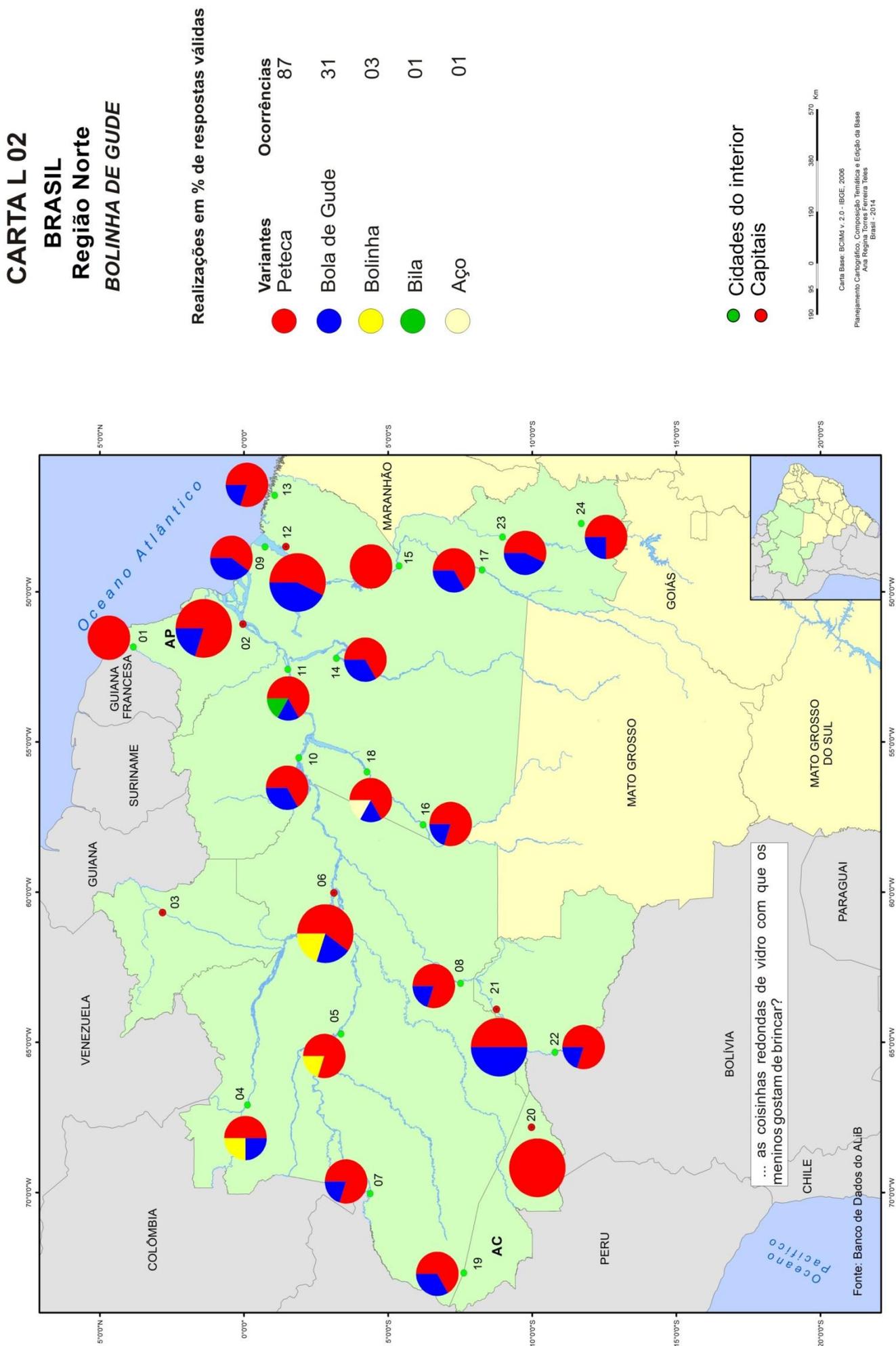


Contrastando as duas regiões nota-se que *cambalhota* é recorrente em ambas e apresenta um percentual bastante equilibrado de frequência nas mesmas, 38,5% na área do falar baiano e 33% na região norte. *Bunda canastra* e *pulo/salto mortal* também ocorreram nas duas áreas pesquisadas mas aparecem com um pouco mais de frequência no nordeste brasileiro. *Carambela* ocorreu com bastante intensidade na região norte (30%) enquanto que na região do falar baiano este item está incluído no grupo de respostas únicas. Tal fato aponta para a preferência do falante nortista por *carambela*, ao lado de *cambalhota*, para nomear a brincadeira infantil, embora *carambela* tenha seu uso diminuído em áreas próximas a outras regiões do Brasil, conforme já se mencionou.

### 3.2 CARTA LEXICAL 02: BOLINHA DE GUDE

Apresentamos a carta para análise das variações lexicais concernente ao item *bolinha de gude*, resultantes da questão 156 do QSL:

Figura 05: carta lexical do item bolinha de gude



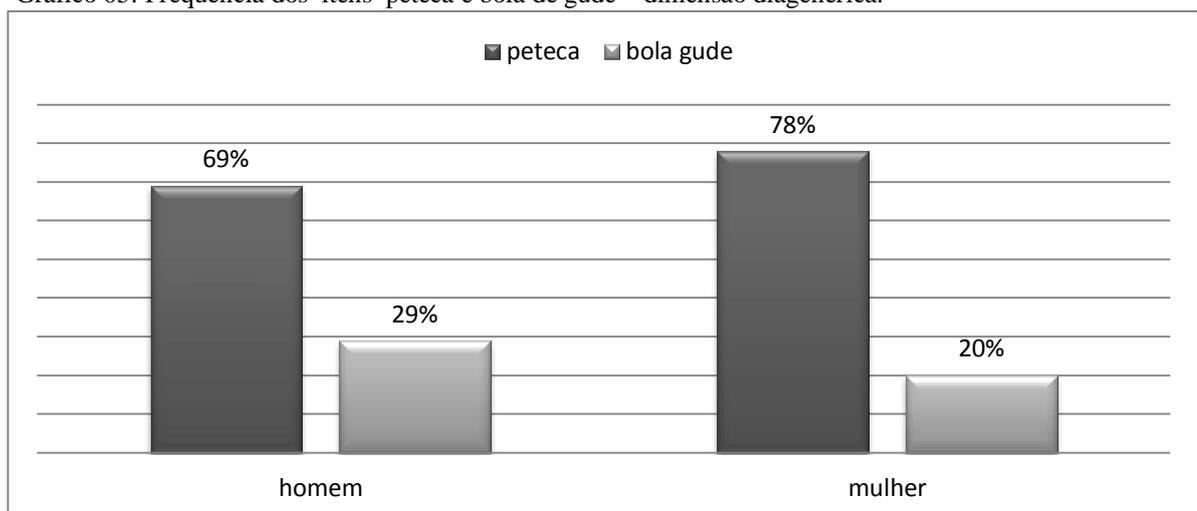
Do ponto de vista local os estados pesquisados não demonstraram diferenças substanciais entre as capitais e as cidades do interior. No Pará, a capital Belém (12) registra as mesmas formas lexicais que as cidades do interior, *peteca* e *bola de gude*. A variante *bila* foi mencionada em apenas uma localidade, Almeirim (11). No estado do Amazonas, Manaus (06) também registrou os mesmos itens lexicais encontrados no interior que foram *peteca*, *bola de gude* e *bolinha*, embora este último item não tenha sido registrado em todas as cidades interioranas. A capital do Acre, Rio Branco (20), registrou apenas *peteca* enquanto que a localidade de Cruzeiro do Sul (19), além desse item, mencionou *bolinha de gude*. Em Rondônia, Porto Velho (21) e Guajará Mirim (22) apresentaram as mesmas formas lexicais. No Amapá, Macapá (02) registrou *peteca* e *bola de gude*, mas este último item não foi registrado no Oiapoque (01).

Do ponto de vista regional, *peteca* e *bola de gude* estão distribuídos por toda a região norte, porém, *peteca* tem frequência bem mais significativa: 73% dos dados. Esse número sinaliza para a preferência do falante nortista ao uso de *peteca* à *bola de gude*.

A carta mostra uma subárea dentro do norte que inclui as localidades de Manaus (06), Tefé (05), e São Gabriel da Cachoeira (04), onde a forma *bolinha* foi registrada.

Quanto ao aspecto social segue o gráfico que demonstra as preferências em relação ao gênero dos informantes:

Gráfico 05: Frequência dos itens *peteca* e *bola de gude* – dimensão diagenérica.

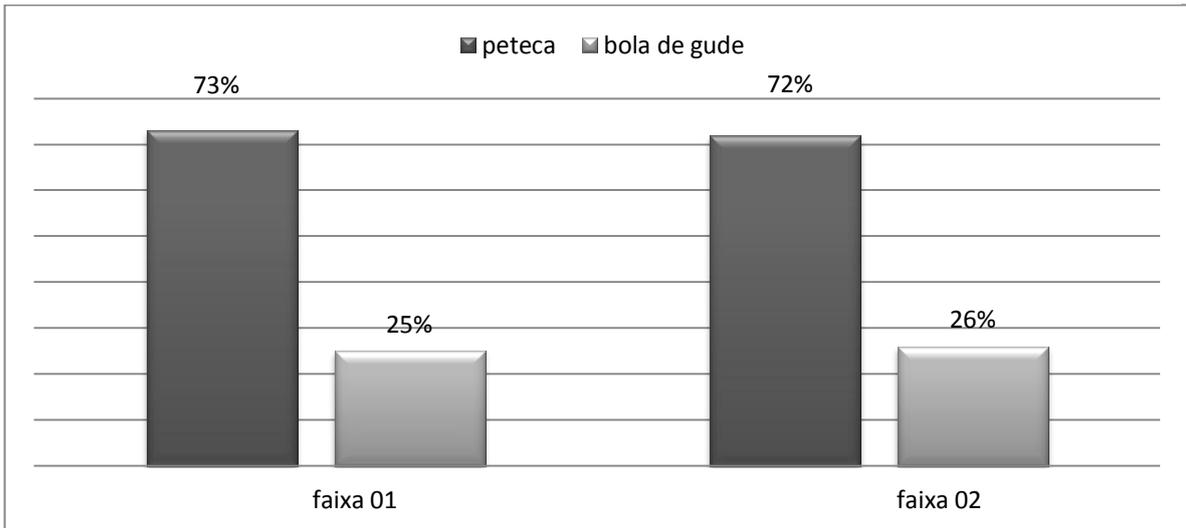


O gráfico confirma a preferência da região norte pelo item *peteca*. Tanto os homens quanto as mulheres demonstraram alta frequência de uso do item lexical, com 69% e 78% para

cada gênero respectivamente. Observa-se que *bola de gude* não se mostrou tão popular entre os dois gêneros. Os homens citaram o termo em 29% de seus dados e as mulheres em 20% das suas respostas.

Com relação à idade dos informantes, o próximo gráfico apresenta os resultados:

Gráfico 06: Frequência dos itens peteca e bola de gude – dimensão diageracional.



Com base no gráfico observa-se que maioria dos informantes, tanto da primeira quanto da segunda faixa etária, demonstrou preferência por *peteca*. A diferença entre o uso desse item e *bola de gude* é bastante significativa e confirma a preferência dos falantes da região norte pelo uso de *peteca*.

Com relação ao grau de dicionarização dos itens lexicais documentados na região norte para designar *bolinha de gude*, apresentamos o seguinte quadro:

Quadro 07: Resultado da consulta em dicionários do item lexical bolinha de gude.

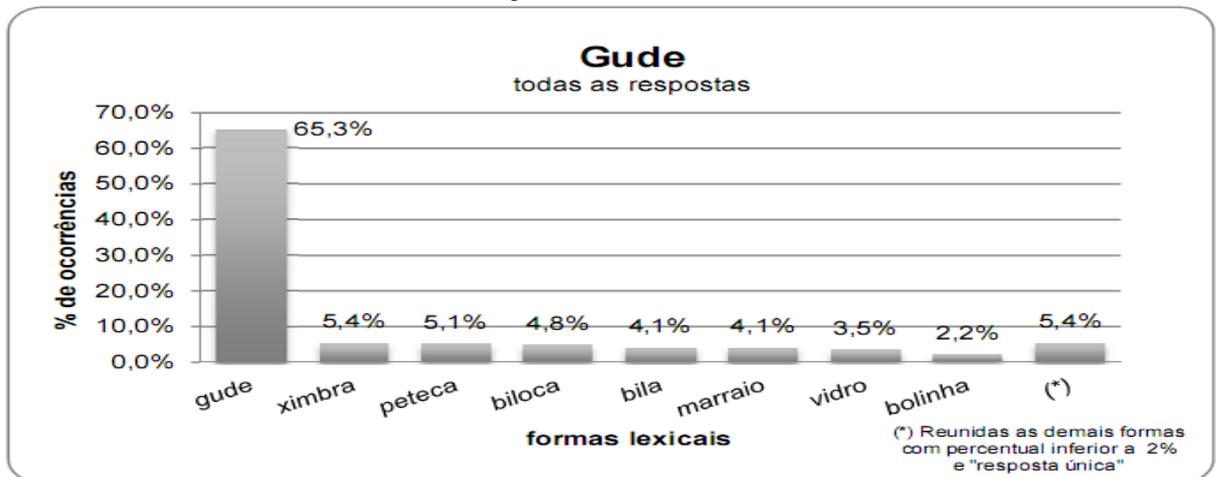
Item Lexical	Houaiss	Aurélio	Caldas Aulete
Peteca	+	+	+
Bolinha	+	+	+
Bila	+	+	+
Aço	+	+	+

A forma mais comum na região, *peteca*, é descrita nos dicionários como algo diferente do brinquedo pois é definida como uma bola “de pano ou couro com penas”, ou seja, algo bastante diverso das bolinhas de vidro. O dicionário Aurélio é o único das três obras

consultadas que apresenta *peteca* como sinônimo de *bola de gude*. *Bila* foi definido com a mesma acepção de *peteca* somente no dicionário Aurélio, restringindo seu uso ao estado do Ceará. De fato, no norte, o termo *bila* foi mencionado apenas uma vez em Almeirim (11) no estado do Pará. O item *bolinha* se apresentou com o mesmo sentido de *bolinha de gude* em dois dicionários consultados (Houaiss e Caldas Aulete). A forma *aço* foi relacionada ao resultado da fusão de vários minérios.

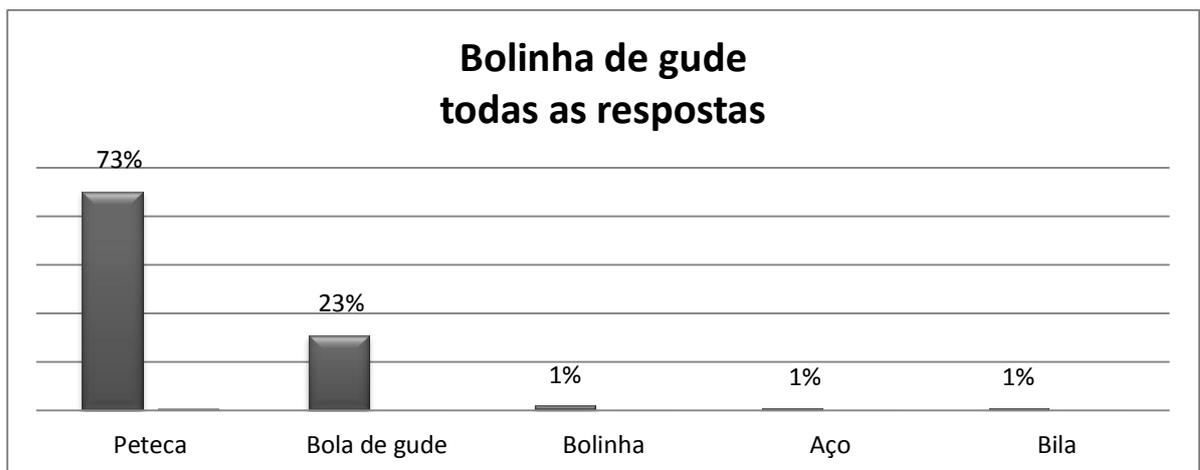
Para se comparar os dados da região norte aos da área do falar baiano os gráficos a seguir servem de base:

Gráfico 07: Percentual das formas lexicais de gude – área do falar baiano.



Fonte: Ribeiro (2012).

Gráfico 08: Percentual das formas lexicais de bola de gude – região norte.



Comparando os resultados da região norte aos da área do falar baiano, observou-se que as diferenças entre ambas são consideráveis. A região nordestina teve uma razoável

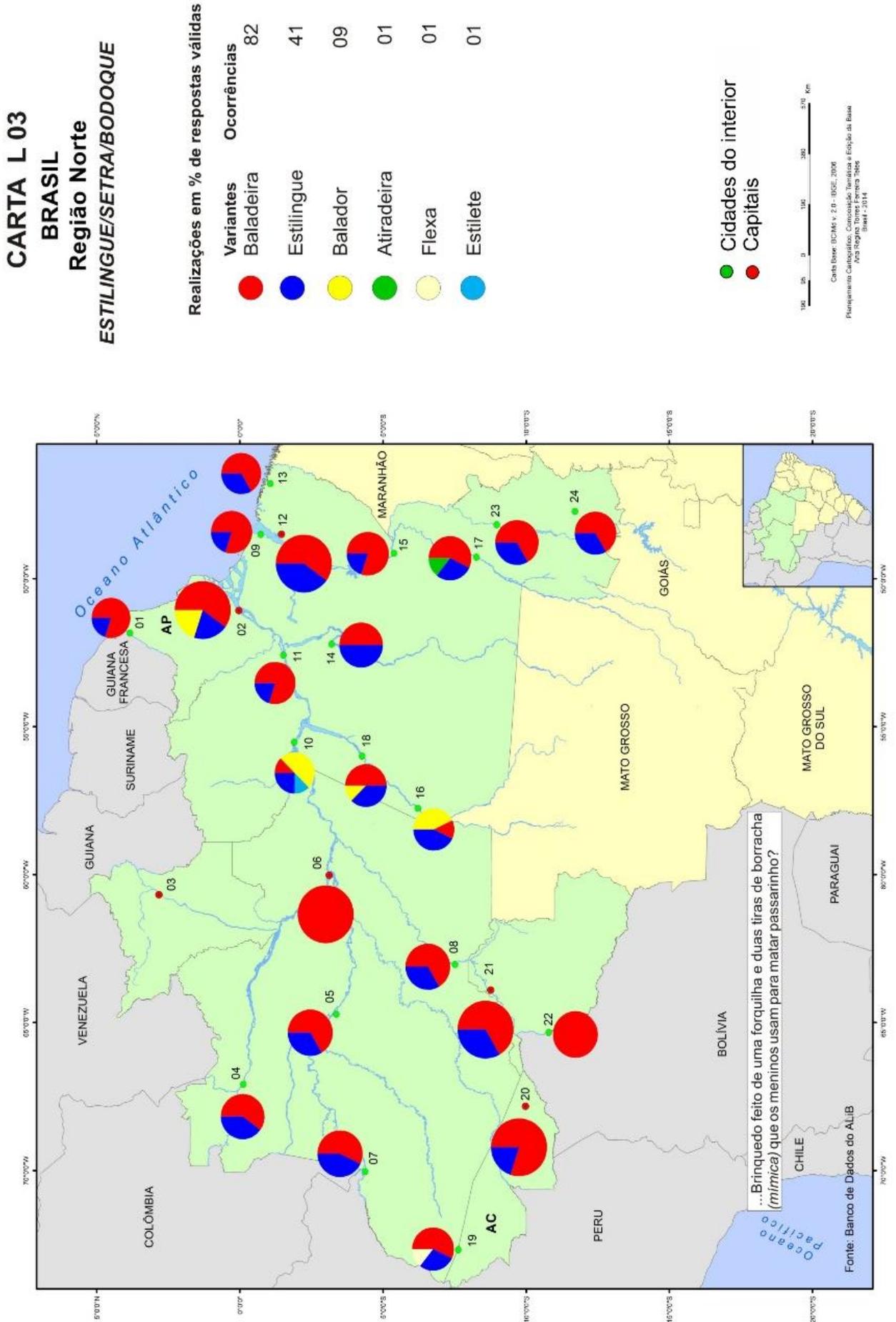
variedade de itens lexicais para designar *bolinha de gude*, apresentando 13 formas diferentes, considerados os agrupamentos. *Gude* representa o maior número de menções feitas com um total relativo de 65,3% das respostas fornecidas, indicando que é o item mais comum na área do falar baiano. Há grandes diferenças em relação às preferências da região norte onde *peteca*, como já se constatou, foi o item mais frequente, com 73% das respostas fornecidas.

A grande variedade de itens, apontada há pouco, para designar *bolinha de gude* na área do falar baiano, mostra lexias que não ocorreram na região norte como *ximbra*, *biloca*, *marraio*, *boleba* e *china*, o que aponta as diferenças marcantes entre o léxico das duas regiões comparadas. Por outro lado, *gude* ou *bola de gude* foi comum às duas áreas geográficas.

### 3.3 CARTA LEXICAL 03: ESTILINGUE/SETRA/BODOQUE

Para a análise dos itens lexicais *estilingue*, *setra*, *bodoque*, apresentamos a carta a seguir:

Figura 06: carta lexical dos itens estilingue/setra/ bodoque



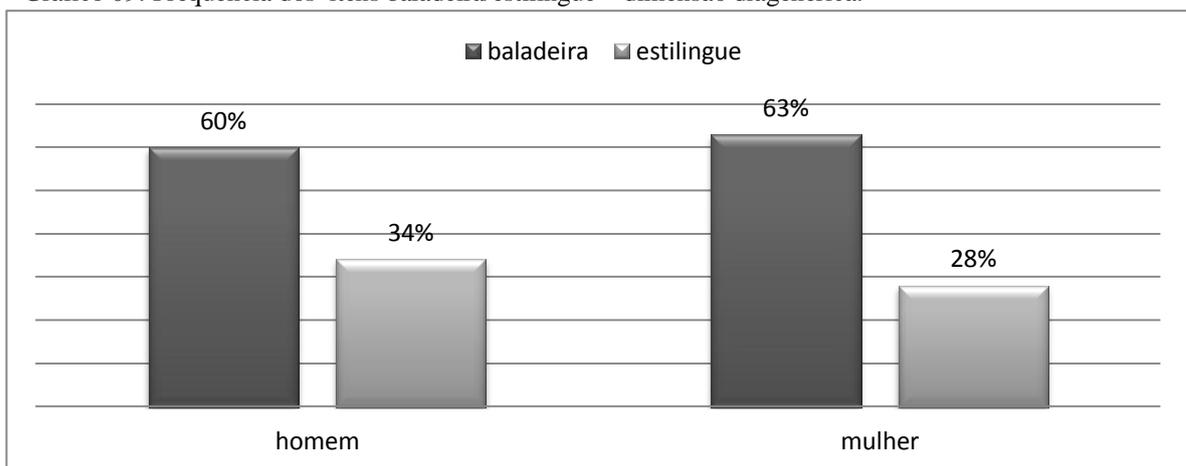
A análise da carta 03 mostra que tanto as capitais como as cidades do interior tendem ao uso de *baladeira* e *estilingue*. O Pará registrou os dois itens em todas as cidades pesquisadas. As localidades de Óbidos (10), Itaituba (11) e Jacareacanga (16) tiveram em comum a forma *balador* à qual não ocorreu na capital, Belém. No Amazonas, *baladeira* foi o único item documentado na capital. No interior do estado, além de *baladeira*, registrou-se *estilingue* também. Rio Branco (20), no Acre, documentou *baladeira* e *estilingue*, o mesmo ocorrendo no interior do estado onde também se registrou *flecha*. Guajará- Mirim (22), em Rondônia, não forneceu *estilingue* em suas respostas, que somente ocorreu em Porto Velho (21). No Amapá, foi documentado o item *balador* na capital, Macapá (02), o qual não foi registrado em Oiapoque (01). As duas localidades tiveram em comum os itens *baladeira* e *estilingue*.

Do ponto de vista regional, *baladeira* e *estilingue* foram os itens mais recorrentes. *Baladeira*, no entanto, parece ser o item mais representativo da região, com 61% das respostas registradas.

A carta apresenta apenas uma subárea com forma lexical em comum, *balador*, que abrange as localidades de Macapá (02), Óbidos (10), Itaituba (18) e Jacareacanga (16).

Com relação ao aspecto social o gráfico a seguir demonstra as preferências lexicais levando em conta o gênero dos informantes:

Gráfico 09: Frequência dos itens baladeira/estilingue – dimensão diagenérica.

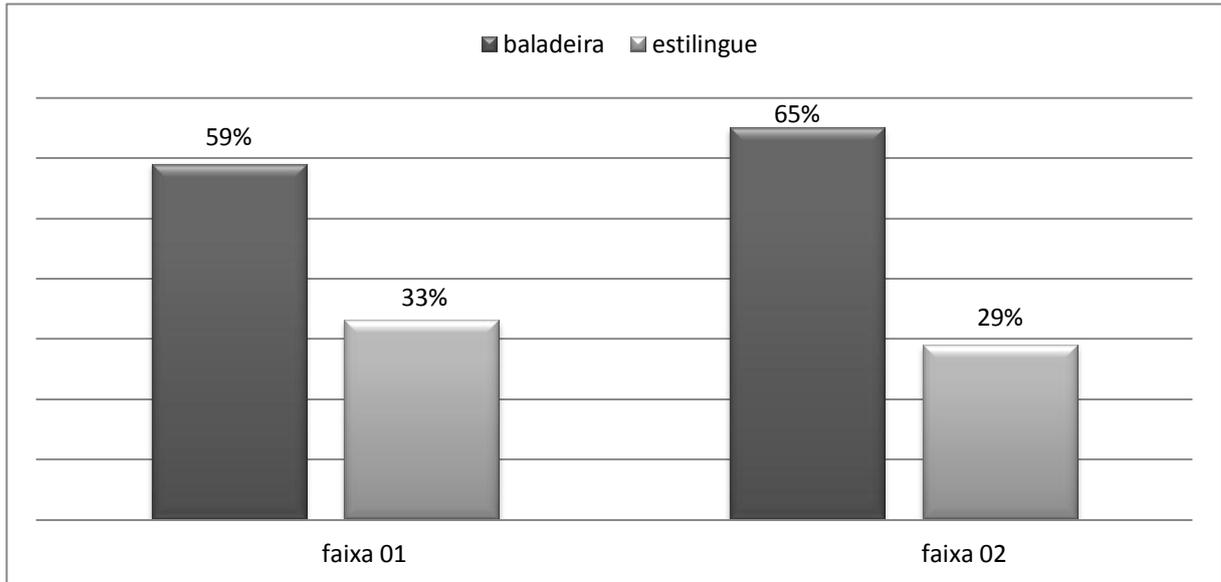


Com base no gráfico, observa-se que *baladeira* é o item mais utilizado tanto pelos homens quanto pelas mulheres nortistas os quais o mencionaram em 60% e 63% de suas respostas, respectivamente. O item *estilingue* também apresentou um número equilibrado de ocorrência entre os dois sexos, com diferença de apenas 6% da preferência de uso do item

pelos homens, para mais. Os dados indicam que no norte do Brasil não há marca característica de gênero para designar o brinquedo analisado.

Para se abordar os dados na perspectiva diageracional é apresentado o seguinte gráfico:

Gráfico 10: Frequência dos itens baladeira/estilingue – dimensão diageracional.



Fonte: O autor.

Em relação à idade dos informantes, a preferência por *baladeira* se manteve na região. Falantes das duas faixas etárias pesquisadas responderam com o item em 59% e 65% dos dados respectivamente. Os informantes mais velhos o expressaram um pouco a mais que os mais jovens e, a respeito de *estilingue*, o oposto ocorreu, ou seja, os mais jovens o citaram um pouco a mais que os falantes mais velhos.

Com relação ao grau de dicionarização dos itens lexicais documentados na região norte para designar *estilingue*, *setra*, *bodoque*, apresentamos o seguinte quadro:

Quadro 08: Resultado da consulta em dicionários dos itens lexicais estilingue/setra/bodoque.

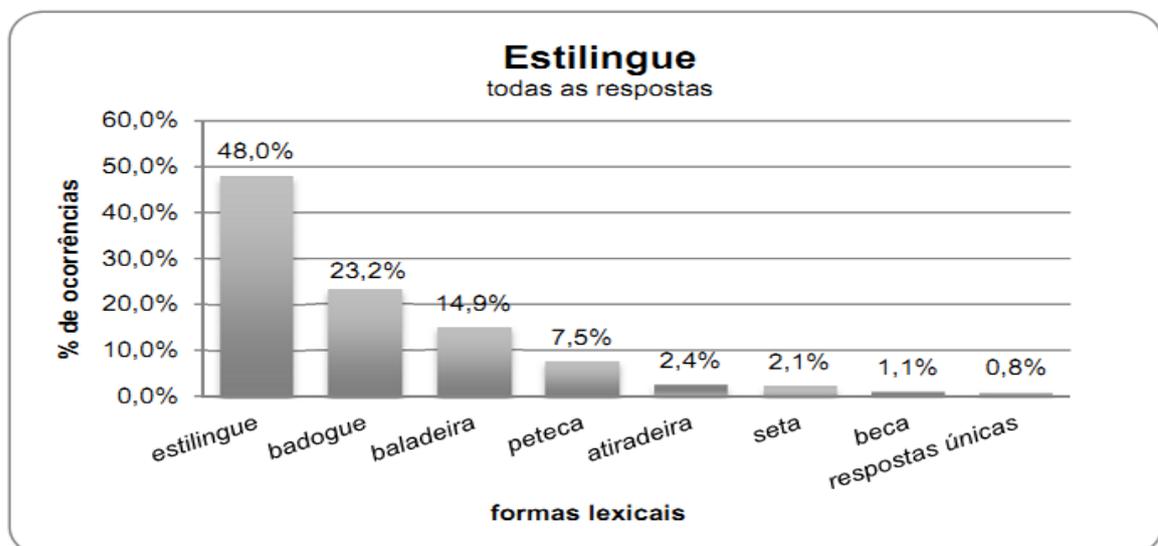
Item Lexical	Houaiss	Aurélio	Caldas Aulete
Baladeira	+	+	+
Balador	outra acepção	-	outra acepção
Atiradeira	+	+	+
Flecha	outra acepção	outra acepção	outra acepção
Estilete	outra acepção	outra acepção	outra acepção
Estilingue	+	+	+

A dicionarização dos itens lexicais mostra que o falar nortista ainda é visto a uma certa distância da realidade dos fatos pelos dicionários consultados. O item mais comum no norte, *baladeira*, é apresentado com a mesma acepção de *estilingue*, *setra*, *bodoque*, mas consta como recorrente no Amazonas e Pernambuco segundo o dicionário Houaiss. O Aurélio menciona *baladeira* como item comum no nordeste do Brasil. O Aulete destaca o uso de *baladeira* do Acre a Pernambuco. No entanto, os dados da pesquisa apontam para outra direção, pois na região norte *baladeira* abrange uma área muito maior que os estados do Amazonas e Acre e foi encontrado em todos os seis estados pesquisados. Nas cidades do interior representou 58% das respostas fornecidas e nas capitais 72%. Na região nordeste (área do falar baiano), representou 14,9% das respostas.

O item lexical *balador* não aparece com o mesmo significado de *estilingue* em nenhum dos três dicionários consultados, enquanto que *atiradeira* está registrado nos mesmos, porém, na região norte mostrou-se pouco produtivo, tendo apenas uma ocorrência em Conceição do Araguaia (17), no Pará. Os itens *flecha* e *estilete* não estão dicionarizados com o sentido do brinquedo infantil analisado.

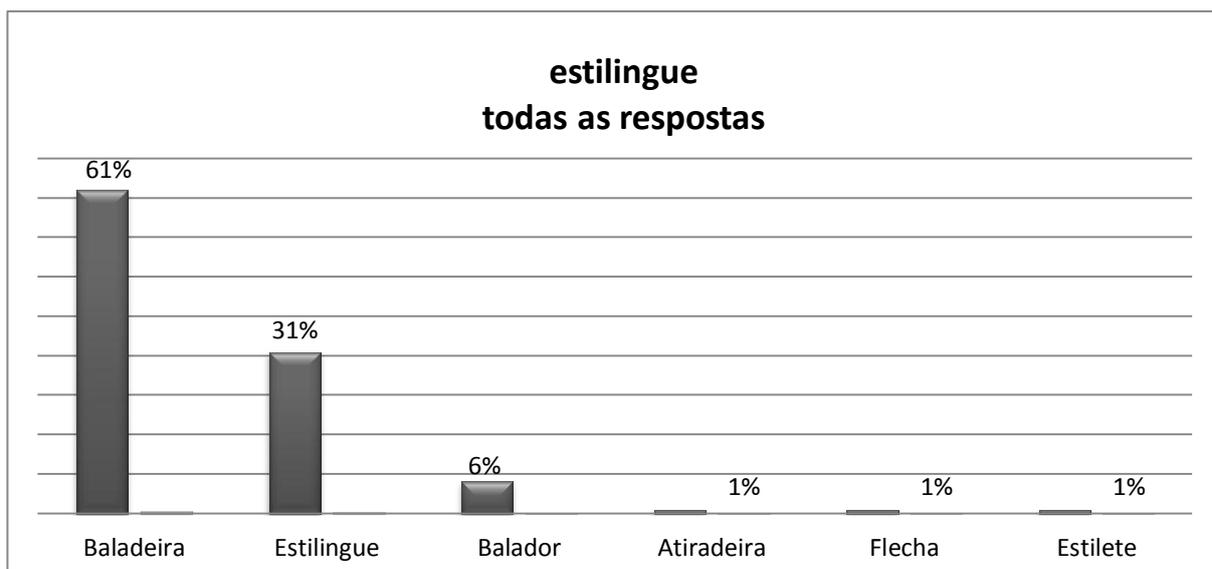
A respeito das diferenças dialetais entre o norte do Brasil e a área do falar baiano os gráficos a seguir embasam as conclusões tiradas:

Gráfico 11: Percentuais das formas lexicais de estilingue – área do falar baiano.



Fonte: Ribeiro (2012).

Gráfico12: Percentuais das formas lexicais de estilingue – região norte.

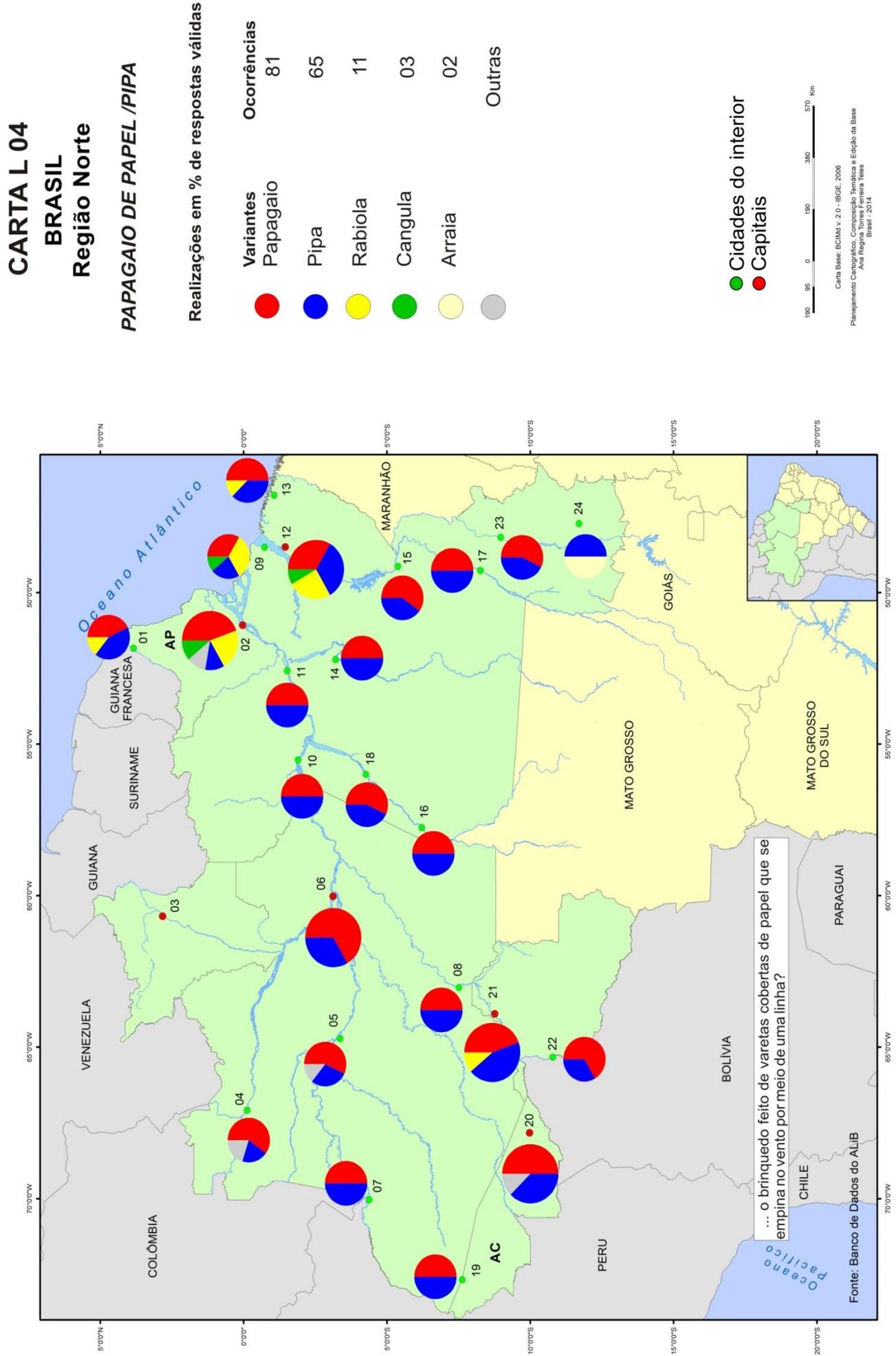


Os dados mostram que *estilingue* e *baladeira* estão presentes nas duas regiões observadas. O norte prefere *baladeira* (61%), a área do nordeste *estilingue* (48%). A forma *atiradeira* parece estar em desuso nas duas áreas, dada a sua baixa frequência: 1% no norte e 2,4% na área do falar baiano.

### 3.4 CARTA LEXICAL 04: PAPAGAIO DE PAPEL/PIPA

Para a análise dos itens lexicais *papagaio de papel/pipa*, apresentamos a seguinte carta:

Figura 07: carta lexical dos itens papagaio de papel/pipa



Quadro 09: Itens lexicais sob o rótulo *outras* (QSL – 158).

Item lexical	Núm. Ocorr.	Ponto de ocorrência
Cometa	01	04 (São Gabriel da Cachoeira – AM)
Gaspetinha	01	05 (Tefé – AM)
Curica	01	02 (Macapá – AP)
Pepeta	01	20 (Rio Branco – AC)

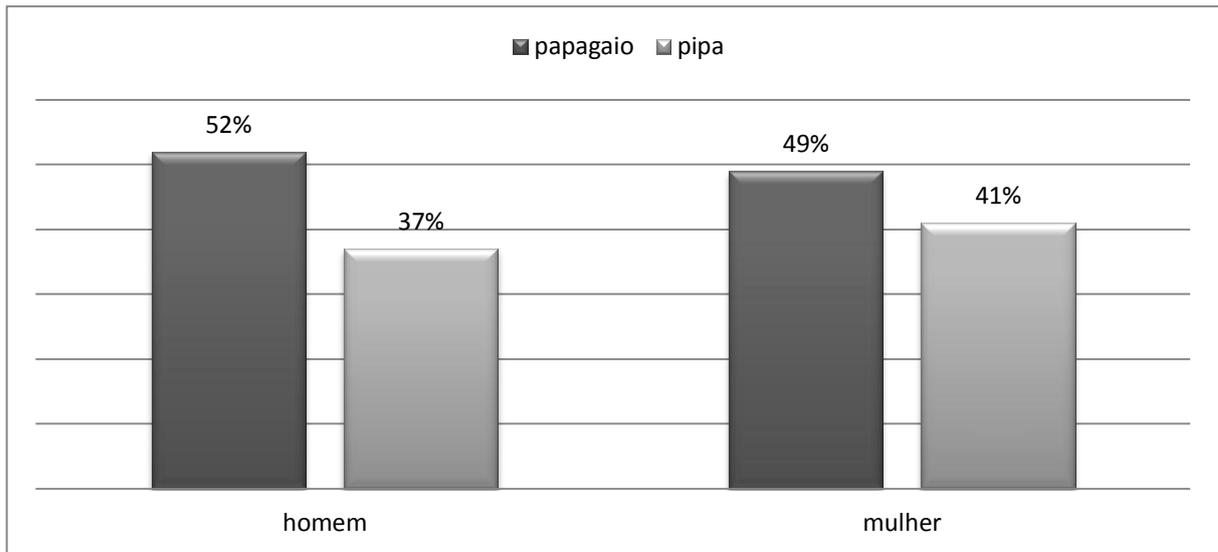
Do ponto de vista local, no Pará os itens registrados em Belém (12) - *papagaio*, *pipa*, *rabiola* e *cangula* - ocorreram nas cidades interioranas. *Papagaio* e *pipa* estiveram presentes em todas as localidades, mas *rabiola* foi registrado somente nos municípios do nordeste paraense, quais foram Bragança (13) e Soure (09). Esta localidade documentou ainda a variante *cangula*. No Amazonas, os itens apurados na capital - *papagaio* e *pipa* - também foram encontrados no interior, porém, nos municípios de São Gabriel da Cachoeira (04) e Tefé (05) registraram-se formas que não ocorreram em Manaus, como *cometa* no ponto 04 e *gaspetinha* no ponto 05. No estado do Acre, Rio Branco (20) e Cruzeiro do Sul (19) registraram basicamente as mesmas formas lexicais - *papagaio* e *pipa* - porém, *pepeta* só ocorreu na capital. Em Rondônia, *papagaio* e *pipa* foram os itens mais recorrentes, mas *rabiola* só foi documentado na capital.

A carta lexical sugere que *papagaio* e *pipa* são as formas mais comum na região norte. A primeira forma só não foi registrada na cidade de Natividade (24) no Tocantins e representa 49% de todos os dados. A segunda forma está presente em todas as localidades consultadas.

Com relação à subáreas com itens lexicais comuns, destaca-se o nordeste da região norte, onde a variante *rabiola* está documentada em localidades do Pará como em Belém (12), Soure (09), Bragança (13) e Amapá como Macapá (02) e Oiapoque (01). Ainda nessa área geográfica observa-se a ocorrência de *cangula* em Belém, Soure e Macapá.

Para análise sob o prisma da dimensão diagenérica, o gráfico a seguir denota as preferências de uso dos itens lexicais *papagaio* e *pipa*:

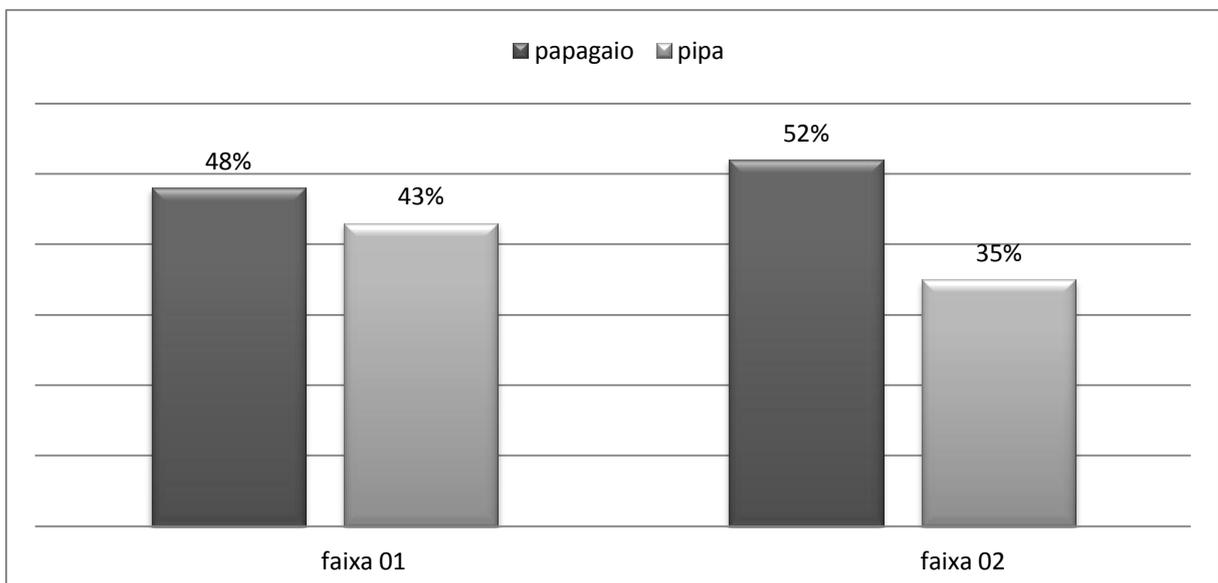
Gráfico 13: Frequência dos itens papagaio de papel/pipa dimensão diagenérica.



O gráfico mostra que o item *papagaio* tem preferência significativa tanto por homens quanto por mulheres. Os homens forneceram a forma lexical como resposta em 52% dos dados e as mulheres em 49% das respostas, três por cento, somente, a menos que os homens. O item *pipa*, por outro lado, representou 41% das respostas entre as mulheres e 37% entre os homens, o que significa uma pequena diferença, 4%, da preferência feminina por esse item. Os resultados demonstram equilíbrio entre os gêneros em relação ao uso de *papagaio* e *pipa*.

Quanto à dimensão diageracional, apresentamos o gráfico a seguir:

Gráfico 14: Frequência dos itens papagaio de papel/pipa – dimensão diageracional.



Em relação à idade, falantes mais jovens e mais velhos não demonstraram diferenças significativas quanto ao uso de *papagaio/pipa*. A primeira faixa etária utilizou *papagaio* em 48% de suas respostas e a segunda faixa etária em 52%. *Pipa* representa 43% das respostas da primeira faixa e 35% da segunda faixa etária. Com base no gráfico, observa-se que *pipa* é um pouco menos usual na fala dos mais velhos que tendem ao uso de *papagaio* para nomear o brinquedo. As duas formas, *papagaio* e *pipa*, aparecem balanceadas entre os falantes mais jovens.

Com relação à dicionarização dos itens encontrados na região norte para nomear o brinquedo analisado, apresentamos o quadro a seguir:

Quadro 10: Resultado da consulta em dicionários dos itens lexicais *papagaio de papel/pipa*.

Item lexical	Houaiss	Aurélio	Caldas Aulete
Papagaio	+	+	+
Pipa	+	+	+
Rabiola	+	+	+
Arraia	+	-	+
Cangula	-	-	-
Cometa	-	-	-
Gaspetinha	-	-	-

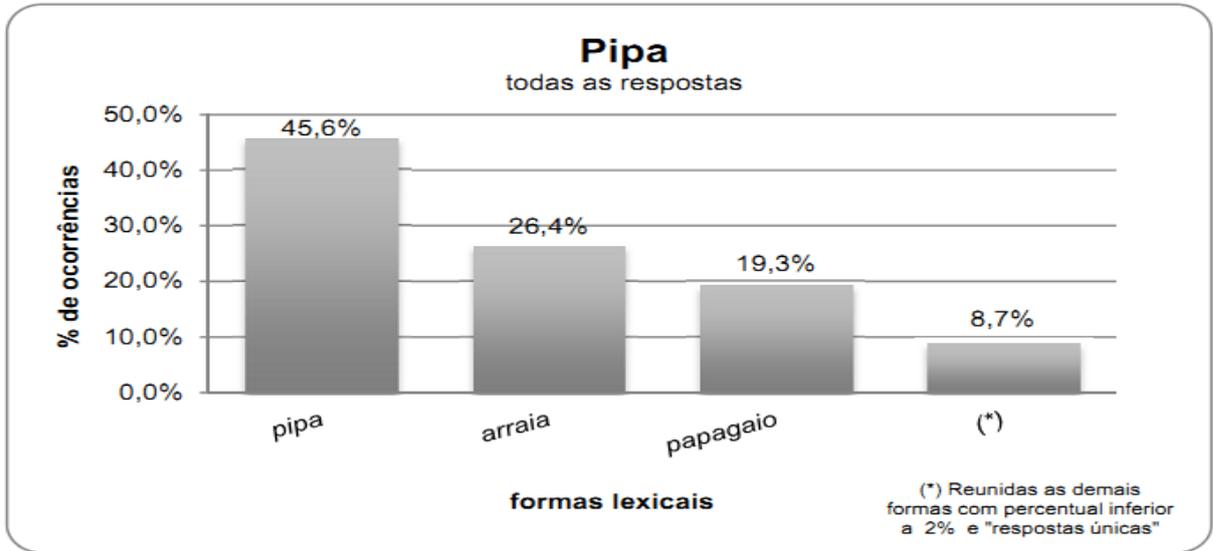
Os dicionários consultados não apresentam algumas das formas lexicais encontradas na região norte para designar *papagaio de papel* ou *pipa*. Assim, não foi encontrado o registro de *cangula*, *cometa* e *gaspetinha* em nenhum dos dicionários. O item *arraia* não foi encontrado no dicionário Aurélio, mas somente no Houaiss e Caldas Aulete. *Papagaio* está elencado nos três dicionários, mas chama à atenção o aspecto local com que o dicionário Aurélio denota o item lexical, restringindo o seu uso ao estado do Pará. Os dados mostram que *papagaio* ultrapassa o território paraense, se estendendo a toda região amazônica. *Pipa* está registrado nos três dicionários, sendo mesmo apresentado como representativo do português do Brasil, segundo o dicionário Aurélio.

O item lexical *rabiola* também está presente com o mesmo sentido de *papagaio/pipa*, sendo apresentado como mais comum no norte do Brasil (Pará, Amazonas e Amapá) pelo Aurélio, fato confirmado, em parte, pelos dados da pesquisa, que não registrou o item no

estado do Amazonas. O dicionário Caldas Aulete registra *rabiola* no Rio de Janeiro, designando tanto o rabo de papel, que faz parte do artefato, como o brinquedo em si.

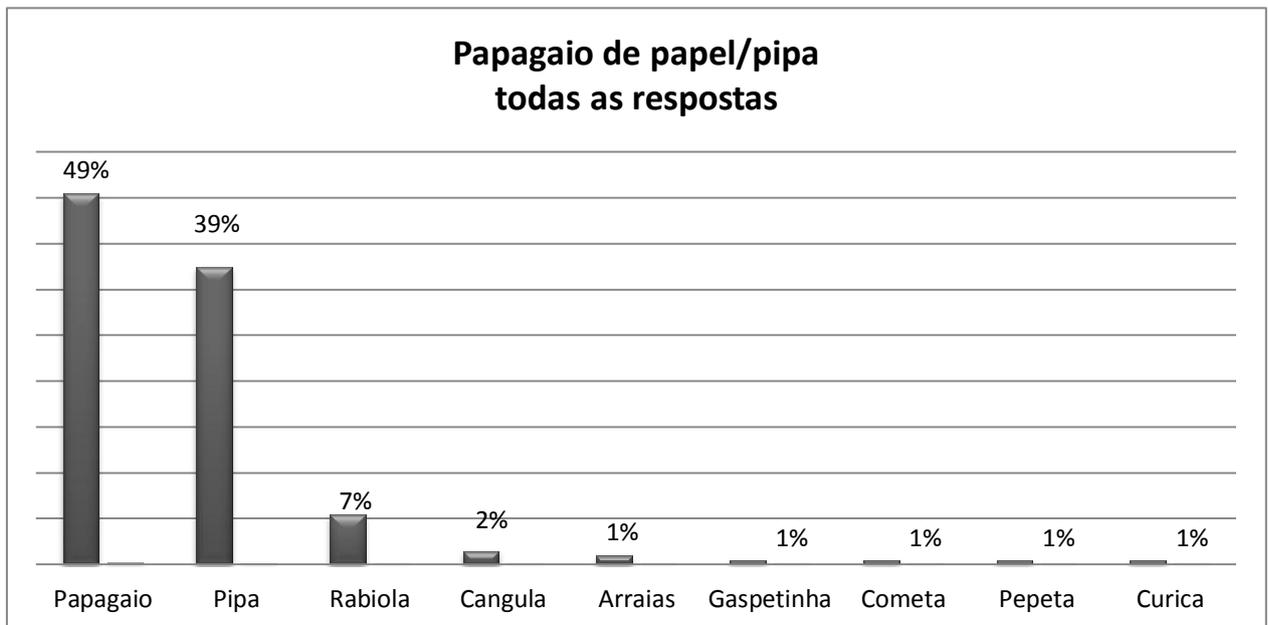
Comparando os resultados da região norte com os da área do falar baiano, os gráficos a seguir baseiam as conclusões tiradas:

Gráfico 15: Percentuais das formas lexicais de papagaio de papel/pipa – área do falar baiano.



Fonte: Ribeiro (2012).

Gráfico 16: Percentuais das formas lexicais de papagaio de papel/pipa – região norte.

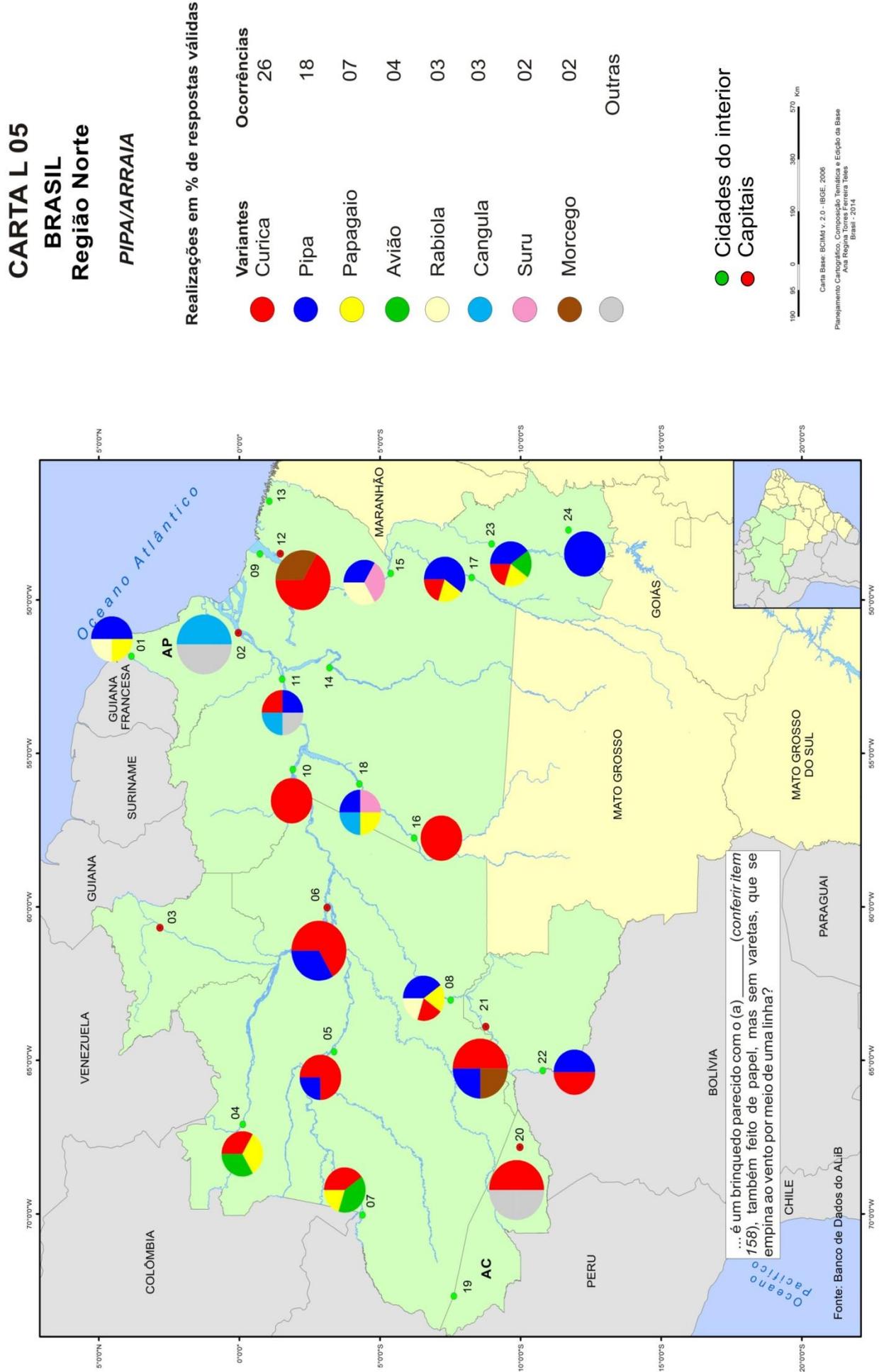


Duas formas lexicais são comuns às duas áreas geográficas observadas: *papagaio* e *pipa*. O uso de *papagaio*, porém, mostrou-se mais acentuado na região norte com 49% de frequência, enquanto que na área do falar baiano representou 19,3% dos dados. O termo *pipa* se mostrou estável em ambas regiões com frequência de 39% na região norte e 45,6% na área do falar baiano, mas nesta área representa o item mais utilizado para nomear o brinquedo e foi encontrado nas 57 localidades pesquisadas. Verificou-se que *arraia* é bem peculiar na área do falar baiano com 26,4% de frequência, mas não é usual no norte onde representou 1% dos dados. Restrito a uma parte do norte, conforme o cartograma demonstrou, o item *rabiola* representou 7% de frequência dos dados da região, mas não foi registrado na área do falar baiano.

### 3.5 CARTA LEXICAL 05: PIPA/ARRAIA

Passamos para a análise da carta a respeito da pergunta 159 do QSL, que apresenta como sugestão de respostas os itens *pipa/arraia*.

Figura 08: carta lexical dos itens pipa/ arraia



Quadro 11: Itens lexicais sob o rótulo *outras* (QSL – 159).

Item lexical	Núm. Ocorr.	Ponto de ocorrência
Arraia	01	11 (Almeirim – PA)
Paraqueda	01	02 (Macapá – AP)
Pepetinha	01	20 (Rio Branco – AC)
Buzugão	01	20 (Rio Branco – AC)

No Pará, do ponto de vista local, observa-se que os dados da capital não se espalham por todos os municípios pesquisados. Belém (12) registrou *curica* e *morcego*. O primeiro item foi comum às localidades de Almeirim (11), Óbidos (10), Jacareacanga (16) e Conceição do Araguaia (17), mas não ocorreu em Marabá (15) e Itaituba (18). A forma *morcego* só ocorreu na capital. Quatro localidades registraram o termo *pipa* o qual não foi documentado na capital: Almeirim (11), Marabá (15), Conceição do Araguaia (17) e Itaituba (18). Destaca-se, ainda, o termo *cangula*, mencionado em Almeirim (11) e Itaituba (18). *Suru* ocorreu em Marabá (15) e Itaituba (18). Tais formas não foram documentadas em Belém.

No Amazonas, a capital registrou duas variantes: *curica* e *pipa*. Os quatro municípios interioranos consultados registraram *curica*, mas *pipa* não foi documentada nas duas localidades mais distantes de Manaus (06): São Gabriel da Cachoeira (04) e Benjamin Constant (07). Esses dois pontos de inquérito apresentaram em comum os termos *papagaio* e *avião*, os quais não ocorreram em Manaus.

No Acre, a capital registrou *curica* e *pepetinha*, porém os informantes interioranos desconhecem o brinquedo.

Em Rondônia, capital e interior apresentaram formas lexicais em comum: *curica* e *pipa*. Porto Velho (21) registrou, ainda, *morcego*, item que não ocorreu no interior.

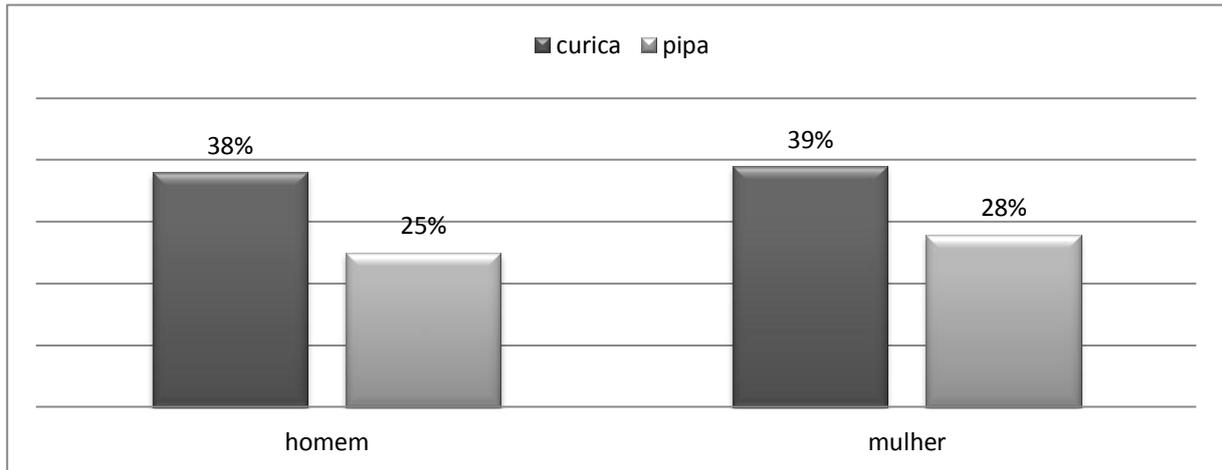
No estado do Amapá, a cidade de Macapá (02) e Oiapoque (01) não tiveram formas lexicais comuns. A capital registrou *cangula* e *paraqueda* enquanto que no interior as formas *pipa*, *papagaio* e *rabiola* foram documentadas.

Observando a carta como um todo, *curica* e *pipa* são os itens que mais se destacam no norte do Brasil, mas *curica* parece ser mais característico do falar nortista. Outrossim, duas subáreas na região podem ser consideradas. A primeira, onde *papagaio* foi o item em comum, se estende do estado do Tocantins ao noroeste do Amazonas e abrange as localidades de Pedro

Afonso (23), Conceição do Araguaia (17), Itaituba (18), Humaitá (08), São Gabriel da Cachoeira (04) e Benjamin Constant (07). A segunda subárea apresenta o termo *cangula* e inclui Macapá (02), Almeirim (11) e Itaituba (18).

A análise dos dados de uma perspectiva social é demonstrada com base no gráfico a seguir, que mostra a dimensão diagenérica:

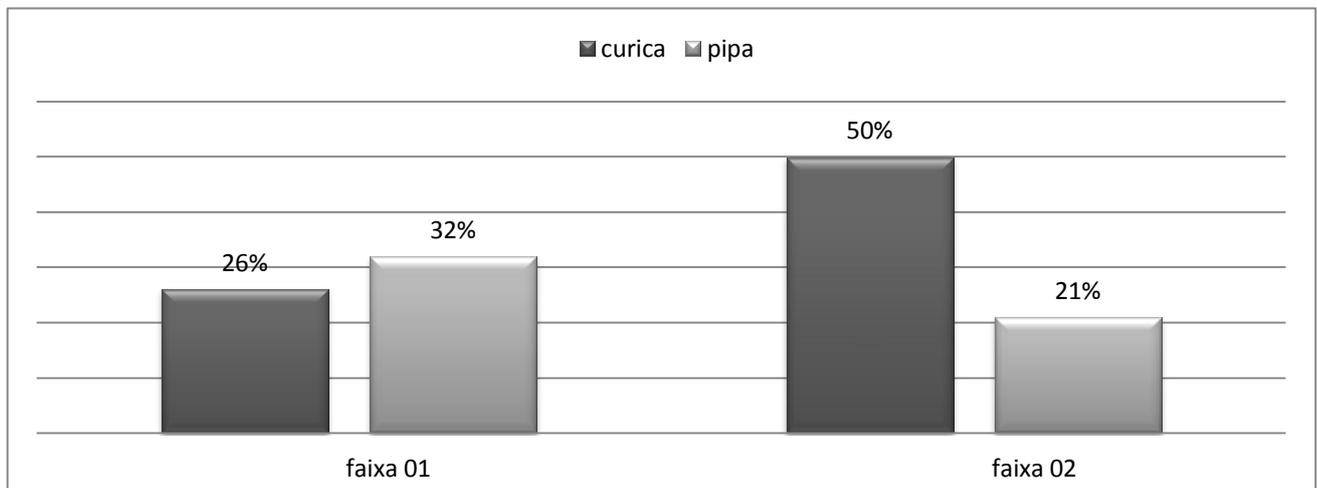
Gráfico 17: Frequência dos itens curica/pipa – dimensão diagenérica.



Os dados apontam para um equilíbrio entre os gêneros em relação ao uso de *curica* e *pipa*. Os homens mencionaram o termo *curica* em 38% de suas respostas e as mulheres o fizeram em 39% de seus dados. A respeito do item *pipa*, também não houve diferença significativa entre homens e mulheres. O gênero masculino usou o termo em 25% de suas respostas e o feminino em 28%.

Quanto à idade dos falantes, o próximo gráfico mostra os resultados obtidos

Gráfico 18: Frequência dos itens curica/pipa – dimensão diageracional.



A primeira faixa etária demonstra usar as formas lexicais analisadas com frequências relativamente próximas, ou seja, 26% para *curica* e 32% para *pipa*. A segunda faixa etária tem o item *curica* como mais usual, pois o gráfico mostra que esse termo foi o mais utilizado por ela, 50% de frequência, enquanto *pipa* alcançou menos da metade desse valor, 21%. Desse modo, enquanto os jovens parecem oscilar entre o uso de *pipa* e *curica*, os mais velhos se mostram mais conservadores, mantendo *curica* comumente em suas falas. Esse fato pode indicar que uma mudança esteja em curso na região em relação ao item lexical em questão.

O quadro a seguir mostra os resultados da dicionarização dos dados documentados para *pipa/arraia*:

Quadro 12: Resultado da consulta em dicionários dos itens lexicais *pipa/arraia*.

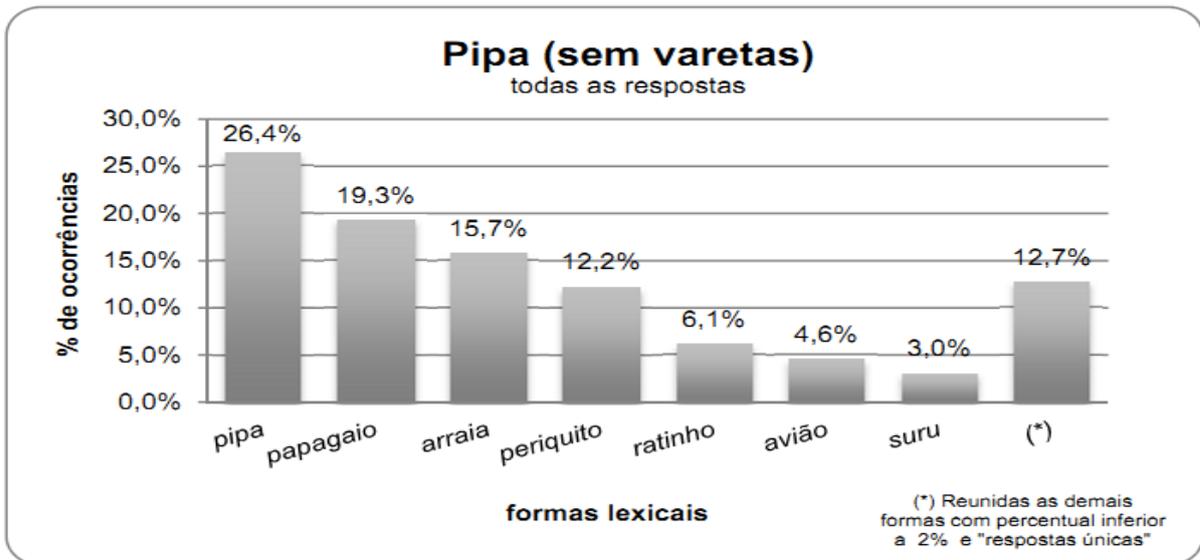
Item lexical	Houaiss	Aurélio	Caldas Aulete
Curica	outra acepção	outra acepção	outra acepção
Pipa	+	+	+
Papagaio	+	+	+
Avião	outra acepção	outra acepção	outra acepção
Rabiola	+	+	+
Suru	outra acepção	+	outra acepção
Cangula	-	-	-
Arraia	+	-	+
Morcego	outra acepção	outra acepção	+
Paraqueda	outra acepção	outra acepção	outra acepção
Pepetinha	-	-	-
Buzugão	-	-	-

Nos dicionários consultados *curica* está associado a um tipo de ave de pequeno porte (Aurélio e Caldas Aulete) e a uma variação para *leão* em Angola. Não foi encontrada nenhuma definição que relacione o termo ao brinquedo infantil analisado. *Pipa* e *papagaio* estão nos três dicionários pesquisados. *Avião* está registrado com outras acepções, enquanto que *suru* é definido somente no Aurélio com o sentido de *pipa/arraia*. *Cangula*, *pepetinha* e *buzugão* não têm definições apresentadas nos dicionários consultados. O termo *arraia* está relacionado ao brinquedo no Houaiss e no Caldas Aulete e *morcego* somente tem sentido

relativo ao brinquedo no Caldas Aulete. *Paraquedas* está elencado com acepção diversa de *pipa* ou *arraia* nos dicionários pesquisados.

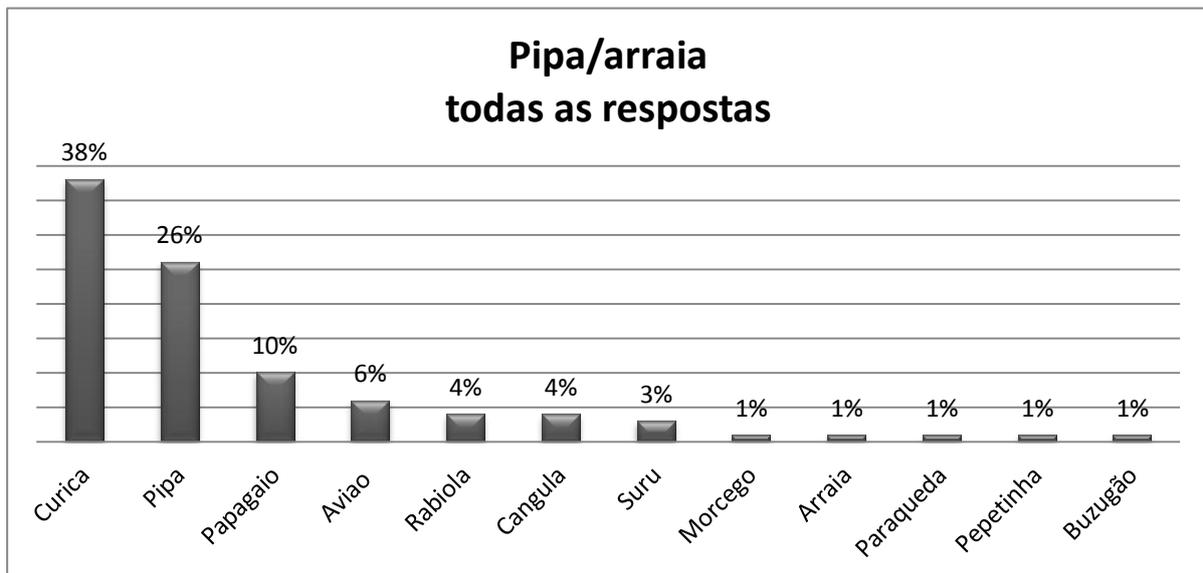
Para se comparar a produção lexical do norte do Brasil com a área do falar baiano, os gráficos a seguir fornecem as informações necessárias:

Gráfico 19: Percentuais das formas lexicais de pipa (sem varetas) – área do falar baiano.



Fonte: Ribeiro (2012).

Gráfico 20: Percentuais das formas lexicais de pipa (sem varetas) – região norte.



A região norte e a área do falar baiano apresentaram o item *pipa* como usual pelos informantes inquiridos e há mesmo um equilíbrio entre as duas áreas. Além desse item, foram comuns às duas regiões os itens *papagaio*, *avião*, *suru*, e *arraia*, sendo que este último foi

mais produtivo na área do falar baiano, onde obteve um total de 15,7% das respostas ao passo que na região norte representou 2% dos dados.

No que concerne as diferenças lexicais das duas regiões destacam-se no norte os itens *curica*, *rabiola* e *cangula*, os quais não foram registrados na região do falar baiano. Em contrapartida, *periquito*, *ratinho*, *balão*, *morcego*, *arara*, *bicudo* e *capota*<sup>8</sup>, foram mencionados somente na região nordestina.

Excluindo as respostas que estão reunidas nas que tiveram menos de 2% de ocorrências na área do falar baiano, o termo *periquito*, com 12,2% do total de respostas pode ser considerado característico dessa região, visto ter ocorrido somente na área do falar baiano. No norte do Brasil *curica* é um bom exemplar do modo de falar do nortista.

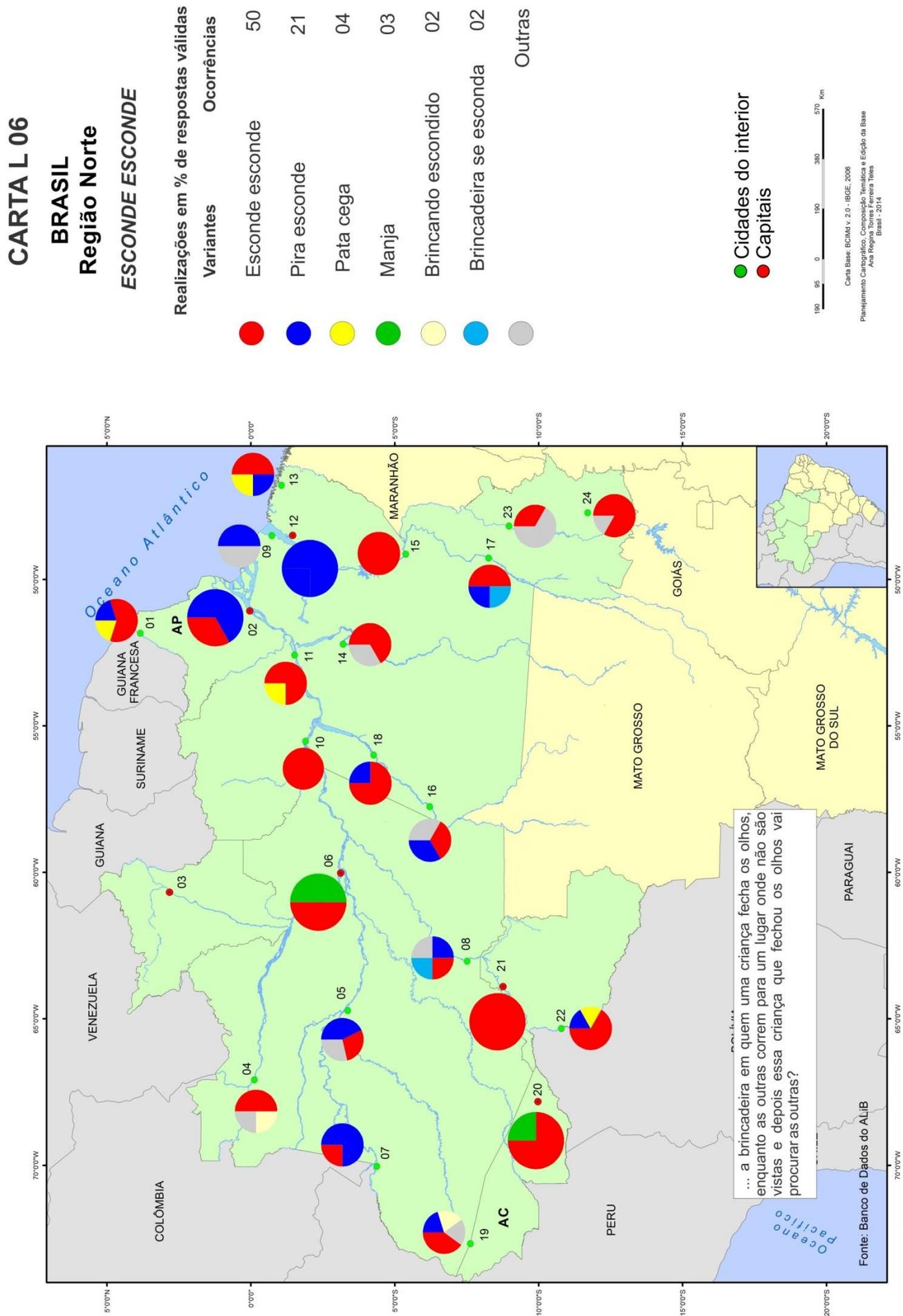
### 3.6 CARTA LEXICAL 06: ESCONDE-ESCONDE

A próxima carta expõe as variantes lexicais de *esconde-esconde* no plano diatópico na região norte. Apresenta-se também o quadro relativo aos itens lexicais sob o rótulo *outras*:

---

<sup>8</sup> Itens não estão presentes no gráfico por representarem menos de 2% das respostas válidas.

Figura 09: carta lexical do item esconde-esconde



Quadro 13: Itens lexicais sob o rótulo “outras” (QSL – 160).

Item lexical	Núm. Ocorr.	Ponto de ocorrência
Caba cega	01	19 (Cruzeiro do Sul – AC.)
Brincar de bicho	01	24 (Natividade – TO)
Pau doce	01	23 (Pedro Afonso – TO)
Pinte escura	01	23 (Pedro Afonso – TO)
Trinta e um alerta	01	08 (Humaitá – AM)
Bar bandeira	01	05 (Tefé – AM)
Cola e descola	01	05 (Tefé – AM)
Brincadeira escondida	01	04 (São Gabriel da Cachoeira – (AM)
Pega –pega	01	14 (Altamira – PA)
Brincadeira do acha	01	16 (Jacareacanga – PA)
Pira maromba	01	09 (Soure – PA)
Juju	01	09 (Soure – PA)

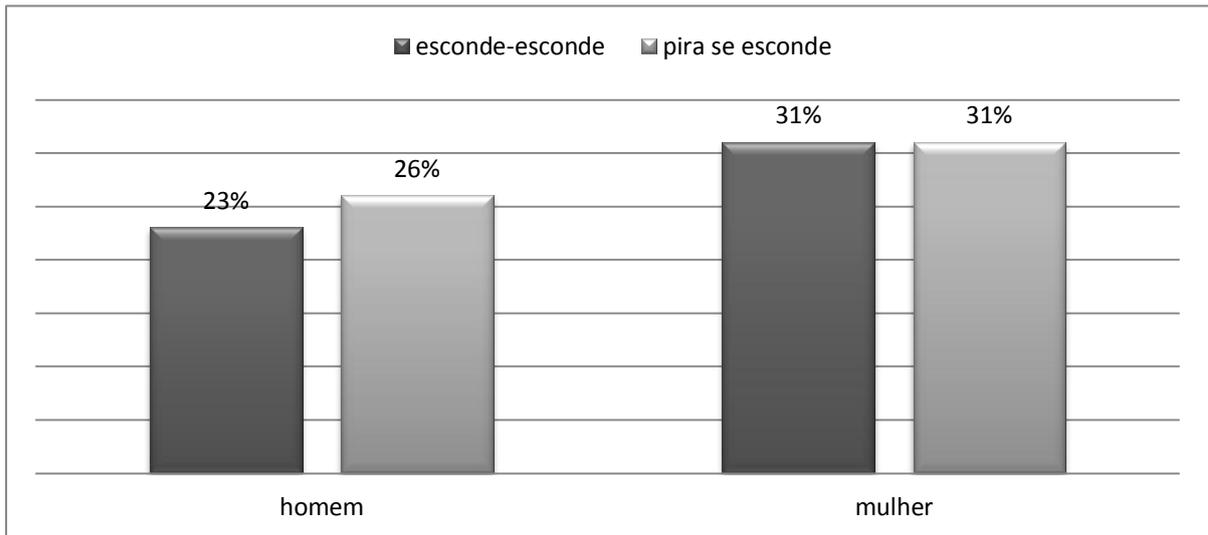
Do ponto de vista local, no Pará, o item documentado em Belém (12), *pira*, não ocorreu em todas as localidades do interior. Marabá (15), Altamira (14), Almeirim (11) e Óbidos (10) não registraram o item, mas *esconde-esconde*. No Amapá, capital e interior tiveram formas lexicais comuns: *pira esconde* e *esconde-esconde*. A primeira forma foi mais frequente em Macapá (02), a segunda, em Oiapoque (01), que também registrou *pata cega*. No Amazonas, Manaus (06) registrou em comum com o interior *esconde-esconde*. *Pira esconde* ocorreu em três das quatro cidades do interior - Humaitá (08), Tefé (05) e Benjamin Constant (07) - mas não na capital amazonense. No Acre, capital e interior tiveram um item lexical em comum: *esconde-esconde*. As formas *pira esconde*, *brincando escondido* e *caba cega* só foram registradas no interior do estado. Em Rondônia, Porto Velho (21) registrou somente *esconde-esconde*, o qual ocorreu também em Guajará Mirim (22), porém nesta cidade foi apurado ainda *pira esconde* e *pata cega*.

O item *esconde-esconde* obteve o maior número de registro no norte representando 53% dos dados. Somente Belém (12) e Soure (09) não mencionaram a variante em suas respostas. Destaca-se também a forma lexical *pira esconde* que obteve 22% de frequência e demonstra ser usual em duas áreas da região como a que abrange as localidades de Belém (12), Bragança (13), Soure (09), Macapá (02) e Oiapoque (01). A segunda área se estende de Conceição do Araguaia (17), até Cruzeiro do Sul (19), passando por Itaituba (18), Jacareacanga (16) Humaitá (08), Tefé (05) e Benjamin Constant (19). No entanto, *esconde-*

*esconde* parece ser o item lexical mais representativo do falar da região norte embora perca um pouco de frequência na primeira área citada a pouco.

Levando em conta a dimensão social apresentamos o gráfico relativo ao aspecto diageracional:

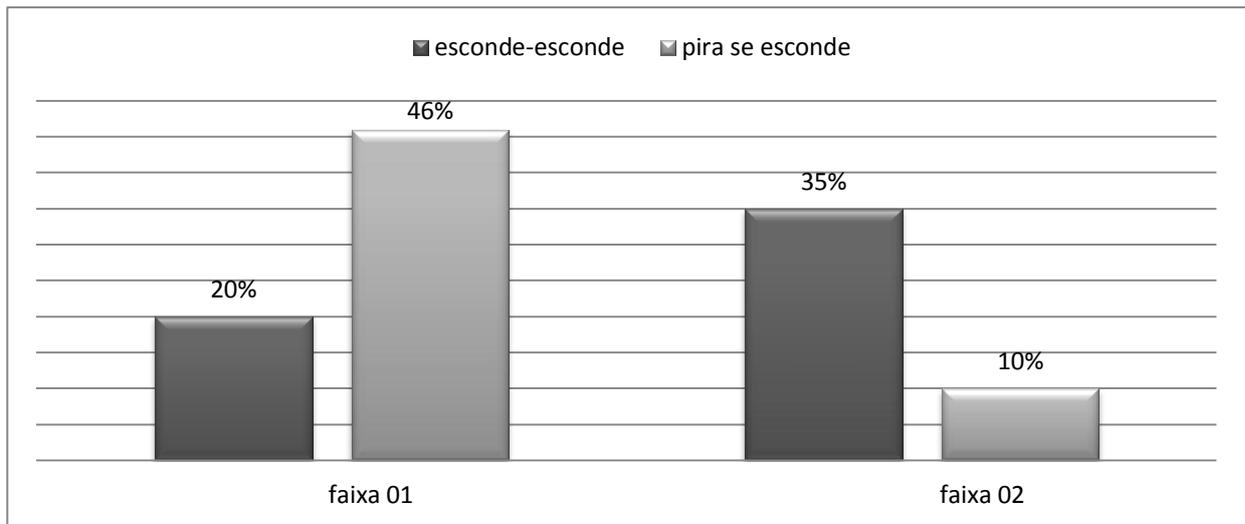
Gráfico 21: Frequência do item esconde-esconde – dimensão diagenérica



Nenhuma das duas formas lexicais mais frequentes na região norte demonstram ter maior preferência por falantes do sexo masculino ou feminino. O item lexical *esconde-esconde* obteve 31% de frequência das respostas dadas pelas mulheres enquanto que os homens citaram o termo em 23% de seus dados. Quanto a *pira se esconde*, a diferença entre os dados de homens e mulheres é de somente 5%. O gráfico mostra que as mulheres têm exatamente a mesma percentagem para *pira se esconde* e *esconde-esconde* (31%) e os homens 26% e 23% respectivamente.

Para a análise do aspecto diageracional nos embasamos nos dados do seguinte gráfico:

Gráfico 22: Frequência do item esconde-esconde – dimensão diageracional.



Os falantes da primeira faixa etária demonstram preferência pelo uso do item *pira se esconde* o qual totalizou 46% das respostas deste grupo de informantes, o que significa mais que o dobro da porcentagem relativa ao item *esconde-esconde*, que foi de 20%. A segunda faixa etária parece ter preferência pelo item lexical *esconde-esconde*, o qual representou 35% de suas respostas, ao passo que *pira se esconde* representou 10%.

No próximo quadro apresentamos os resultados da pesquisa em dicionários dos itens lexicais registrados na região norte:

Quadro 14: Resultado da pesquisa em dicionários do item lexical *esconde-esconde*.

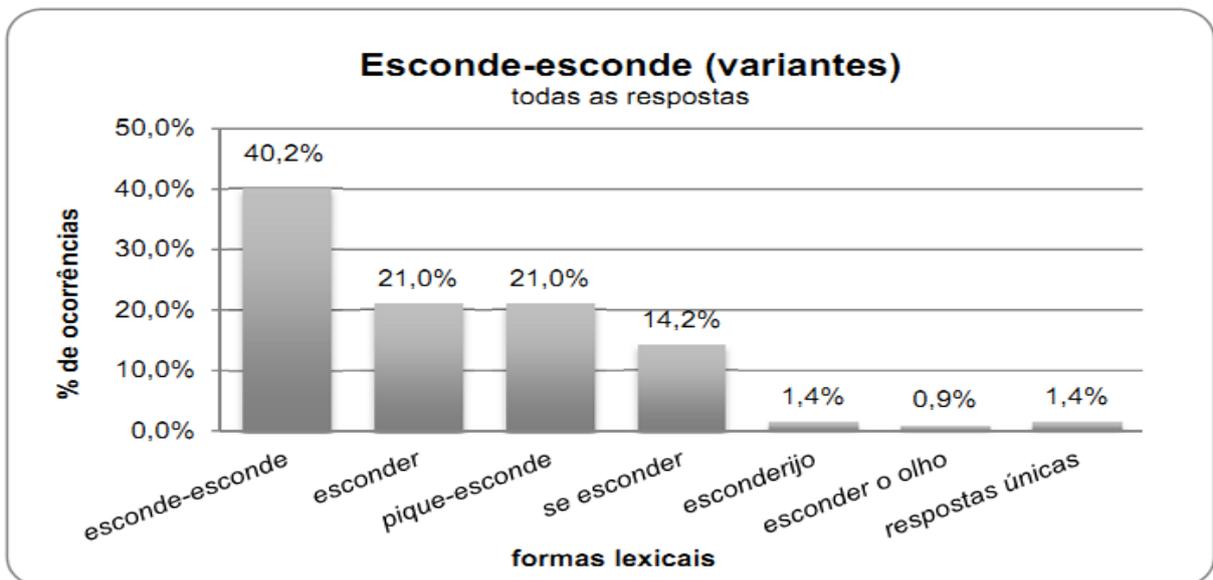
Item lexical	Houaiss	Aurélio	Caldas Aulete
Esconde-esconde	+	+	+
Pira esconde	+	-	-
Pata cega	-	-	-
Brincando escondido	-	-	-
Brincadeira se esconda	-	-	-
Cabra cega	-	-	-
Brincar de bicho	-	-	-
Pau doce	-	-	-
Pinte escura	-	-	-
Trinta e um alerta	-	-	-
Bar bandeira	-	-	-
Cola e descola	-	-	-
Juju	-	-	-

Brincadeira do acha	–	–	–
Pira maromba	–	–	–
Escondido	–	+	+
Pega pega	+	–	–

A variante *esconde-esconde* está incluída em todos os dicionários pesquisados. *Pira se esconde* não consta no Aurélio e Caldas Aulete e o Houaiss remete para o item lexical *esconde-esconde*. O quadro mostra que do item *pata cega* ao item *pira maromba* nenhuma das formas lexicais estão presentes nos dicionários consultados. *Escondido* está registrado nos dicionários Aurélio e Caldas Aulete. *Pega pega* está somente no dicionário Houaiss. A brincadeira *esconde-esconde* apresentou um número considerável de variantes na região norte mas a maioria não está registrada nos dicionários pesquisados.

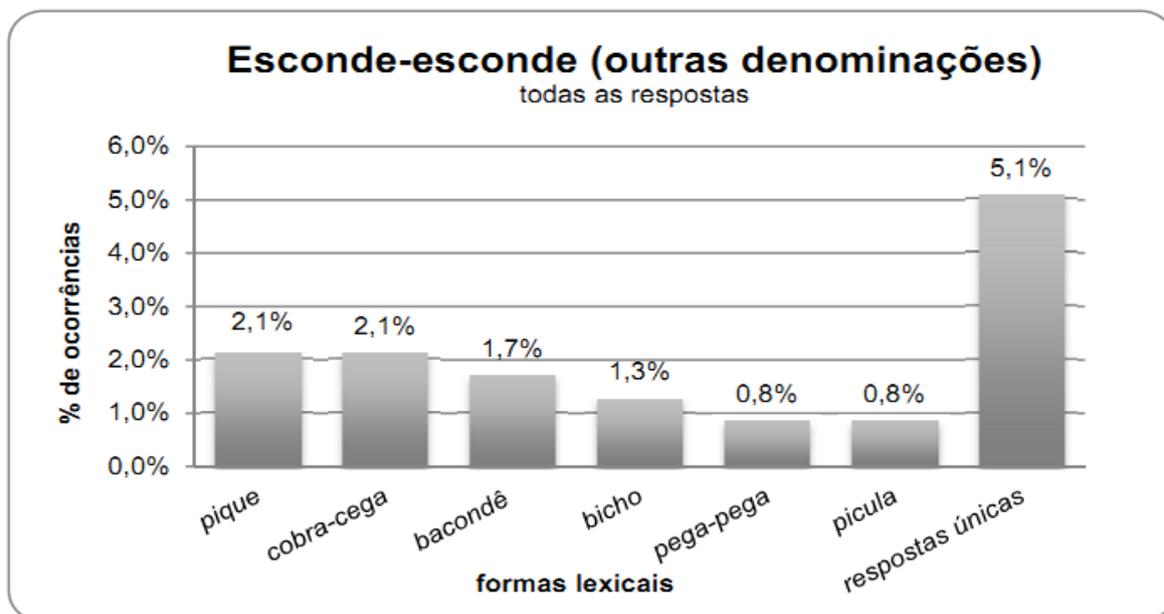
Para se comparar a produção lexical do norte do Brasil com a área do falar baiano, os gráficos a seguir fornecem as informações necessárias:

Gráfico 23: Percentuais das formas lexicais de esconde-esconde – área do falar baiano.



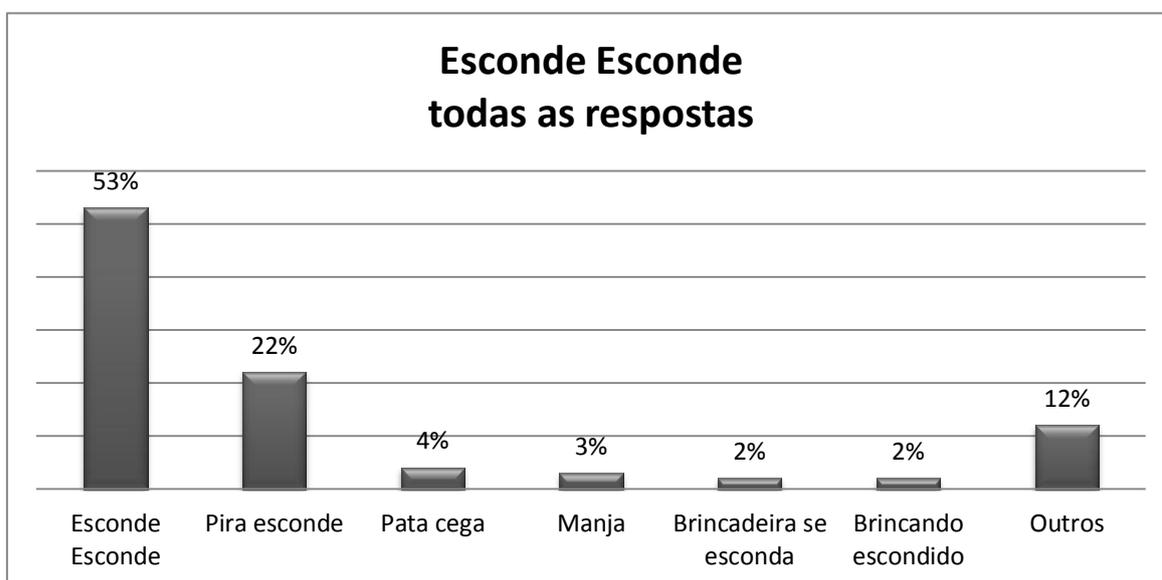
Fonte: Ribeiro (2012).

Gráfico 24: Percentuais das formas lexicais de esconde-esconde – área do falar baiano.



Fonte: Ribeiro (2012).

Gráfico 25: Percentuais das formas lexicais de esconde-esconde – região norte



Na área do falar baiano, assim como no norte, o item *esconde-esconde* foi o mais utilizado para descrever a brincadeira. No norte brasileiro, conforme já dito, *esconde-esconde* só não foi documentado em Soure e Belém, localidades que utilizaram *pira-esconde*, *pira*

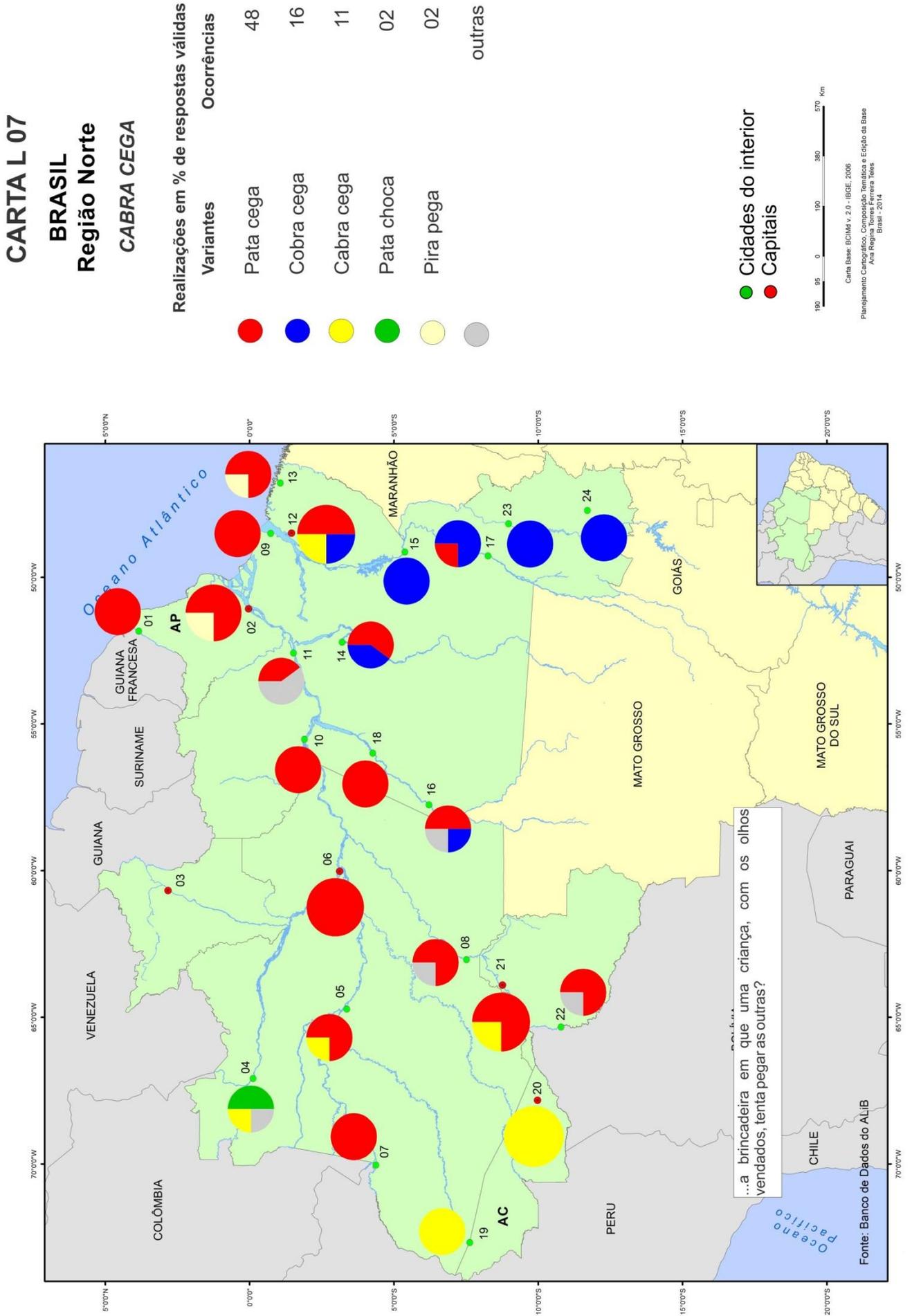
*maromba*, *juju*, (Soure) e *pira*, *pira se esconde* (Belém). Estes dois últimos itens foram encontrados somente na região norte.

Verifica-se a variedade de itens que foram utilizados uma única vez pelos informantes nortistas e que foram comuns somente à região como *juju*, *trinta e um alerta*, *pira maromba*, entre outros. Quanto a região nordeste itens dessa natureza foram *nego fugido*, *tao tao*, *brincar de manja*, *picolé*, *role*, *brincar de gato*, *brincar de tonga*, *gingolô/jongolô*, e *rabo da gata*. Conclui-se que as duas regiões analisadas têm em comum a lexia *esconde-esconde* e possuem também uma variedade de itens lexicais regionais característicos que indicam não ultrapassar as respectivas áreas geográficas.

### 3.7 CARTA LEXICAL 07: CABRA CEGA

Para a análise da pergunta 161 do QSL, apresentamos a carta a seguir:

Figura 10: carta lexical do item cabra cega



Quadro 15: Itens lexicais sob o rótulo “outras” (QSL – 161)

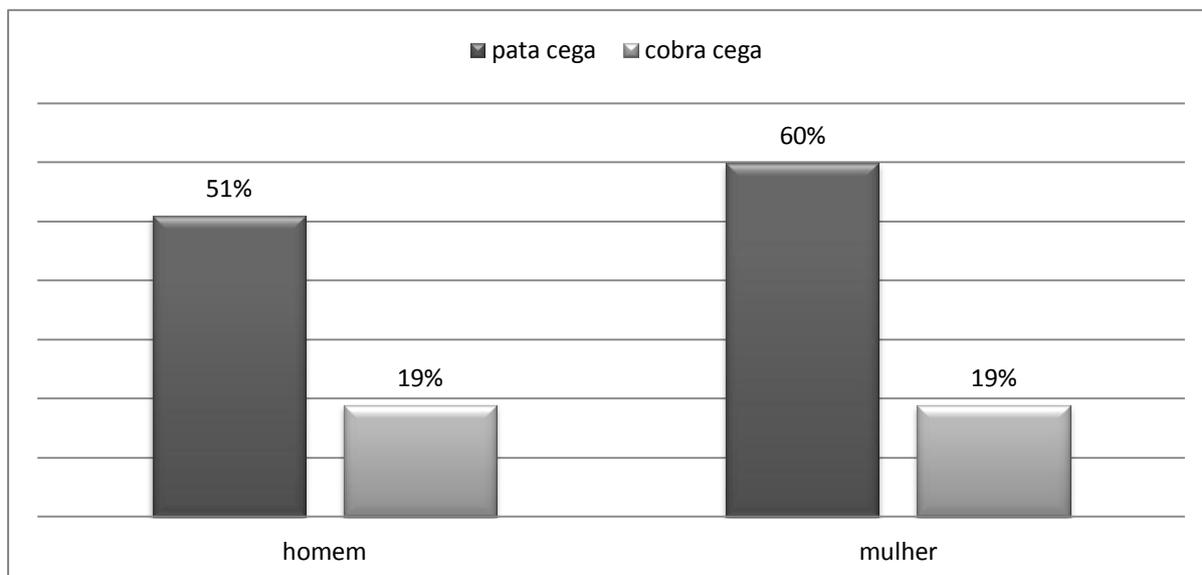
Item lexical	Núm. de ocorr.	Ponto de ocorrência
Papa chuca	01	04 (São Gabriel da Cachoeira- AM)
Pega-pega	01	08 (Humaitá- AM)
Cipó queimado	01	11 (Almeirim-PA)
Nó cego	01	11 (Almeirim-PA)
Esconde-esconde	01	11 (Almeirim-PA)
Pira mãe	01	16 (Almeirim-PA)
Barata tonta	01	22 (Guajará Mirim- RD)

Em termos locais, Belém (12) apresentou três formas lexicais quais foram *pata cega*, *cobra cega* e *cabra cega*. Somente o último item não foi documentado em cidades do interior do Pará. *Pata cega* foi a variante mais recorrente na capital paraense e foi registrada em oito dos nove municípios interioranos, não ocorrendo em Marabá (15). A carta demonstra que *pata cega* perde força nas localidades a sudeste do estado como em Conceição do Araguaia (17) e Marabá (15), onde *cobra cega* teve mais vitalidade. No Amazonas, a capital registrou somente *pata caga*, que ocorreu também nas cidades de Tefé (05), Benjamin Constant (07) e Humaitá (08). Em São Gabriel da Cachoeira (04) ocorreram as variantes *pata choca* e *cabra cega*. No acre, capital e interior registraram a mesma forma lexical, *cabra cega*. Em Rondônia, Porto Velho (21) e Guajará Mirim (22) tiveram em comum *pata cega*, ao passo que *cabra cega* só foi documentado na capital. No Amapá, capital e interior registraram *pata choca* em comum. *Pira pega* só ocorreu em Macapá.

*Pata cega* foi o item mais recorrente na região norte e representou 56% dos dados coletados. Está distribuído por toda a região embora perca fôlego no sudeste da região. A carta demonstra que nesta área *cobra cega* tem ocorrência significativa e ocorre nas localidades de Natividade (24), Pedro Afonso (23), Conceição do Araguaia (17), Marabá (15), Altamira (14), Jacareacanga (16), chegando até Belém (12), mas perde vitalidade a partir dos três últimos pontos. No oeste da região constata-se outra área onde *cabra cega* foi item comum em São Gabriel da Cachoeira (04), Tefé (05), Porto Velho (21), Rio Branco (20) e Cruzeiro do Sul (19).

Para se tratar do aspecto social, o gráfico a seguir mostra a dimensão diagenérica:

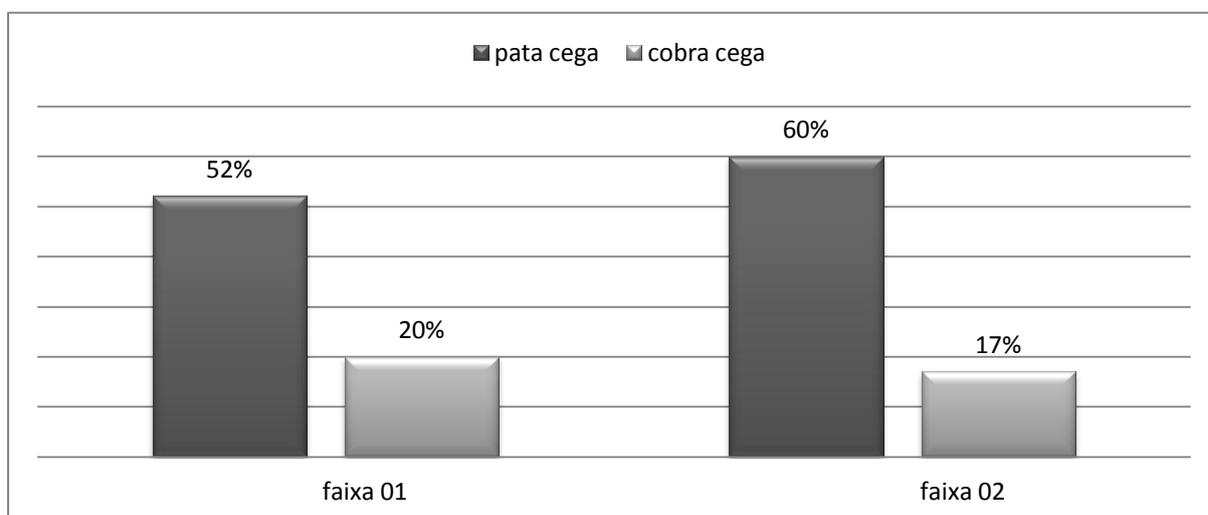
Gráfico 26: Frequência dos itens lexicais pata cega e cobra cega – dimensão diagenérica



Com base no que o gráfico demonstra, o item *pata cega* é o mais comum tanto na fala de homens como de mulheres. Falantes do sexo masculino mencionaram o termo em 51% de suas respostas e do sexo feminino em 60% de suas informações. Por outro lado, *cobra cega* obteve o mesmo número relativo de ocorrências (19%), tanto para homens quanto para mulheres. Desse modo, em relação ao gênero dos falantes, não houve diferenças que marcassem a fala de um ou outro sexo em relação ao item abordado.

O próximo gráfico mostra os resultados obtidos em relação ao aspecto diageracional:

Gráfico 27: Frequência dos itens lexicais pata cega e cobra cega – dimensão diageracional.



O fator idade não mostrou diferenças substanciais entre os informantes das faixas etárias pesquisadas. O item *pata cega* é o mais usado por falantes jovens e por falantes mais velhos. Estes mencionaram a variante em 60% de seus dados, aqueles em 52% dos seus registros. *Cobra cega* obteve 20% do total dos dados dos informantes da primeira faixa etária e 17% da segunda faixa etária, confirmando a preferência dos falantes do norte pelo item *pata cega* também no que concerne à idade dos mesmos.

A respeito da dicionarização dos itens lexicais documentados na região norte para designar a brincadeira *pata cega*, o quadro a seguir mostra os resultados:

Quadro 16: Resultado da pesquisa em dicionários do item lexical *cabra cega*.

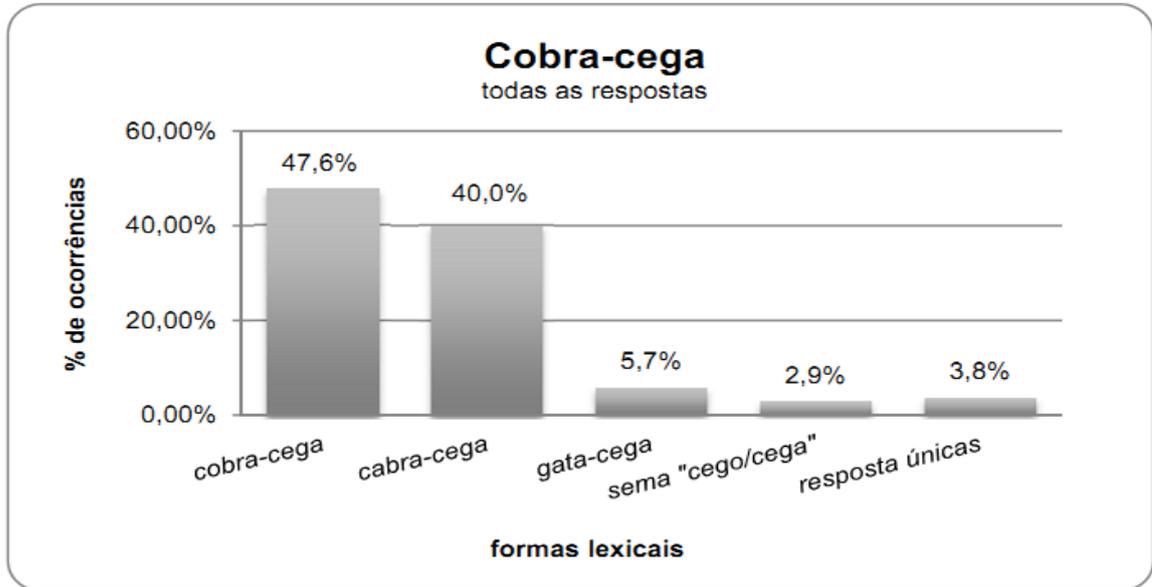
Item lexical	Houaiss	Aurélio	Caldas Aulete
Pata cega	–	–	–
Cobra cega	–	+	+
Cabra cega	–	+	+
Pata choca	–	+	+
Barata tonta	–	–	–
Nó cego	–	–	–
Pira cega	–	–	–
Cipó queimado	–	–	–
Pega-pegas	–	–	–
Papa-chuca	–	–	–
Pira mãe	–	–	–
Esconde esconde	+	–	+

O item mais comum na região norte, *pata cega*, não foi encontrado nos dicionários consultados. Quanto à lexia *cobra cega*, as definições remetem à zoologia, denominando certo tipo de anfíbio no dicionário Caldas Aulete e Aurélio. O Houaiss não registra a variante.

*Cabra cega* está definido como a brincadeira infantil descrita no QSL em dois dicionários, Caldas Aulete e Aurélio, porém, este último restringe o uso do item à região nordeste do Brasil. O Houaiss não apresenta definição para *cabra cega* e *pata choca*. Caldas Aulete e Aurélio definem *pata choca* com outras acepções. *Esconde-esconde* está registrado nos dicionários Houaiss e Caldas Aulete, mas ambos o definem como uma brincadeira diversa da brincadeira *cabra cega*. O quadro demonstra que os itens lexicais *barata tonta*, *nó cego*, *pira cega*, *cipó queimado*, *pega-pegas*, *papa-chuca* e *pira mãe* não se encontram registrados nos dicionários pesquisados.

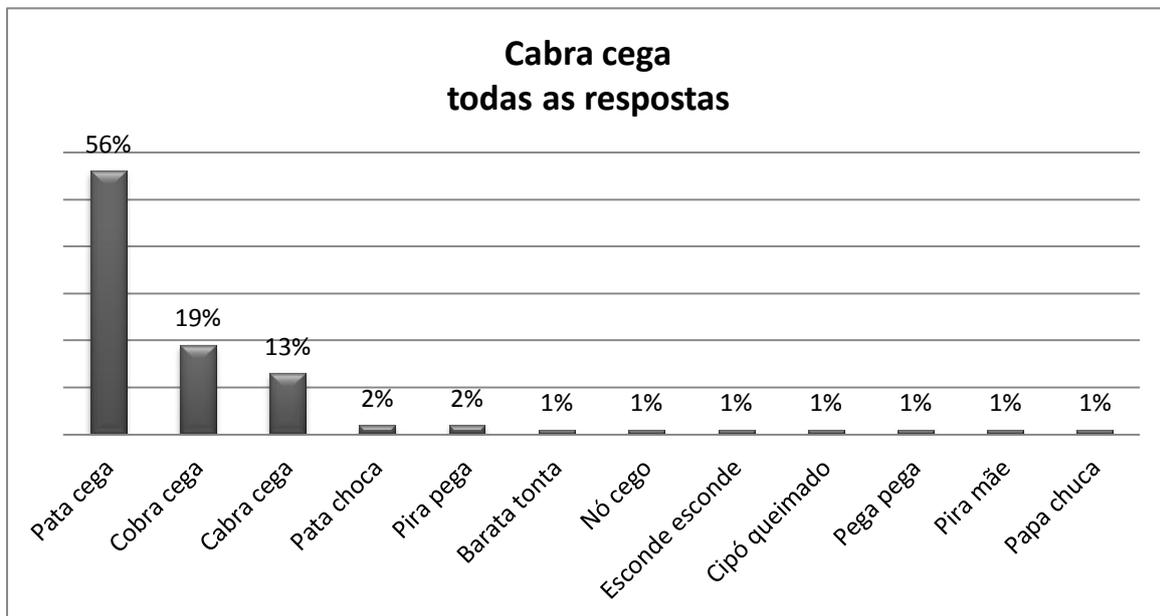
Para comparar os dados da região norte aos da área do falar baiano, os gráficos a seguir embasam a análise feita:

Gráfico 28: Percentuais das formas lexicais de cobra cega – área do falar baiano.



Fonte: Ribeiro (2012).

Gráfico 29: Percentuais das formas lexicais de cabra cega – região norte.



A comparação dos dados das duas regiões mostra que ambas possuem itens lexicais em comum a exemplo de *cobra cega* e *cabra cega*, porém esses itens demonstram mais

frequência na área do falar baiano, 47,6% e 40% respectivamente. No norte, *cabra cega* representou 13% e *cobra cega* 19% dos dados. *Pata cega* pode ser considerada a forma peculiar da região norte, pois obteve 56% de frequência enquanto que na zona nordestina foi citada uma vez.

### 3.8 CARTA LEXICAL 08: PEGA-PEGA

Apresentamos a carta para a análise do item lexical *pega-pega*:

**CARTA L 08**  
**BRASIL**  
**Região Norte**  
**PEGA PEGA**

Realizações em % de respostas válidas

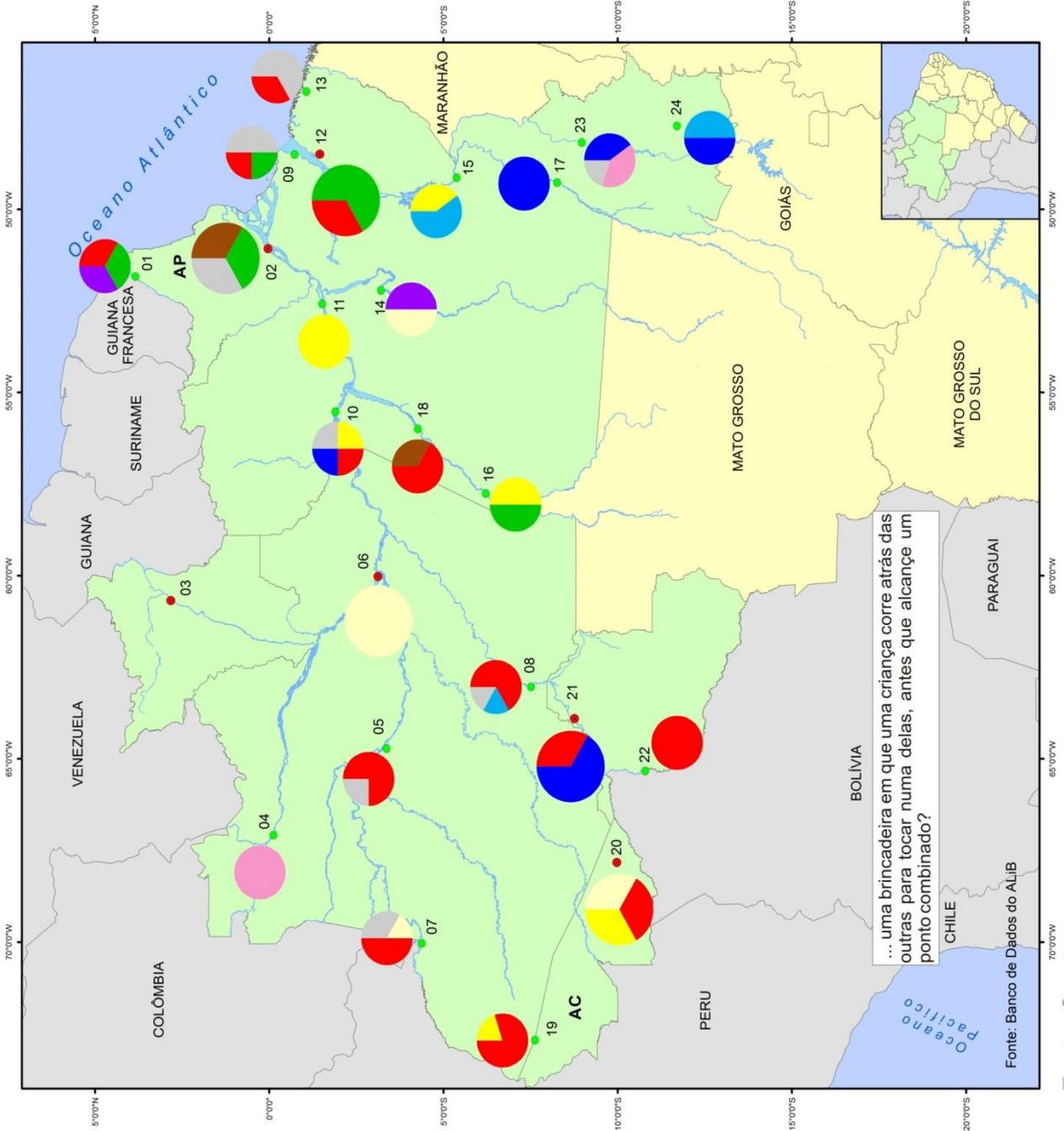
Variantes	Ocorrências
	Pira 27
	Pega pega 08
	Cola 07
	Pira mãe 06
	Manja 06
	Trisca 05
	Congelar 04
	Pira pega 03
	Juju 02
	Outras

Cidades do interior  
 Capitais



Carta Base: BCIMA v. 2.0 - IBGE, 2006  
 Planejamento Cartográfico, Composição Temática e Edição da Base  
 Ana Regina Torres Ferrera Teles  
 Brasil - 2014.

Figura 11: carta lexical do item pega-pega



... uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?

Fonte: Banco de Dados do ALIB

Quadro 17: Itens lexicais sob o rótulo “outras” (QSL – 162).

Item lexical	Núm. Ocorr.	Ponto de ocorrência
Queimei	01	02 (Macapá – AP)
Pira do corre	01	05 (Tefé – AM.)
Barra bandeira	01	07 (Benjamin Constant – AM)
Papai ajuda	01	08 (Humaitá – AM)
Bandeirinha	01	09 (Soure – PA)
Toca toca	01	09 (Soure – PA)
Pira toca	01	13 (Bragança – PA)
Pira esconde	01	13 (Bragança – PA)
Peguei	01	23 (Pedro Afonso – TO)

Observando os dados no âmbito local, alguns pontos de inquérito paraense não registraram os itens ocorridos na capital quais foram *pira mãe* e *pira*. Desse modo, em Marabá (15), Conceição do Araguaia (17), Altamira (14) e Almeirim (11), não houve registro dessas formas. *Pira mãe* foi documentado apenas em Soure (09) e Jacareacanga (16), enquanto *pira* esteve presente em Bragança (13), Soure (09), Óbidos (10) e Itaituba (18). Capital e interior demonstram ter diferenças lexicais significativas para o item observado. No Amazonas, a capital registrou apenas a forma *manja*. No interior apenas Benjamin Constant (07) documentou o item. O mapa mostra que *pira* foi a variante mais produtiva em Tefé (05), Humaitá (08) e Benjamin Constant (07) o que confirma a diferença entre capital e interior amazonense em relação ao nome do brinquedo. No Acre, capital e interior registraram dois itens lexicais em comum. Cruzeiro do Sul (19) documentou *pira* e *cola* os quais foram também encontrados em Rio Branco (20). O item *manja* só ocorreu na capital. Em Rondônia, Porto Velho (21) e Guajará Mirim (22) registraram *pira* mas a variante *pega-pega* ocorreu somente na capital e se mostrou mais produtivo que o item *pira*. A capital do Amapá registrou *pira mãe* e *pira pega*. Desses itens somente *pira mãe* ocorreu na localidade de Oiapoque (01) a qual documentou também *pira* e *juju*.

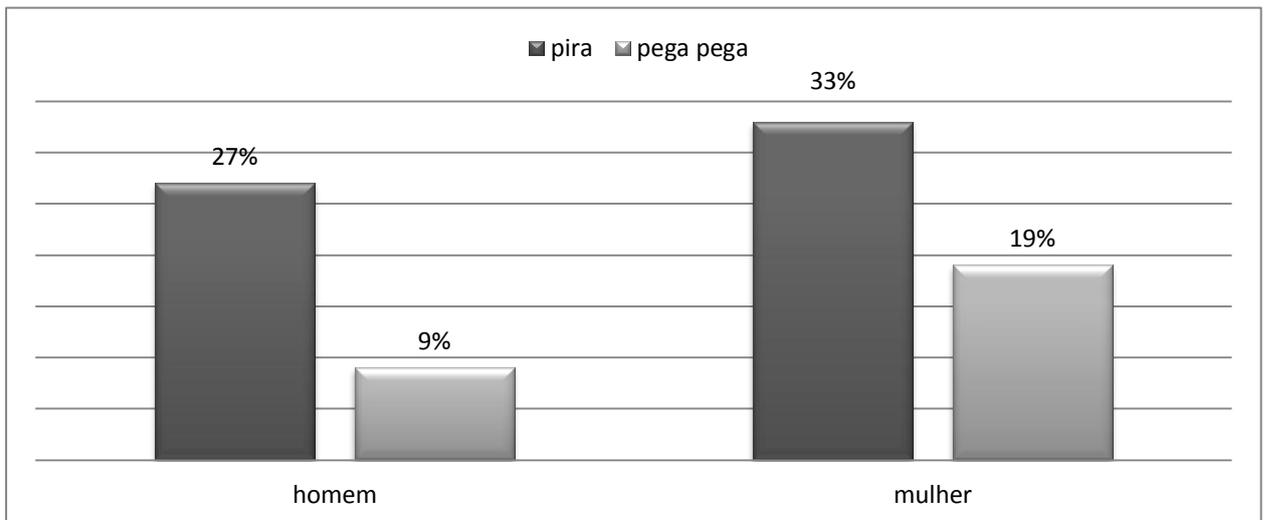
A carta mostra que *pira* teve o maior número de menções, 35% dos dados, mas não está distribuído por todo o norte. Dez pontos de inquérito não registraram o item, o qual está concentrado a nordeste, ao centro e sudoeste da região norte.

Algumas subáreas com léxico em comum foram constatadas na carta. *Pira mãe* se concentra no nordeste da região, nas cidades de Belém (12), Soure (09), Macapá (02) e Oiapoque (01). O item *cola* está em duas áreas. A primeira inclui os municípios de Marabá

(15), Almeirim (11), Óbidos (10) e Jacareacanga (16). A segunda é formada pelas localidades de Rio Branco (20) e Cruzeiro do Sul (19). Destaca-se também a subárea constituída por Natividade (24), Pedro Afonso (23) e Conceição do Araguaia (17) onde *pega-pega* foi o item lexical mais comum.

Para a abordagem do aspecto social, o gráfico a seguir apresenta a dimensão diagenérica:

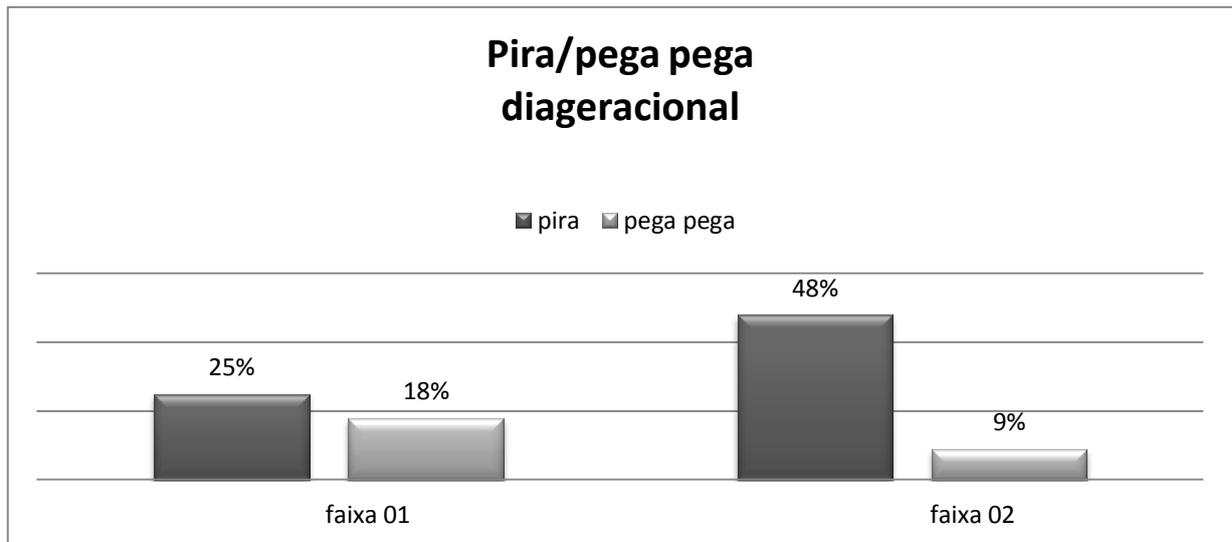
Gráfico 30: Frequência dos itens lexicais pira/pega pega – dimensão diagenérica.



O gráfico demonstra que a forma *pira* tem a preferência tanto de homens quanto de mulheres da região norte. O gênero masculino citou o item em 27% de suas respostas e o feminino em 33%. *Pega-pega* foi mais usual na fala das mulheres, que citaram a variante em 19% de seus dados enquanto que os homens o fizeram em 9% de suas respostas. Observa-se que embora o sexo feminino tenha preferido *pira*, utiliza *pega pega* com mais frequência que o sexo masculino.

Para a análise do aspecto diageracional, apresentamos o gráfico a seguir:

Gráfico 31: Frequência dos itens lexicais pira/pega pega – dimensão diageracional



O gráfico demonstra que os falantes da primeira faixa etária parecem usar tanto *pira* como *pega pega* em suas interações linguísticas. A diferença no valor relativo dos dois termos é de 7%, ou seja, *pira* atingiu 25% e *pega pega* 18% dos dados. Os usuários da segunda faixa etária preferiram o termo *pira* (48% de ocorrência) a *pega-pega* (9% de ocorrência). Estes valores demonstram que os falantes mais velhos utilizam o item mais comum, em geral, na região norte.

A respeito da dicionarização dos itens lexicais, o quadro a seguir mostra os resultados:

Quadro 18: Resultado da pesquisa em dicionários. do item lexical pega-pega

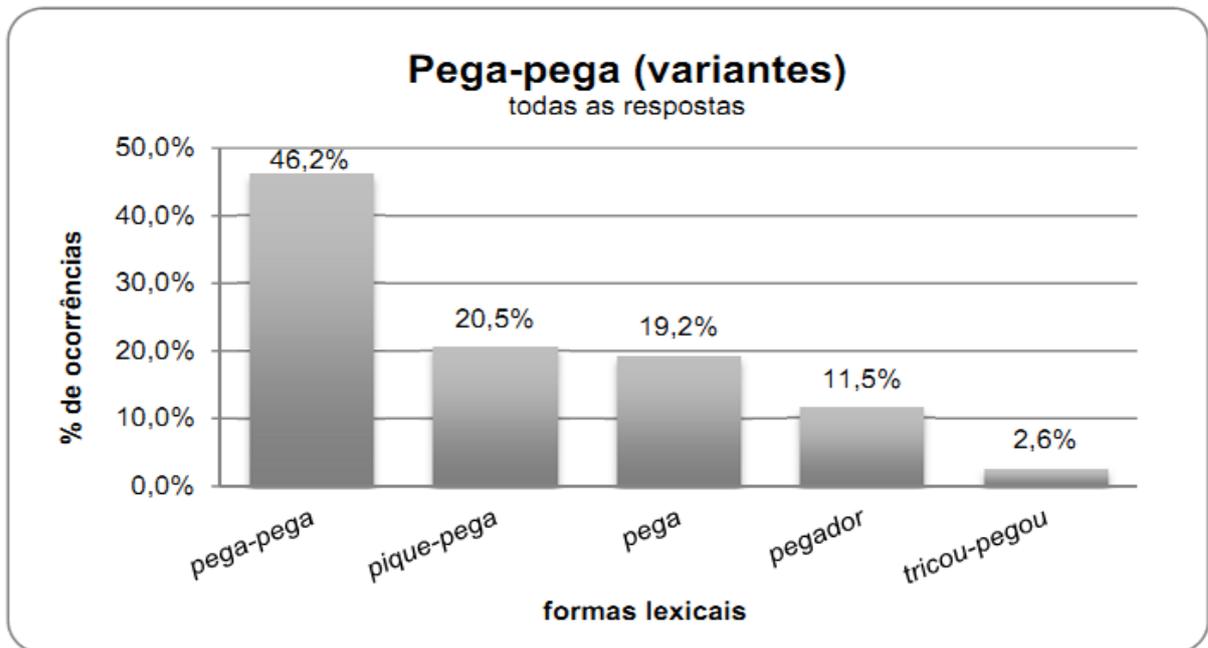
Item lexical	Houaiss	Aurélio	Caldas Aulete
Pira	-	-	-
Pega pega	-	-	+
Cola	-	-	-
Trisca	-	-	-
Congelar	-	-	-
Pira mãe	-	-	-
Juju	-	-	-
Manja	+	-	+
Peguei	-	-	-
Papai ajuda	-	-	-
Pira do corre	-	-	-
Barra bandeira	-	-	-

Pira toca	–	–	–
Pira esconde	–	–	–
Brincadeira do Lário	–	–	–
Bandeirinha	–	–	–
Toca toca	–	–	–

A maioria dos itens lexicais utilizados para nomear a brincadeira *pega-pega* nos falares do norte não se encontra registrado nos dicionários consultados. De todos os itens vistos somente dois estão documentados, *pega-pega* (Caldas Aulete) e *manja* (Houaiss e Caldas Aulete).

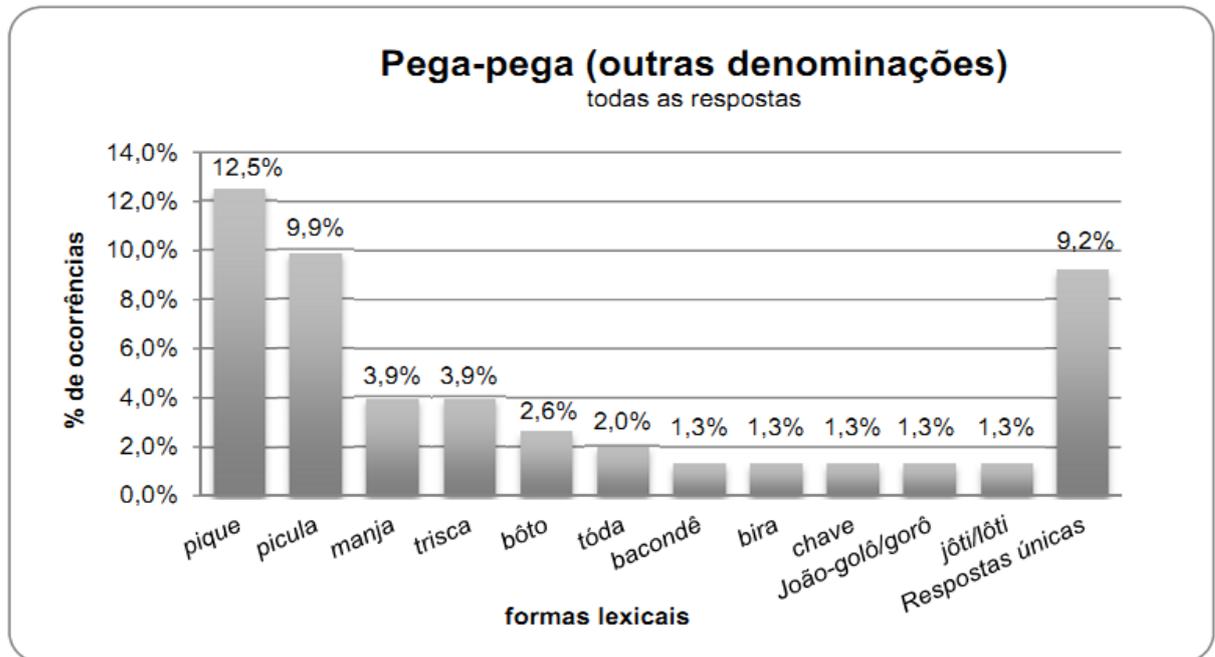
Para comparar os dados da região norte do Brasil com os da área do falar baiano, os gráficos a seguir mostram as frequências das formas lexicais nas duas regiões:

Gráfico 32: Percentuais das formas lexicais de pega pega – área do falar baiano.



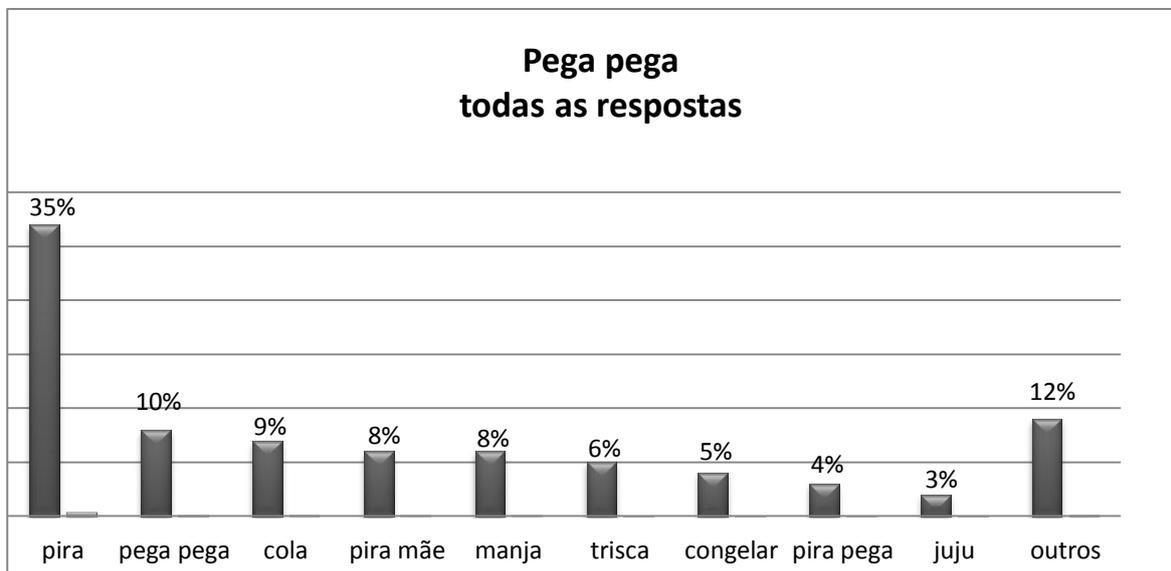
Fonte: Ribeiro (2012).

Gráfico 33: Percentuais das formas lexicais de pega pega – área do falar baiano.



Fonte: Ribeiro (2012).

Gráfico 34: Percentuais das formas lexicais de pega pega – região norte.



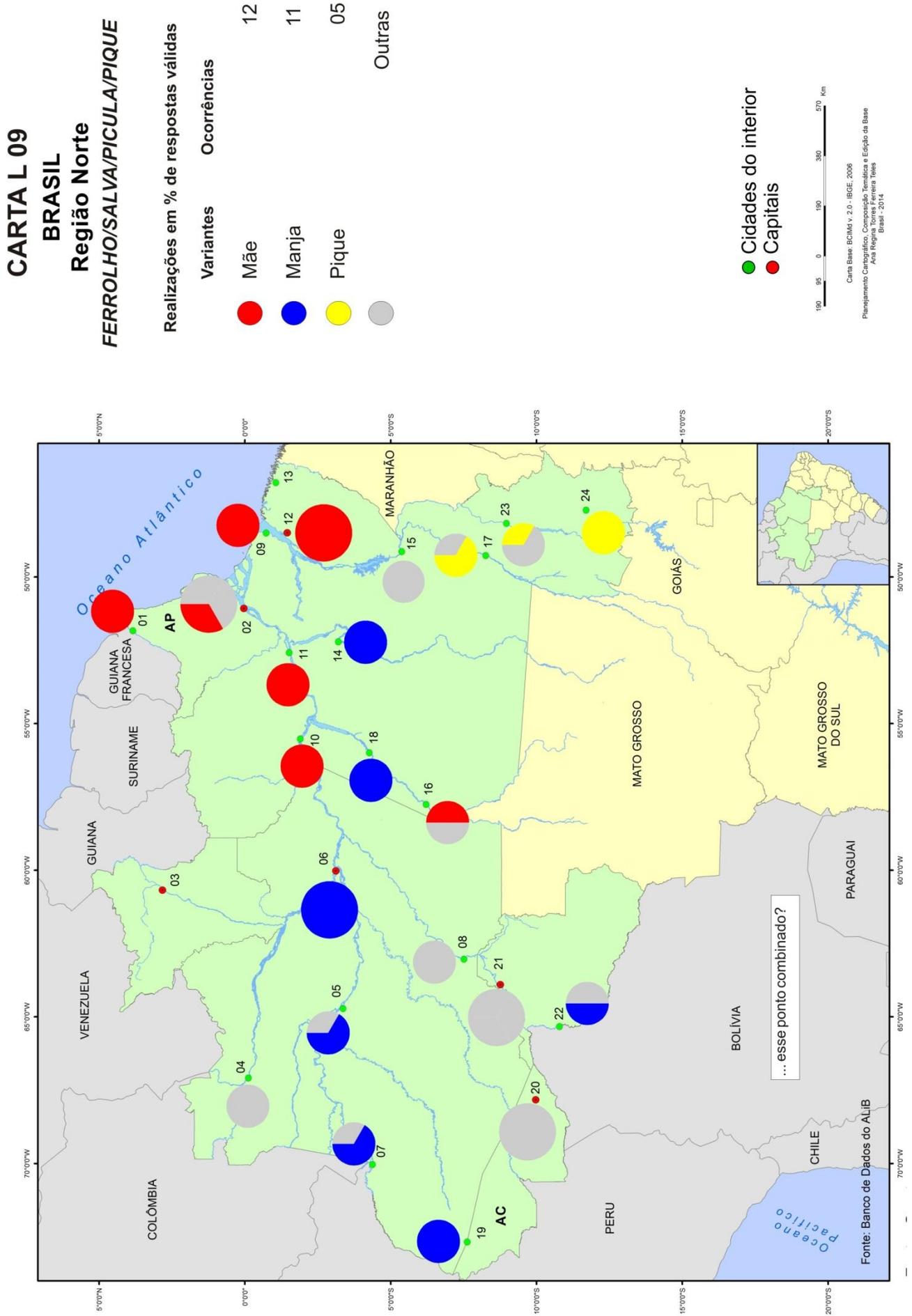
O item lexical *pega-pega* apresenta algumas variantes que são comuns apenas em cada uma das regiões observadas. Na área do falar baiano um total de 26 formas, considerando-se os agrupamentos, foram documentadas e, dessas, somente 03 foram

registradas na região norte: *pega-pega*, *trisca* e *manja*. No entanto, a forma mais utilizada na área do falar baiano, *pega -pega*, não apresentou vitalidade na região norte, onde o item *pira* foi mais utilizado pelos falantes para nomear a brincadeira. Os itens lexicais *pique* e *picula* atingiram 12,5% e 9,9%, respectivamente, das ocorrências na área do falar baiano mas não foram registrados na região norte do Brasil, o que pode significar que são formas lexicais típicas da área nordestina. A região norte tem como característica o uso de *pira*, o qual não foi registrado na área do falar baiano, podendo ser considerado um item típico nortista. Ressalta-se que a unidade lexical *pira* também é usada em locuções que nomeiam a brincadeira infantil tais como *pira do corre*, *pira toca*, *pira esconde*, *pira mãe* e *pira pega*, às quais foram registradas somente no norte.

### 3.9 CARTA LEXICAL 09: FERROLHO/ SALVA/ PICULA/ PIQUE

Para a análise dos itens referentes à pergunta 163 do QSL, a figura e quadro a seguir baseiam as conclusões chegadas:

Figura 12: carta lexical dos itens ferrolho / salva / picula / pique



Quadro 19: Itens lexicais sob o rótulo “outras” (QSL – 163).

Item lexical	Núm. Ocorr.	Ponto de ocorrência
Tritolesto	01	02 (Macapá – AP)
Poste	01	02 (Macapá – AP)
Pata choca	01	04 (São Gabriel da Cachoeira – AM)
Papa chuca	01	04 (São Gabriel da Cachoeira – AM)
Um, dois, três	01	05 (Tefé – AM)
Torre	01	07 (Benjamin Constant – AM)
Brincadeira de pira	01	08 (Humaitá – AM)
Cidinha	01	08 (Humaitá – AM)
Linha	01	15 (Marabá – PA)
Periquito	01	17 (Conceição do Araguaia – PA)
Barra	01	20 (Rio branco – AC)
Lata	01	21 (Porto Velho – RO)
Pau	01	21 (Porto Velho – RO)
Muro	01	21 (Porto Velho – RO)
Pira alta	01	22 (Gujará Mirim – RO)
Pinha	01	23 (Pedro Afonso – TO)
Pinte escura	01	23 (Pedro Afonso – TO)

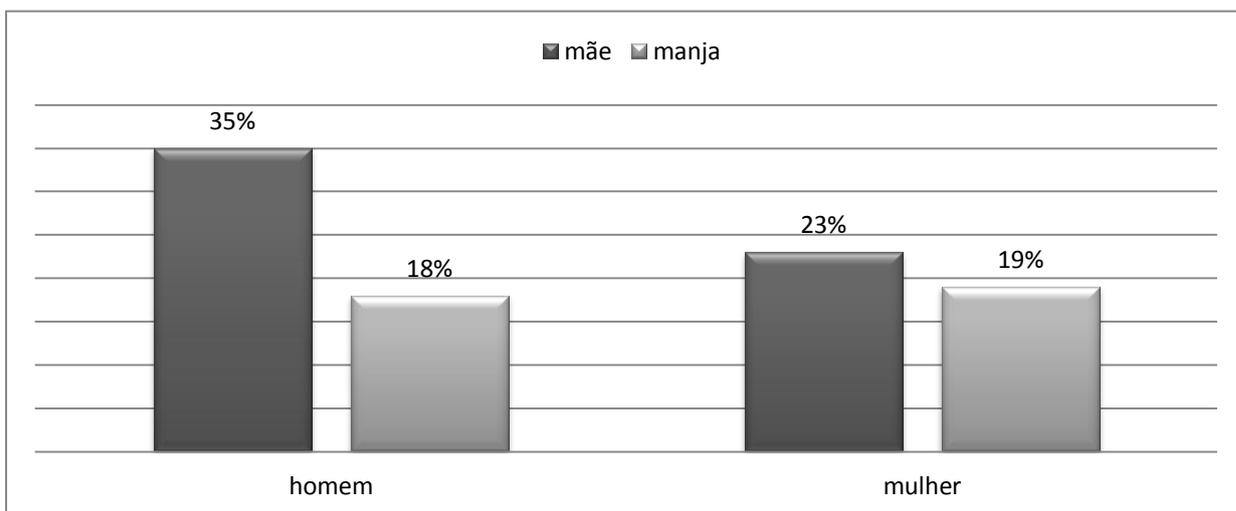
Em nível local o item registrado em Belém (12), *mãe*, não foi documentado em quatro municípios paraenses que foram: Conceição do Araguaia (17), Marabá (15), Altamira(14) e Itaituba (18). No Amazonas, Manaus (06), Tefé (05) e Benjamin Constant (07), registraram a forma lexical *manja*, a qual não ocorreu nas outras duas localidades, Humaitá (08) e São Gabriel da Cachoeira (04). No Acre, capital e interior não apresentaram itens lexicais em comum. O mesmo ocorreu em Rondônia. No amapá, o item *mãe* foi registrado em Oiapoque (01) e Macapá (02). Na capital obteve-se ainda *tritolesto* e *poste* como respostas, as quais não foram documentadas no interior.

As formas lexicais mais frequentes no norte foram *mãe* e *manja*, porém, nenhuma delas está regularmente distribuída em toda a região. Desse modo, as duas podem ser representativas do falar do norte, dependendo da área considerada. O item *mãe* está concentrado mais a nordeste da região nas localidades de Belém (12), Soure (09), Almeirim (11), Óbidos (10), Macapá (02) e Oiapoque (01). O item *manja* está presente nas localidades de Altamira (14), Itaituba (18), Manaus (06), Tefé (05), Benjamin Constant (07) e Cruzeiro do

Sul (19), todos numa faixa central do norte. O mapa mostra outra área onde *pique* foi o léxico comum a três municípios: Natividade (24), Pedro Afonso (23) e Conceição do Araguaia (17).

No que concerne ao aspecto social, o gráfico seguinte mostra o resultado no que diz respeito ao sexo dos informantes:

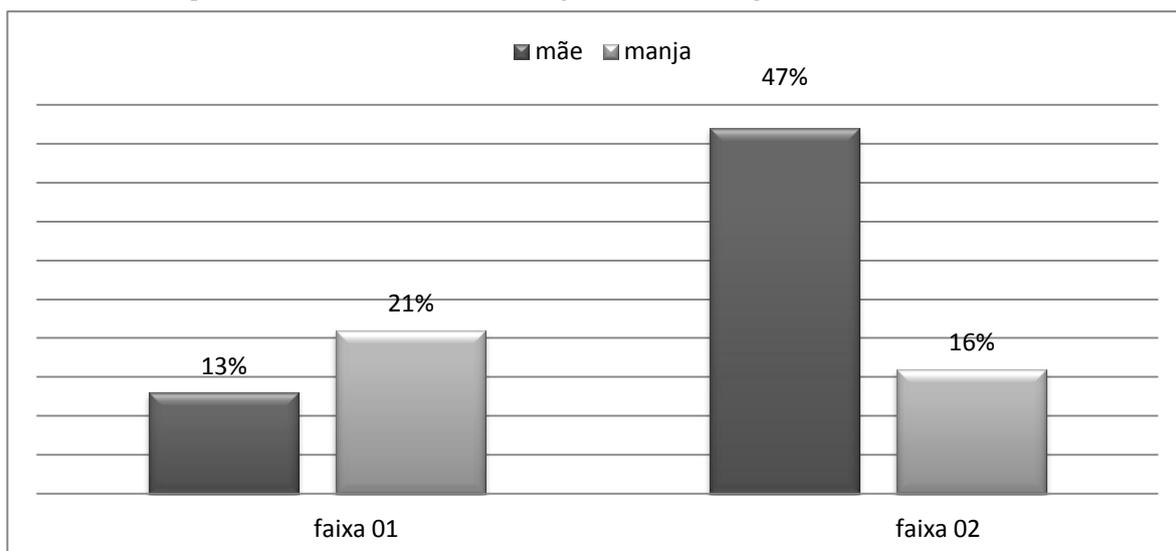
Gráfico 35: Frequência do itens lexicais mãe/manja – dimensão diagenérica.



O gráfico aponta para uma tendência dos homens ao uso do item *mãe*. Esses usuários citaram a forma em 35% de suas respostas, quase o dobro do registro de *manja*, que obteve 18% de frequência. As mulheres também demonstraram preferência pelo item *mãe*, visto que 23% de suas respostas foram dessa variante. Assim, do ponto de vista diagenérico, os dois sexos tendem ao uso de *mãe* para nomear o “ponto combinado”, embora as mulheres tenham se mostrado propícias ao uso de *manja* também.

O próximo gráfico traz informações relativas à idade dos informante:

Gráfico 36: Frequência dos itens lexicais mãe/manja – dimensão diageracional.



Os falantes da primeira faixa etária demonstraram preferência pelo uso de *manja* ao citar o item em 21% de suas respostas, enquanto que a forma *mãe* ficou com 13% de suas preferências. A segunda faixa etária, por outro lado, mostrou grande uso do item *mãe* o qual representou 47% de seus dados. Para os falantes mais velhos, *manja* obteve 16% de frequência. Assim, com relação à idade, observa-se que os mais jovens parecem fazer uso de duas variantes concomitantemente, enquanto que os mais velhos tendem ao uso de *mãe* com mais frequência.

A dicionarização das formas lexicais documentadas na região norte estão expostas no quadro a seguir:

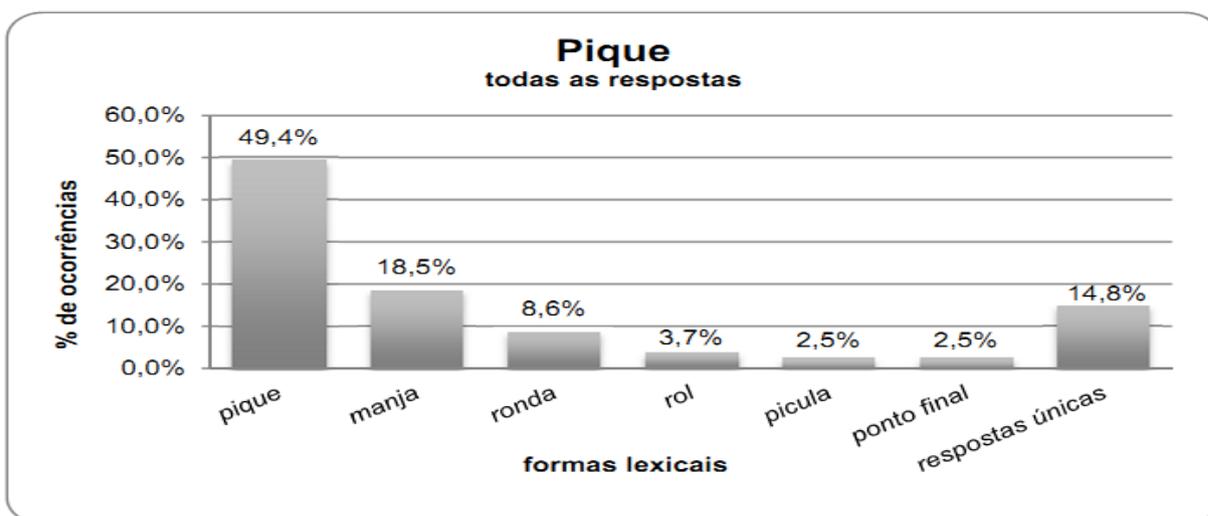
Quadro 20: Resultado da pesquisa em dicionários dos itens lexicais ferrolho/salva/picula/pique.

Item lexical	Houaiss	Aurélio	Caldas Aulete
Mãe	outra acepção	outra acepção	outra acepção
Manja	+	outra acepção	+
Pique	+	+	+
Pira alta	-	-	-
Pinha	outra acepção	outra acepção	outra acepção
Pinte escura	-	-	-
Cidinha	-	-	-
Brincadeira de pira	-	-	-
Um, dois, três	-	-	-
Papa chuca	-	-	-
Pata choca	-	-	-
Torre	outra acepção	outra acepção	outra acepção
Periquito	outra acepção	outra acepção	outra acepção
Pau	outra acepção	outra acepção	outra acepção
Linha	outra acepção	outra acepção	outra acepção
tritolesto	-	-	-
Poste	outra acepção	outra acepção	outra acepção
Lata	outra acepção	outra acepção	outra acepção
muro	outra acepção	outra acepção	outra acepção
Barra	outra acepção	outra acepção	outra acepção

Os dicionários consultados não apresentaram a maioria dos itens lexicais documentados na região norte com o sentido dado pelos falantes da região, ou seja, relacionado ao “ponto combinado” na brincadeira. Os dicionários Houaiss e Caldas Aulete apresentam a forma *manja*, porém não a definem como o local combinado em que os participantes da brincadeira devem alcançar, mas como à brincadeira em si. Apenas *pique* está com o sentido proposto no QSL, nos dicionários Houaiss e Caldas Aulete. O quadro demonstra que os itens constantes nos dicionários, excetuando-se *manja* e *pique*, estão definidos com sentidos diversos do que se propõe na pergunta do QSL. Oito variantes não foram encontradas nos dicionários analisados.

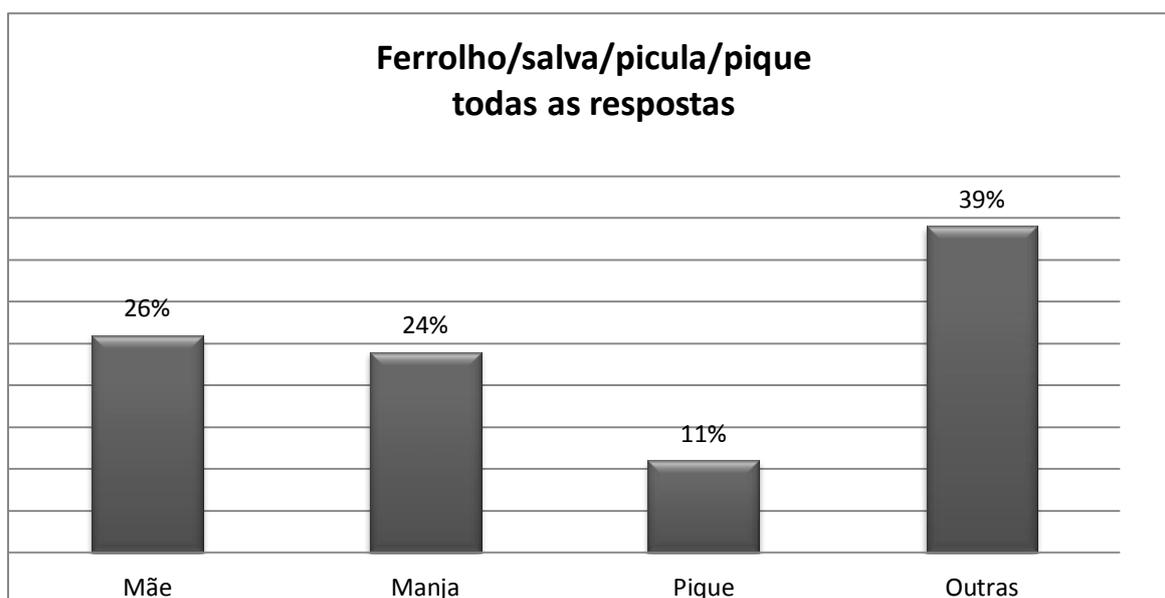
A seguir apresentam-se os gráficos com os dados da região norte e da área do falar baiano para se comparar os falares das duas regiões:

Gráfico 37: Percentuais das formas lexicais de ferrolho/salva/picula/pique – área do falar baiano



Fonte: Ribeiro (2012).

Gráfico 38: Percentuais das formas lexicais de ferrolho/salva/picula/pique – região norte.



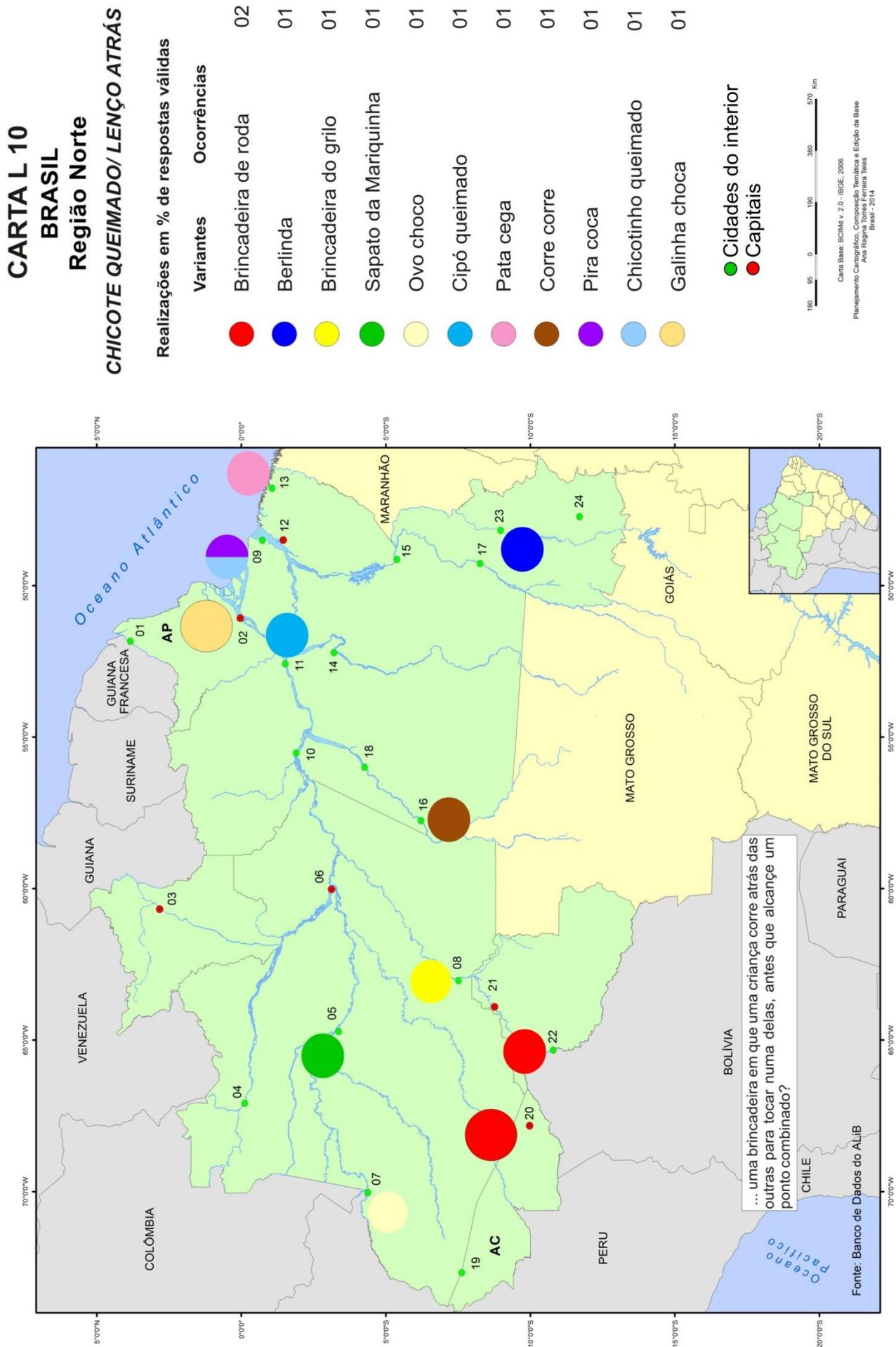
Na área do falar baiano, a forma lexical *pique* foi a mais usual entre os informantes, representando 49,4% da frequência das respostas dadas. Na região norte a preferência se deu pelo item lexical *mãe*, o qual representou 26% das respostas. Em ambas regiões *manja* foi o segundo item mais mencionado, com representatividade 18,5 % na área do falar baiano e 24% na região norte.

O item *pique* ocorreu na região norte mas obteve frequência menor que na área do falar baiano, ou seja, 11%, o que pode significar que é mais comum na região nordeste. O item mais frequente na região norte, *mãe*, não é frequente na região do falar baiano onde ficou entre os itens mencionados uma única vez.

### 3.10 CARTA LEXICAL 10: CHICOTE QUEIMADO/LENÇO ATRÁS

Para a análise do próximo item lexical pesquisado no QSL, a carta a seguir mostra os itens documentados na região norte:

Figura 13: carta lexical dos itens chicote queimado/ lenço atrás



A questão 164 do QSL, cuja resposta esperada é *chicote queimado/lenço atrás* caracterizou-se pelo número de respostas únicas e pela quantidade de localidades que não conhecem a brincadeira. Dos dezoito pontos pesquisados no interior da região, nove não souberam responder à pergunta e nove forneceram apenas um item lexical como resposta. Nas capitais, dados foram coletados somente em Macapá (02) e Rio Branco (20), pois os informantes das outras cidades também não souberam nomear a brincadeira ou mesmo não a conheciam. Ao se relacionar as informações das capitais com as do interior, somente duas áreas adjacentes, mas em estados diferentes, registraram formas lexicais em comum, a saber, *brincadeira de roda*, em Rio Branco (20) e Guajará Mirim (22). Os dados deixam transparecer que a brincadeira não é comum na região norte. Dos itens esperados como respostas no QSL, *chicote queimado/lenço atrás*, apenas o primeiro item foi mencionado em Soure (09), no estado do Pará.

A falta de dois itens lexicais que se destacassem na região norte impossibilitará a análise levando em conta a dimensão social. Apresenta-se a seguir o quadro que demonstra os itens encontrados nos dicionários consultados:

Quadro 21: Resultado da pesquisa em dicionários dos itens lexicais *chicote queimado/lenço atrás*

Item lexical	Houaiss	Aurélio	Caldas Aulete
Brincadeira de roda	–	–	–
Berlinda	outra acepção	outra acepção	outra acepção
Brincadeira do grilo	–	–	–
Sapato da mariquinha	–	–	–
Ovo choco	–	outra acepção	–
Cipó queimado	–	–	–
Pata cega	–	–	–
Corre-corre	–	outra acepção	outra acepção
Pira coca	–	–	–
Chicotinho queimado	–	–	–
Galinha choca	–	–	–
Brincadeira de roda	–	–	–

Os dicionários consultados apresentaram poucas definições, e todas com acepções diversas, para os itens documentados na região norte para nomear a brincadeira *chicote queimado/lenço atrás*. O quadro mostra que *berlinda* está registrado nos três dicionários mas

com sentido diferente da brincadeira infantil. O mesmo ocorreu com a variante *ovo choco*, registrada no Aurélio, e com a forma *corre-corre*, no Aurélio e Caldas Aulete.

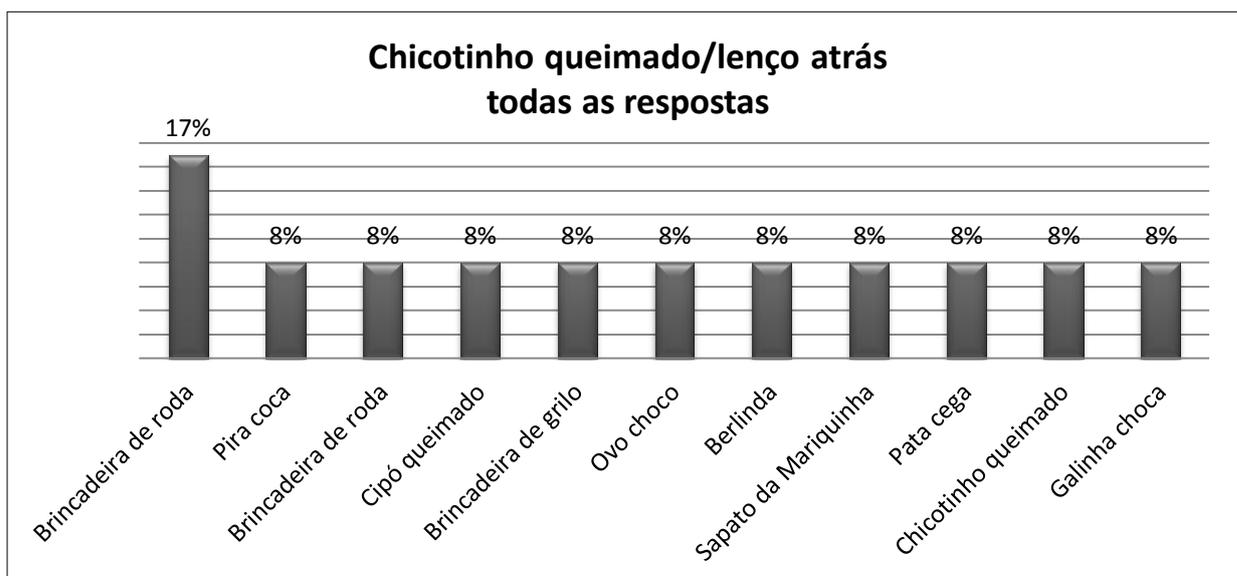
Para a comparação dos dados documentados na região norte e área do falar baiano, apresentamos os gráficos a seguir:

Gráfico 39: Percentuais das formas lexicais de chicotinho queimado/lenço atrás – área do falar baiano.



Fonte: Ribeiro (2012).

Gráfico 40: Percentuais das formas lexicais de chicotinho queimado/lenço atrás – região norte.

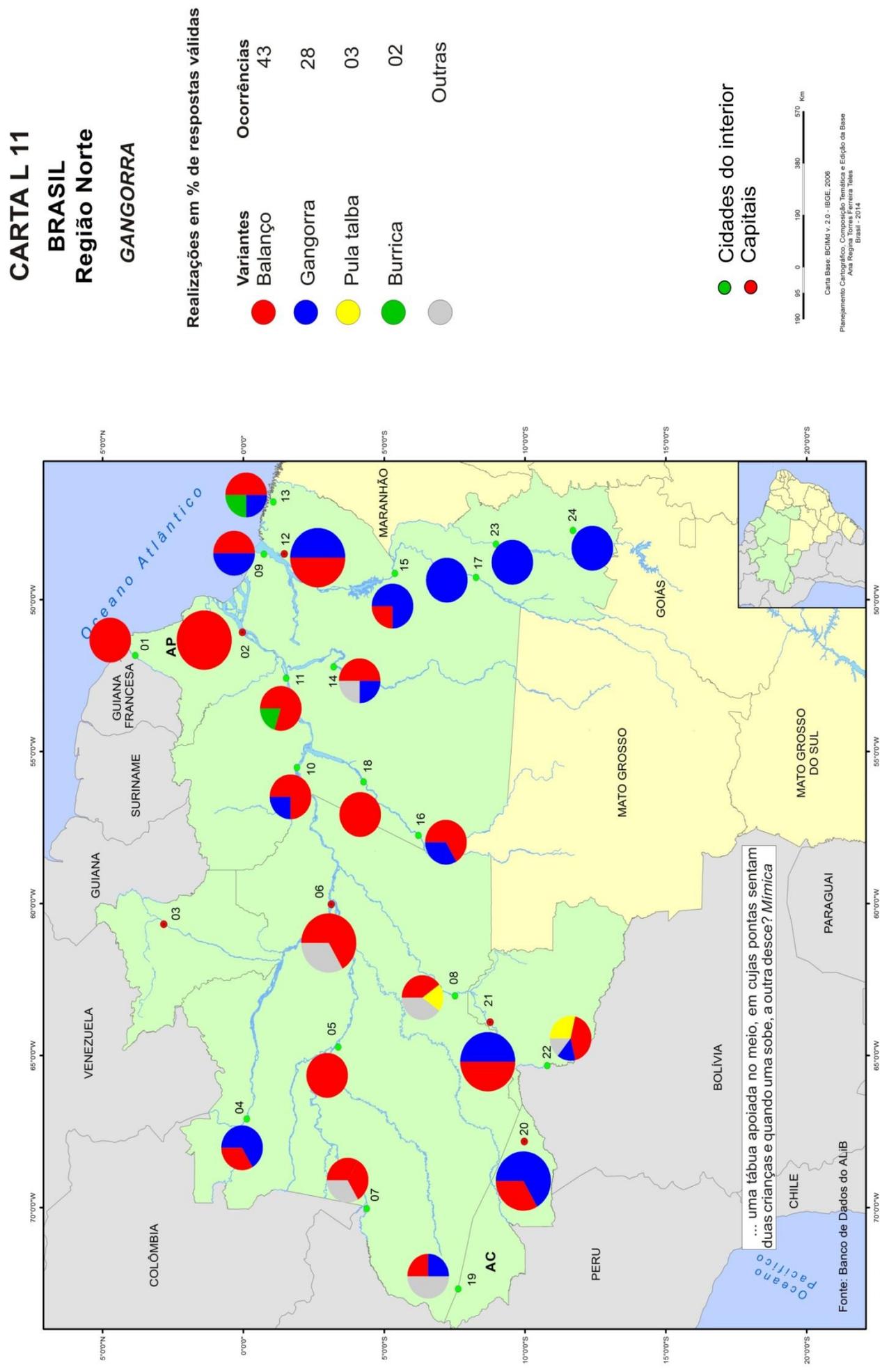


Os dados da área do falar baiano demonstram que a brincadeira é mais popular nessa região do que no norte brasileiro. Na área nordestina *chicotinho queimado* representou 54,2% de todas as respostas fornecidas, enquanto que na região norte o item foi registrado somente uma vez na cidade de Soure (09) no estado do Pará, o que significou 8% dos dados. O item lexical *brincadeira de roda* também foi registrado nas duas regiões representando 8,3% na área baiana (total absoluto de 04 registros) e 8% na região norte (total de 01 registro). Foram comuns, ainda, às duas áreas observadas, as formas *ovo choco* e *berlinda*, que ocorreram uma vez em ambas regiões. *Corre cutia/la coxia*, *roda* e *ciranda/ciranda cirandinha* foram outras variantes registradas na área do falar baiano mas que não foram documentadas no norte, o que mostra, como já dito, que a brincadeira não é popular entre os nortistas. Na área nordestina *chicotinho queimado* apresentou vitalidade constituindo um item que pode ser representativo do seu falar.

### 3.11 CARTA LEXICAL 11: GANGORRA

A análise do item lexical *gangorra* está apoiada na carta e no quadro a seguir:

Figura 14: carta lexical do item gangorra



Quadro 22: Itens lexicais sob o rótulo “outras” (QSL – 165).

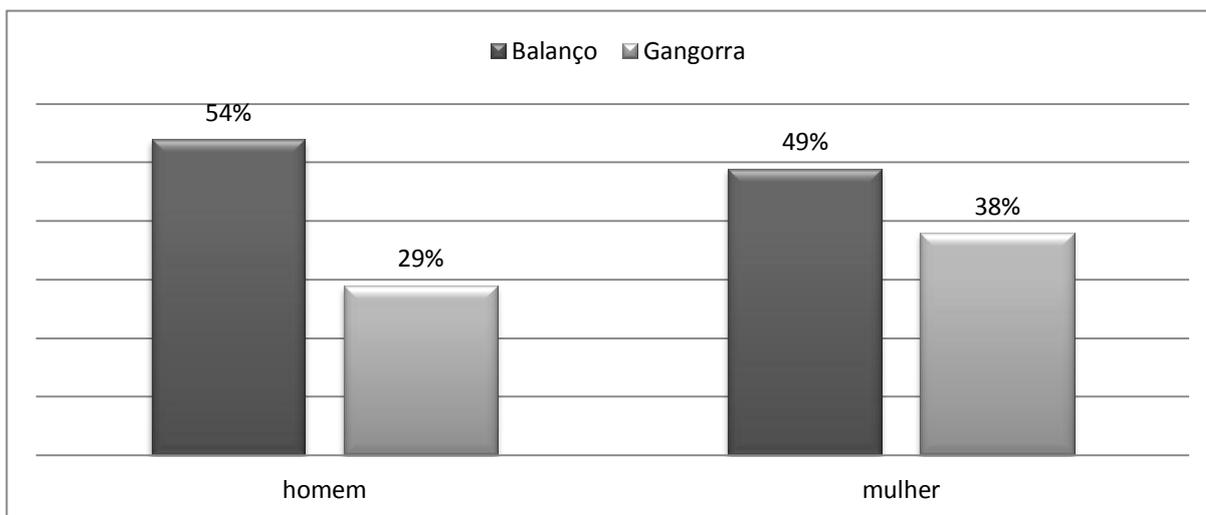
Item lexical	Núm. Ocorr.	Ponto de ocorrência
Elevador	01	07 (Benjamin Constant- AM.)
Brincar de talba	01	08 (Humaitá- AM.)
Baixa e levanta	01	08 (Humaitá- AM.)
João Galamarte	01	14 (Altamira - PA)
Capa sapo	01	19 (Cruzeiro do Sul- AC)
Bom barquinho	01	19 (Cruzeiro do Sul- AC)
Sobe e desce	01	22 (Guajará Mirim- RO)

Em termos locais, Belém (12) registrou *balanço* e *gangorra* para nomear o brinquedo. Os dois itens também foram comuns em cidades do interior do Pará, às quais não demonstraram diferenças significativas em relação à capital. No Amazonas, Manaus registrou em comum com o interior somente o item *balanço*. A variante *gangorra* foi registrada somente em São Gabriel da Cachoeira (04). No Acre, os itens *balanço* e *gangorra* foram mencionados tanto na capital, Rio Branco (20), quanto no interior, Cruzeiro do Sul (19). O mesmo panorama foi constatado em Rondônia. No Amapá somente o item *balanço* foi registrado nas duas localidades consultadas.

Do ponto de vista regional, as formas *balanço* e *gangorra* se destacam na região norte. *balanço* obteve mais frequência (52%) que *gangorra* (34%). Este item não foi documentado em oito localidades: Oiapoque (01), Macapá (02), Almeirim (11), Itaituba (18), Manaus (06), Humaitá (08), Tefé (05) e Benjamin Constant (07). No entanto, demonstrou vitalidade nos municípios fronteiriços com a região nordeste e centro-oeste como em Natividade (24), Pedro Afonso (23), Conceição do Araguaia (17) e Marabá (15). Essas localidades, em conjunto com Belém (12), Soure (09), Bragança (13) e Altamira (11) formam uma subárea onde *gangorra* apresenta forte ocorrência. *Balanço*, por seu turno, está distribuído por toda a região norte, à exceção da área fronteiriça citada, onde não ocorreu em Natividade, Pedro Afonso e Conceição do Araguaia. A carta demonstra que o uso de *balanço* ganha força depois desses pontos, tornando-se mais frequente e representativo do falar da região.

A observação dos dados em sua dimensão diagenérica está baseada no gráfico a seguir:

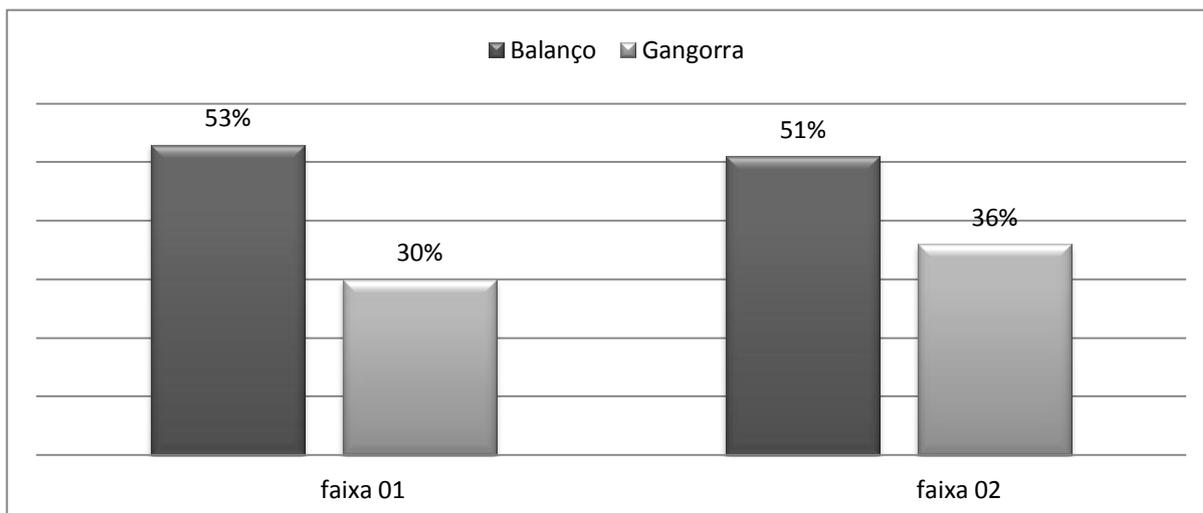
Gráfico 41: Frequência dos itens lexicais balanço/ gangorra – dimensão diagenérica.



O gráfico demonstra a preferência dos falantes de ambos os sexos pelo item *balanço*. Os homens citaram essa forma lexical em 54% de suas respostas e as mulheres em 49% de seus dados. Mesmo tendo valor relativo menor, o item lexical *gangorra* tem frequência considerável entre os gêneros, 29% entre os homens e 38% entre as mulheres. As duas formas parecem ser utilizadas pelos dois sexos mas, como já dito, *balanço* tem um pouco mais da preferência de ambos.

O próximo gráfico mostra os resultados em relação ao nível diageracional:

Gráfico 42: Frequência dos itens lexicais balanço/gangorra – dimensão diageracional.



Com relação à idade dos informantes, o item *balanço* foi o mais utilizado tanto pela primeira como pela segunda faixa etária. Os mais jovens o empregaram em 53% dos seus

dados, enquanto que os mais velhos em 51%. Esses números confirmam *balanço* como a forma lexical preferida no norte para nomear o brinquedo, porém, *gangorra* tem presença na região e as duas faixas etárias demonstram fazer uso do item.

O quadro a seguir trás o resultado da pesquisa feita em dicionários:

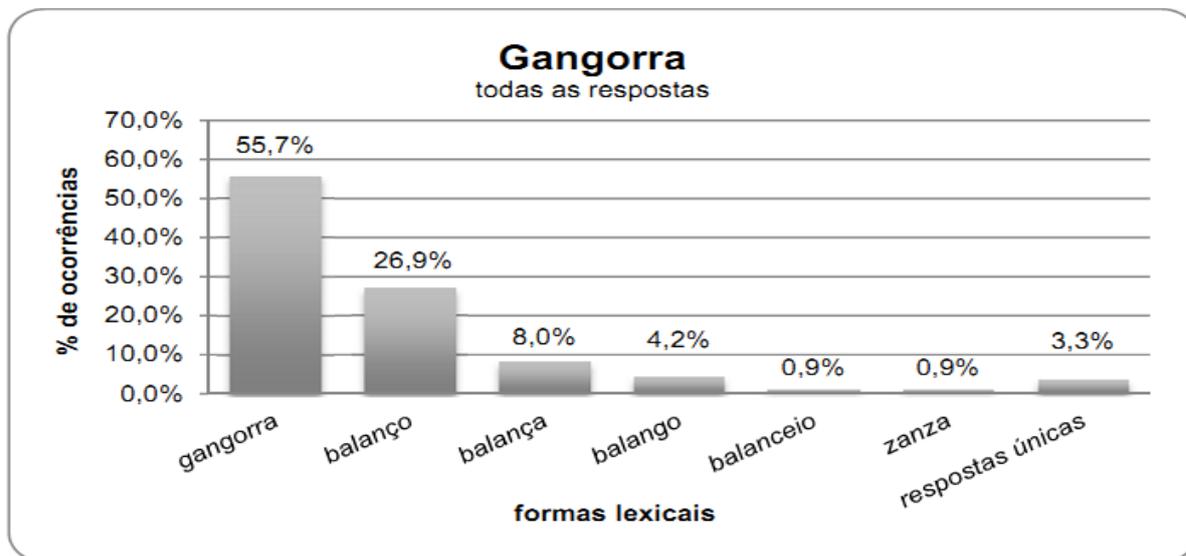
Quadro 23: Resultado da pesquisa em dicionários do item lexical *gangorra*

Item lexical	Caldas Aulete	Houaiss	Aurélio
Balanço	+	+	+
Gangorra	+	+	+
Pula talba	-	-	-
burrica	+	-	outra acepção
Capa sapo	-	-	-
Sobe e desce	-	-	outra acepção
Brincadeira de talba	-	-	-
Baixa e levanta	-	-	-
Elevador	-	-	-
João Galamarte	-	+	-
balancinho	-	-	-

*Gangorra* e *balanço* estão registrados nos três dicionários consultados, mas *balanço* tem definição que difere da brincadeira descrita no QSL, pois nele o movimento do brinquedo se dá para cima e para baixo, enquanto que nos dicionários acontece para frente e para trás. Essa diferença pode indicar que os usuários fazem uma generalização nomeando brinquedos diferentes da mesma forma. Além disso, a forma física de *balanço*, nos dicionários, não é a mesma do brinquedo descrito no QSL. A forma *burrica* é definida como uma variação de *gangorra* no Caldas Aulete e restringe o seu uso ao estado de Pernambuco. Destaca-se também o registro de *João Galamarte* no dicionário Houaiss com a mesma acepção de *gangorra* restringindo seu uso ao norte do Brasil, porém os dados da pesquisa mostram que o item foi registrado apenas uma vez na região, em Altamira (14), no Pará.

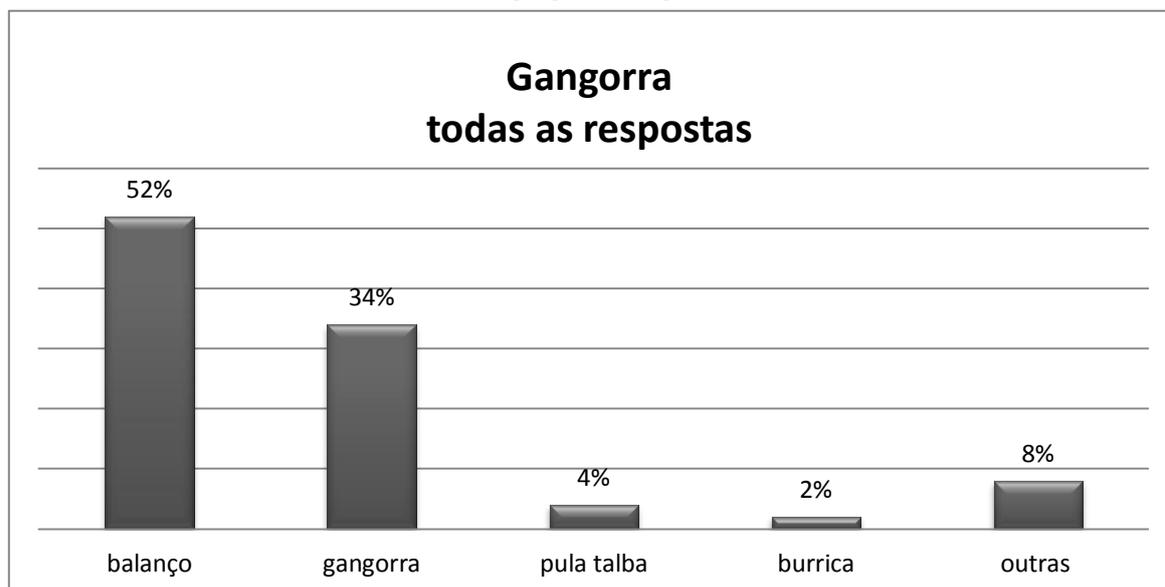
A seguir estão os gráficos relativos aos dados da área do falar baiano e da região norte para se confrontar os resultados das duas áreas:

Gráfico 43: Percentuais das formas lexicais de gangorra – área do falar baiano.



Fonte: Ribeiro (2012).

Gráfico 44: Percentuais das formas lexicais de gangorra – região norte



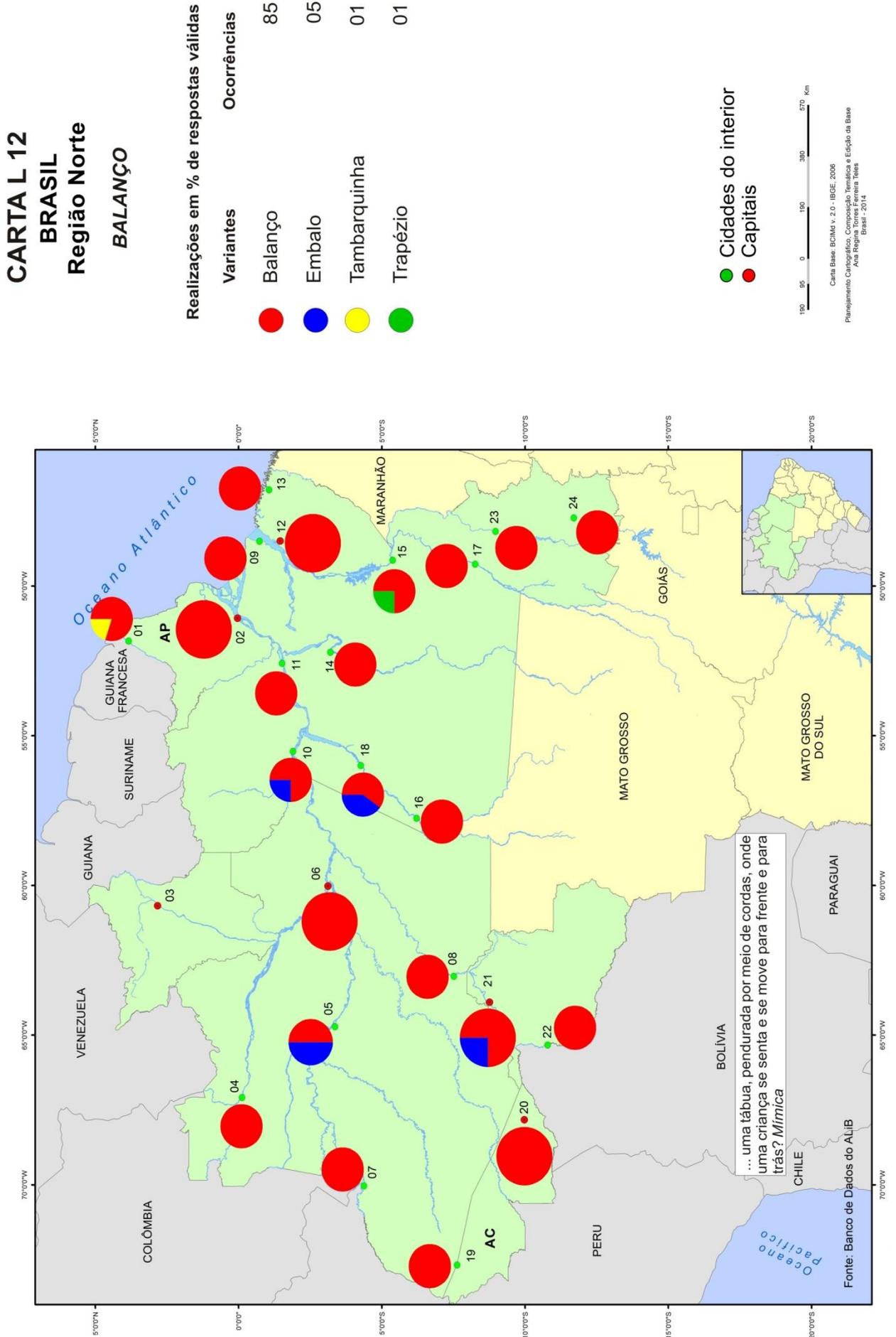
A região norte e a área do falar baiano utilizam as duas formas mais recorrentes para designar o brinquedo, *gangorra* e *balanço*, porém, diferem quanto a preferência por uma ou outra forma. Os dados demonstram que *gangorra* é o item mais utilizado na área do falar baiano, onde representou 55,7% das respostas, cabendo à *Balanço* cerca da metade desse

valor: 26,9%. Na região norte, ao contrário, o item lexical mais frequente foi *balanço* com 52% do total dos dados, seguido de *gangorra* que representou 34%.

### 3.12 CARTA LEXICAL 12: BALANÇO

A análise do item lexical *balanço* será baseado na carta que segue:

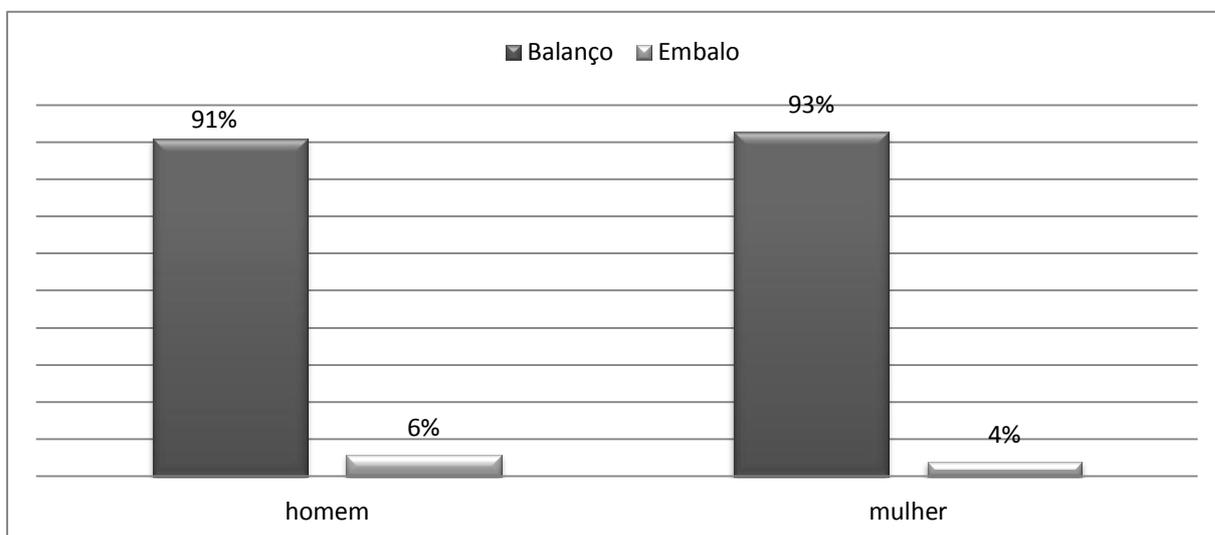
Figura 15: carta lexical do item balanço



Em termos locais as cinco capitais pesquisadas documentaram a mesma forma lexical ocorridas nas cidades do interior: *balanço*. Este item foi comum em toda a região norte e representou 91% dos dados coletados. A variante *embalo* foi registrada em quatro localidades mas as mesmas não constituem uma subárea de apenas um estado, assim está presente em Óbidos (10) e Itaituba (18) no Pará, Tefé (05) no Amazonas, Porto Velho (21) em Rondônia. Reitera-se que o item *balanço* está distribuído ao longo de toda a região norte e representa o seu falar no que concerne à nomeação do brinquedo analisado.

Do ponto de vista social segue o gráfico com o resultado diagenérico:

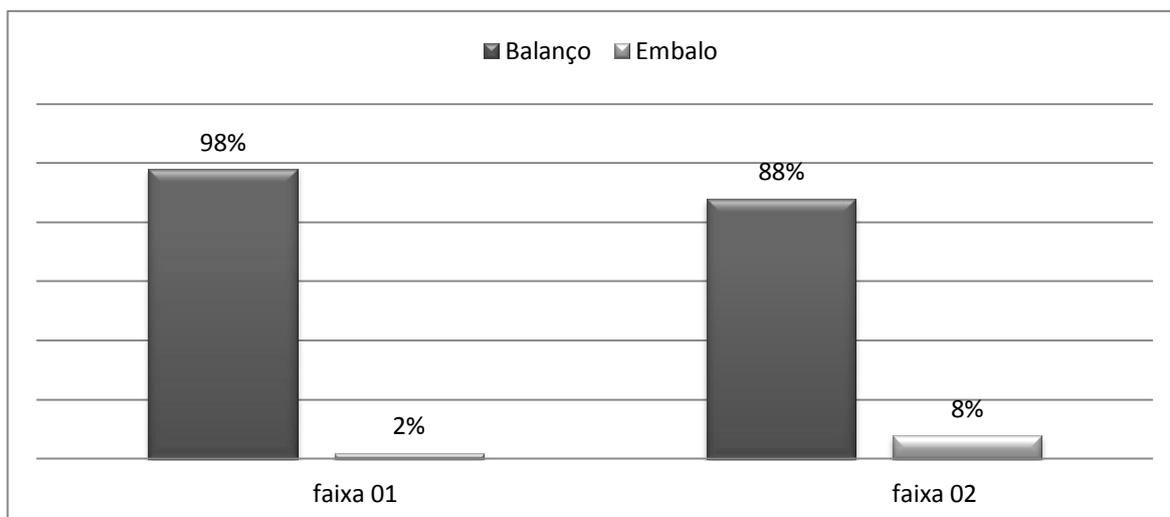
Gráfico 45: Frequência do item lexical balanço – dimensão diagenérica.



O gráfico confirma a forma lexical *balanço* como a mais usada na região tanto por homens quanto por mulheres. O uso de *embalo* tem valor relativo muito baixo em comparação a *balanço*, que atingiu 91% das respostas masculinas e 93% das femininas. Dessa forma, observa-se que sob o prisma diagenérico, não houve diferença entre a fala de homens e mulheres nortistas nos dados analisados.

O próximo gráfico mostra o resultado na perspectiva diageracional:

Gráfico 46: Frequência do item lexical balanço – dimensão diageracional.



A preferência pela variante *balanço* acontece também quanto a questão da idade. Tanto os falantes mais velhos como os mais jovens forneceram um valor relativo considerável do item, ou seja, 98% para a primeira faixa etária e 88% para a segunda.

As dicionarizações dos dados documentados estão apresentados no quadro que segue:

Quadro 24: Resultado da pesquisa em dicionários do item lexical balanço.

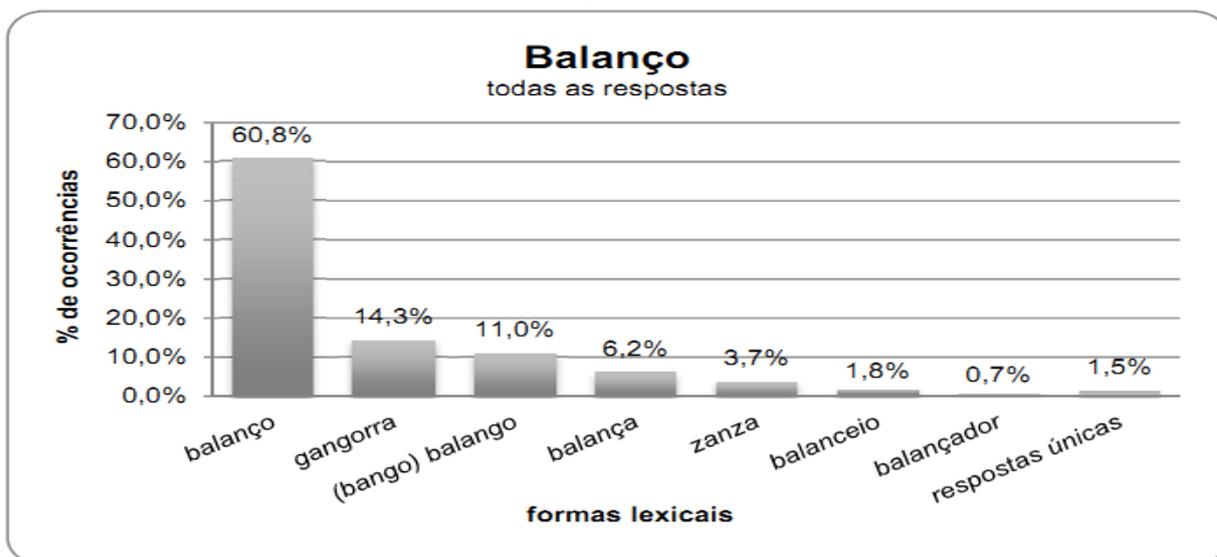
Item lexical	Houaiss	Aurélio	Caldas Aulete
Balanço	+	+	+
Embalo	+	+	+
Tambarquinha	-	-	-
Trapézio	outra acepção	+	outra acepção

O item *balanço* está presente nos três dicionários consultados e parece ser uma forma lexical comum para nomear o brinquedo. A variante *embalo* também consta nos dicionários com a acepção do brinquedo infantil. Por outro lado, *tambarquinha* não foi encontrado em nenhum dos dicionários, porém, convém mencionar que a frequência do termo na região norte foi de apenas uma ocorrência, no município do Oiapoque. O item *trapézio* está registrado nos três dicionários, mas com definição em dois deles (Houaiss e Caldas Aulete) que não remete ao brinquedo, porém, supõe-se que o falante fez uma analogia do brinquedo com um certo aparelho de ginástica denominado *trapézio* que assim é definido no Houaiss, por exemplo:

*aparelho de ginástica com duas cordas verticais, reunidas, nas extremidades, por uma barra cilíndrica.*

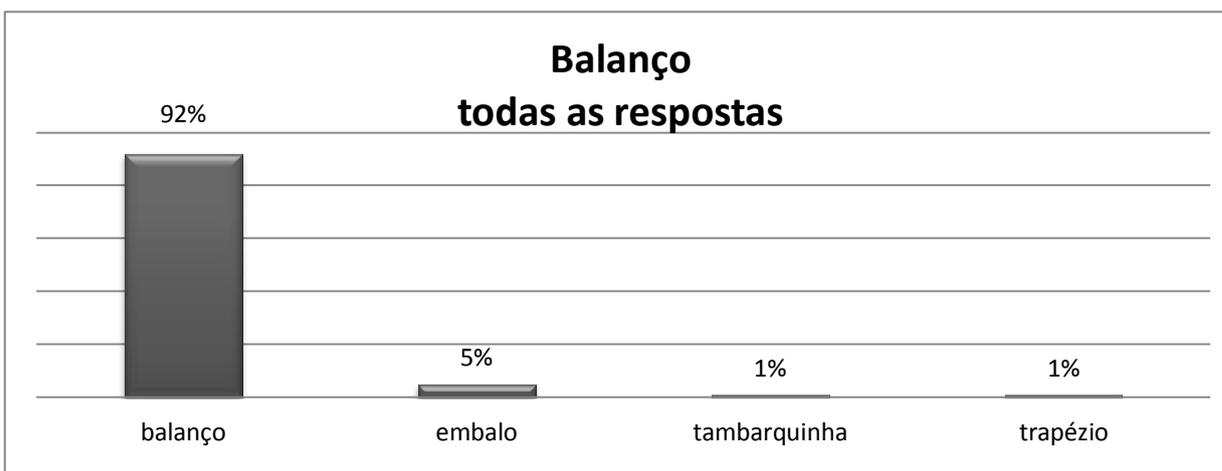
Para a comparação dos dados registrados na região norte aos dados da área do falar baiano, apresentamos os seguintes gráficos:

Gráfico 47: Percentuais das formas lexicais de balanço – área do falar baiano.



Fonte: Ribeiro (2012).

Gráfico 48: Percentuais das formas lexicais de balanço – região norte.



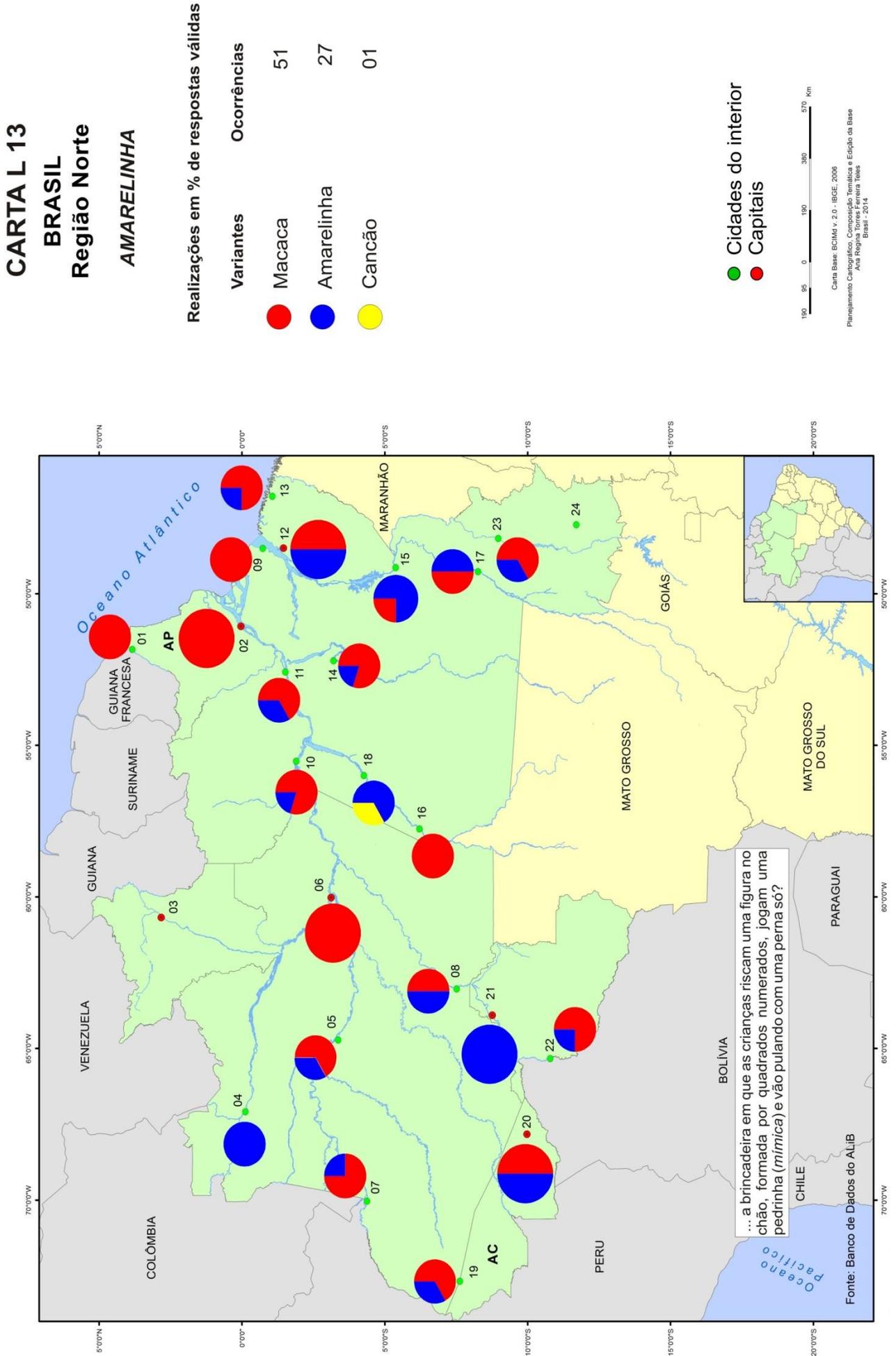
A região norte e a área do falar baiano apresentaram a variante *balanço* como a mais frequente para nomear o brinquedo infantil em questão. Na área nordestina, 60,8% das respostas foram para esta forma e na região norte 92% correspondem ao item. Afora o item

lexical comum às duas regiões, a área nordestina apresentou outros que não foram registrados na região norte, como *gangorra* (14,3%), *bango/balango* (11%) e *zanza* (3,7%). Do exposto, conclui-se que *balanço* é a forma que caracteriza o falar tanto da região norte como da área do falar baiano.

### 3.13 CARTA LEXICAL 13: AMARELINHA

A análise do item lexical *amarelinha* está apoiada nos dados da próxima carta:

Figura 16: carta lexical do item amarelinha



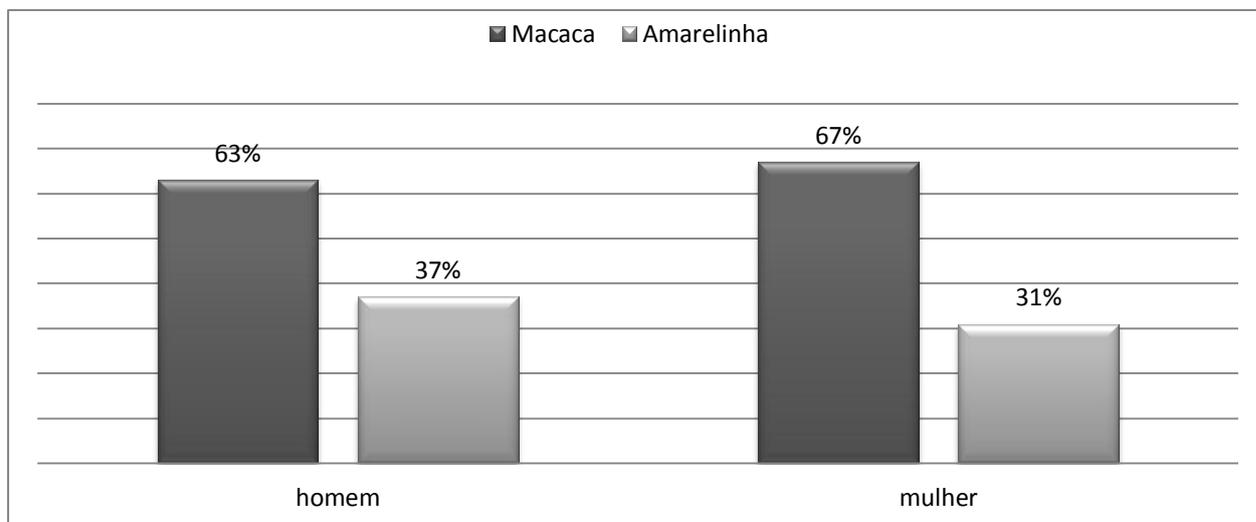
Do ponto de vista local, Belém apresenta as mesmas formas registradas no interior do Pará: *macaca* e *amarelinha*. Em conceição do Araguaia (17), Marabá (15) e Itaituba (18) o item *amarelinha* foi mais recorrente, enquanto que nos outros municípios, *macaca* teve a preferência dos informantes. No Amazonas, as cidades de Tefé (05), Benjamin Constant (07) e Humaitá (08) registraram *macaca* e *amarelinha*, mas São Gabriel da Cachoeira (04) documentou somente *amarelinha*. No Amazonas, Manaus (06) registrou somente o item *macaca*. No interior do estado, além de *macaca*, documentou-se *amarelinha* nos quatro municípios investigados. No Acre, as duas localidades apresentaram formas lexicais comuns, *macaca* e *amarelinha*. Em Rondônia, *amarelinha* foi o item recorrente na capital Porto Velho (21) enquanto que Guajará Mirim (22) demonstrou preferência por *macaca* embora registre *amarelinha*. No estado do Amapá, somente *macaca* foi documentado tanto na capital quanto no interior.

Regionalmente, *macaca* e *amarelinha* estão distribuídos pelo norte, mas os números mostram que *macaca* é o item mais representativo da região com 65% do total de ocorrências. *Amarelinha* obteve 34% dos valores dos dados.

A respeito de subáreas com unidades lexicais comuns, registra-se a forma *macaca* que foi o único item registrado em três pontos de inquérito no nordeste da região norte, nas localidades de Oiapoque (01), Macapá (02) e Soure (09).

Com relação ao aspecto social segue o gráfico que demonstra os resultados na perspectiva diagenérica:

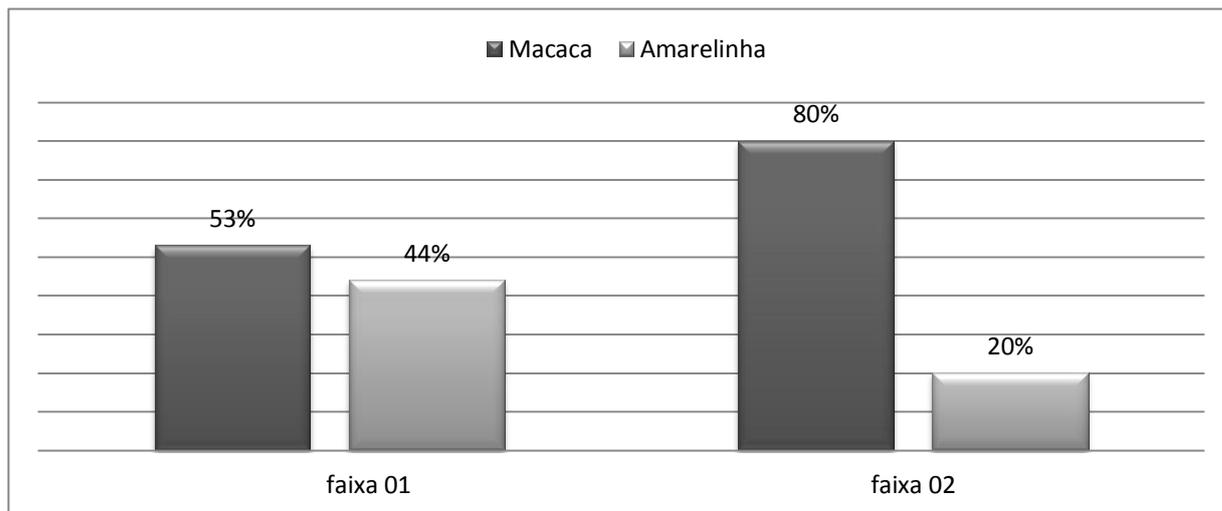
Gráfico 49: Frequência do item lexical *amarelinha* – dimensão diagenérica.



Os dados deixam transparecer que o item lexical *macaca* é o mais utilizado tanto por homens quanto por mulheres nortistas. O sexo masculino citou o item em 63% de seus dados e o feminino em 67%. À *amarelinha* coube 37% das respostas dos homens e 31% das mulheres.

O gráfico seguinte traz os resultados da dimensão diageracional:

Gráfico 50: Frequência do item lexical amarelinha – dimensão diageracional.



A perspectiva diageracional aponta para a preferência dos falantes mais velhos pelo item *macaca*, pois 80% da frequência de seus dados foi dessa forma lexical, enquanto que 20% foi para *amarelinha*. Os informantes mais jovens oscilam entre o uso de *macaca* (53%) e *amarelinha* (44%). Dessa forma, nota-se que há diferença entre falantes mais jovens e mais velhos da região norte. Estes preferem o item *macaca*, aqueles variam entre o uso de *amarelinha* e *macaca*.

Para se observar a dicionarização dos itens lexicais documentados na região norte relativos à brincadeira infantil *amarelinha* apresentamos o próximo quadro:

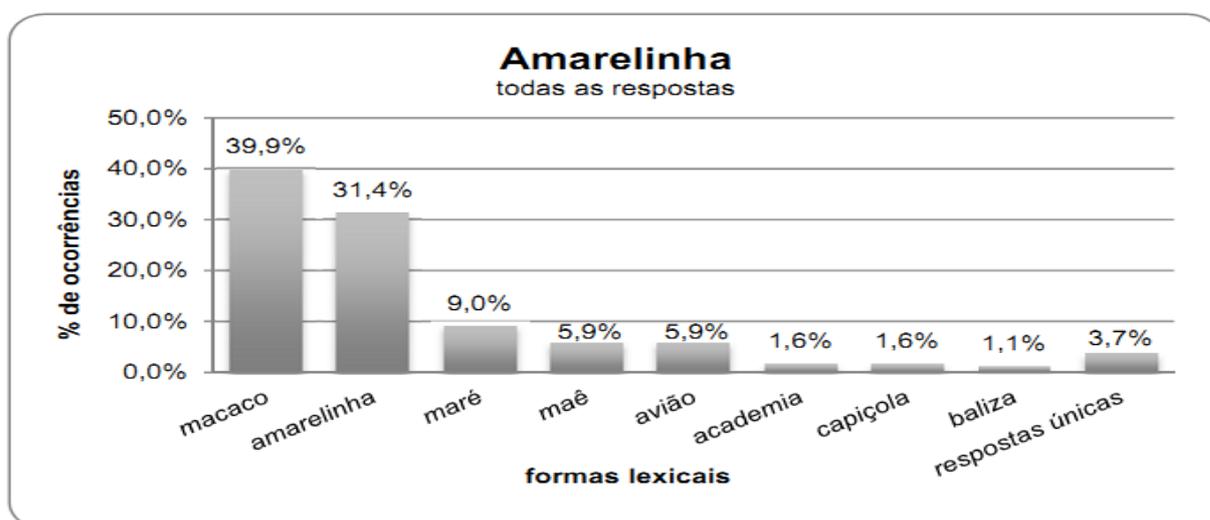
Quadro 25: Resultado da pesquisa em dicionários do item lexical *amarelinha*.

Item lexical	Houaiss	Aurélio	Caldas Aulete
Macaca	outra acepção	+	+
Amarelinha	+	+	+
Cancão	outra acepção	-	outra acepção

As três formas atestadas na região norte estão registradas nos dicionários consultados. O item lexical *macaca* está documentado como a brincadeira infantil no Aurélio e Caldas Aulete, o qual aponta o item como de uso Lusitano. No Houaiss *macaca* está definido com outra acepção. *Amarelinha*, por sua vez, está presente nos três dicionários com o sentido do folgado infantil. O item *cancão* não foi encontrado no Aurélio e, no Houaiss e Aulete, tem definição diversa da brincadeira, referindo-se a um certo tipo de ave do Brasil.

Os próximos gráficos demonstram os itens comuns à área do falar baiano e à região norte:

Gráfico 51: Percentual das formas lexicais de amarelinha – área do falar baiano



Fonte: Ribeiro (2012).

Gráfico 52: Percentual das formas lexicais de amarelinha – região norte.



Os dados da área do falar baiano e da região norte demonstram que ambas utilizam o termo *amarelinha* em suas interações. No norte o dado obteve 34% de frequência e na área nordestina 31,4%. A forma mais utilizada nas duas regiões apresenta variação morfológica em sua constituição. No norte os falantes enunciaram *macaca*, na área do falar baiano foi registrado *macaco*. Guardada essa diferença, *macaco* obteve 39,9% de frequência e *macaca* 65%. Outras formas lexicais foram peculiares somente à área do nordeste como *maré* (9%), *maê* (5,9%), *avião* (5,9%), *academia* (1,6%), *capiçola* (1,6%) e *baliza* (1,1%).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho apresentamos e discutimos aspectos relacionados ao falar da região norte do Brasil no que concerne à variação semântico lexical no campo semântico “Jogos e Diversões Infantis” utilizando os dados do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Tomamos como aporte teórico para o desenvolvimento da pesquisa os conhecimentos da dialetologia pluridimensional a qual leva em consideração em suas análises aspectos geográficos e sociais.

Os objetivos propostos para a execução deste trabalho levaram a observar os dados com o intuito, como já dito, de se verificar a variação semântico lexical na região norte, assim como comparar tais dados com os resultados da variação semântico lexical da área do falar baiano, resultado da tese de Ribeiro (2012). Além disso, verificamos a dicionarização dos itens lexicais registrados na região norte e mostramos também a variação lexical sob a perspectiva social, idade e sexo.

A respeito da variação semântico-lexical na região norte sob a ótica diatópica, os resultados alcançados indicam que os falares da região apresentam itens lexicais peculiares à essa área do Brasil os quais ocorrem concomitantemente com formas que caracterizam o falar nacional. Como exemplo, temos os itens *carambela* (QSL – 155) que ocorre ao lado de *cambalhota*, *curica* (QSL – 159) ao lado de *pipa* e *pira* (QSL – 162) ao lado de *pega-pega*. Ademais, a análise diatópica dos itens lexicais deixou transparecer subáreas na região norte onde formas lexicais em comum ocorrem com frequência. Destacamos a região sudoeste que abrange os pontos de inquérito 15 (Marabá), 17 (Conceição do Araguaia), 23 (Pedro Afonso) e 24 (Natividade). Ainda a região nordeste que inclui os pontos 12 (Belém), 09 (Soure), 02 (Macapá), 01 (Oiapoque) e 13 (Bragança).

A dimensão social revelou particularidades em relação ao uso de algumas formas como *carambela* que foi preferida pelos falantes mais velhos ao passo que os mais jovens tendenciaram a usar *cambalhota*. Outrossim, a dimensão diagenérica demonstrou pouca diferença entre as formas utilizadas por homens e mulheres.

A verificação em dicionários dos itens lexicais documentados na região norte mostra que muitos desses itens não estavam elencados nos dicionários consultados.

A comparação dos dados da região norte com os da área do falar baiano mostrou léxicos em comum e peculiaridades de cada região como *peteca* no norte e *gude* na área nordestina (QSL – 156)

As análises feitas mostram que a região norte possui um conjunto lexical bastante significativo do ponto de vista da variação diatópica e apresenta pontos de inquéritos que possuem léxicos em comum e que não ocorrem em outros pontos da região, conforme já frisado. A variedade lexical da região norte ainda precisa de ser mais conhecida e documentada para se contribuir com outros ramos dos conhecimentos como a lexicografia, por exemplo, para que as informações em dicionários sejam mais fiéis ao modo de falar nortista. A título de ilustração, temos o termo *peteca* que nos dicionários consultados não é registrado como a “bolinha de vidro com que as crianças gostam de brincar” mas somente como a versão de couro com penachos nas pontas. O termo *baladeira* no dicionário Houaiss é registrado como item comum em Pernambuco e Amazonas, mas os dados da pesquisa atestam o termo por toda a região norte.

Esperamos que a pesquisa tenha apontado trilhas a percorrer e trazido a reflexão pontos que possam dar início a outros estudos com mais fôlego, assim como contribuído para o conhecimento das peculiaridades do falar do norte do Brasil no nível lexical.

## REFERÊNCIAS

ALTINO, Fabiane Cristina de. **Atlas Linguístico do Paraná II**. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007 693p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina.

AMARAL, A. **O Dialeto Caipira**. São Paulo: Secretaria de Ciência, Cultura e Tecnologia (HUCITEC), 1976.

ARAGÃO, M. do S. da S. de. **Os estudos dialetais e a geolinguística no Brasil**. Bucuresti: R. R.L, L III, 1-2, 2008. p. 125-140.

\_\_\_\_\_. **Atlas Linguístico da Paraíba** In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. (org.) A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer: Londrina: EDUEL, 2005, p. 73-100.

BRANDÃO, S. F. **A Geografia Linguística no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CALLOU, D. **Quando Dialectologia e Sociolinguística se encontram**. Estudos Linguísticos e Literários - Salvador, n 41, p. 33-35, jan/jun, 2010. Programa de Pós-Graduação em língua e cultura, UFBA.

CARDOSO, S. A. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

\_\_\_\_\_. **Sergipe: um estado com dois Atlas** In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. (org.) A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer: Londrina: EDUEL, 2005, p.101-135.

\_\_\_\_\_; MOTA, J. A. **Projeto Atlas Linguístico do Brasil: antecedentes e estágio atual**. São Paulo: Alfa, 2012. p. 885-870.

CASTRO, V. S. **O “r” caipira em Mato Grosso do Sul - estudo baseado no ALMS, Atlas linguístico do Mato Grosso do Sul**. São Paulo: Estudos Linguísticos, 2013. p. 566-575.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (Brasil). **Atlas Linguístico do Brasil: questionários**. Londrina: Ed. UEL, 2001

COSERIU, E. **Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística**. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

COSTA, G. B. da. **Variação lexical no Atlas Linguístico do Paraná: motivações semânticas**, Bahia: Revista Inventário, 11<sup>a</sup> ed., 2012.

Dicionário Aurelio-on-line disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/dicionario-aurelio-online/> acesso em: 25 nov. 2014.

Dicionário Caldas Aulete. Disponível em <<http://www.aulete.com.br/>> acesso em: 30 nov. 2014

Dicionário Houaiss. Disponível em <<http://www.dicio.com.br/houaiss/>> acesso em: 10 dez. 2014.

DOWNES. W. **Language and society**. 2nd ed. Cambridge: University Press, 1998.

ELIZAINCÍN, A. **Socio y geolinguística: Nueva alianza em los estudios sobre el uso lingüístico**. In: Estudos Linguísticos e Literários, nº 41, Salvador: Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, 2010. p. 14-28

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. A dialetologia no Brasil. São Paulo: Contexto, 1994.

GUEDES, R. J. da C. **Variação lexical em quatro municípios da mesorregião metropolitana de Belém**. Belém: Universidade Federal do Pará. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará.

\_\_\_\_\_. **Estudo geossociolinguístico da variação lexical na zona rural do estado do Pará**. Belém: Universidade Federal do Pará: 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Pará.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - (IBGE) - <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php> - acesso em: 15 de ago 2014.

ISQUERDO, A. N.; ROMANO, V. P. **Discutindo a dimensão sociolinguística do projeto ALiB: uma reflexão a partir do perfil dos informantes**. São Paulo: Alfa, 2012. p. 891-916.

LABOV, W. **The social stratification of (r) in New York city department stores, sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania press. 1972, p. 43-54.

LIMA Luciana Gomes de. **Atlas fonético do entorno da baía de Guanabara**. 2v. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Departamento de Línguas Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**, 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MOTA, JACIRA ANDRADE. A dialectologia na Bahia IN: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.) **A geolinguística no Brasil: Trilhas seguidas caminhos a percorrer**. Londrina: EDUEL.2005. p. 22-44.

MOTA, J.A.; CARDOSO, S.A.M. **Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros** IN: \_\_\_\_\_ (orgs.) Documentos 2: projeto atlas linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006

OLIVEIRA, A. M. P. P. de, ISQUERDO, A. N. (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.

OLIVEIRA, D. P. de. **O atlas linguístico do Mato Grosso do Sul**. Londrina: SIGNUM - estudos linguísticos, nº 9/2, 2006. p. 169-183.

PAIM, M. M. T. **Um olhar sobre o léxico do projeto ALiB**. Itabaiana: Revista Interdisciplinar, v. 14, 2011.

PONTES, I. **Atlas Linguístico do Brasil (ALiB): perspectivas teórico-metodológicas**. Maringá: Acta Scientiarum, 2000. p. 16.

RAZKY.A. **Atlas linguístico sonoro do Pará - ALISPA 1.1**. Belém: CAPES/UFPA/UTM/, 2004.

\_\_\_\_\_. **A dimensão sociodialetal do léxico no projeto Atlas Linguístico do Brasil**. SIGNUM: Estudos Linguísticos do Brasil. Londrina. n.16/2, p. 247-270, dez.2013.

RAZKY, A.; COSTA, E. O. da; OLIVEIRA, M. B. de. **Variação de “cigarro de palha” no Atlas Linguístico do Brasil**. In: RAMOS, C. de M. de A. *et al* (org.). Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas. Homenagem a Socorro de Aragão. São Luís: EDUFMA, 2010.

\_\_\_\_\_; LIMA, A. F. de. Estudos lexicais e socioterminológicos no estado do Pará. In: Suzana Cardoso, Salah Mejri, Jacira Mota (org.). **Os dicionários: fontes, métodos e novas tecnologias**. Salvador: Vento Leste, 2011.

\_\_\_\_\_. (org.). **Estudos geo-sociolinguísticos do Pará**. Belém: Grafia, 2003.

\_\_\_\_\_. O Atlas geo-sociolinguístico do Pará: Abordagem metodológica. In: AGUILERA (org.). **A Geolinguística no Brasil: Caminhos e perspectivas**. Londrina: UEL, 1999.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do falar baiano**. 2012. 3v. Bahia: 2012. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Instituto de Letras – UFBA.

ROMANO, V. P. **Balço crítico da geolinguística brasileira e a proposição de uma nova divisão**. Londrina: Entretexo, v. 13, n.02, 2013. p. 203-242.

SOUZA, G. T. de. **Atlas linguístico do Acre: cartas fonéticas da região do Purus**. Rio Branco, Universidade Federal do Acre: 2009. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade) - Departamento de Letras, Universidade Federal do Acre.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa** - Rio de Janeiro - Tradução Celso Cunha. Martins Fontes, Digital Source, 1982.

THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY (21. : 1995 : Palermo). Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen : Niemeyer, 1998. v. 5, p. 701-729, incluindo resumo dos tópicos principais da seção 5, p. 787-789.

TRUDGILL, P. **Dialect contact, dialectology, and sociolinguistics**. Cadernos de Filologia Inglesa, vol. 8, 1999. p. 1-8.